



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO PÚBLICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE**

GEYZA LEYDE CAMELLO LUSTOSA

**AVALIAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (2010-2015)**

**Recife
2018**

GEYZA LEYDE CAMELLO LUSTOSA

**AVALIAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (2010-2015)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em Gestão Pública.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Vasconcellos Modenesi.

**Recife
2018**

GEYZA LEYDE CAMELLO LUSTOSA

**AVALIAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (2010-2015)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Mestrado Profissional em
Gestão Pública para o Desenvolvimento
do Nordeste, da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: 07 maio de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Vasconcellos Modenesi (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Denilson Bezerra Marques (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. José Luiz Alves (Examinador Externo)
Universidade de Pernambuco

Prof. Dr. Denilson Bezerra Marques (Coordenador do Mestrado)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Quando você tem um sonho e acredita no que Deus pode fazer na sua vida.

No momento que estava cursando Secretariado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), inspirada em alguns professores, direcionei meus estudos para fazer mestrado no futuro, não só pelo título, mas sim pela real razão de ensinar. Mestre para passar conhecimento para as pessoas de maneira simples e empolgante, sendo palestrante, ministrante de cursos ou docente, transformando a informação em algo praticável e absorvível. Quando finalizei o curso, em 2006, tudo que foi construído academicamente foi convertido na minha aprovação no concurso público na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como secretária executiva. Agora passaria para mais uma etapa profissional e pessoal, indo trabalhar na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, em Serra Talhada, PE.

Na nossa vida estamos sempre diante de conquistas, vitórias, momentos de aflição e desafios para vencer. E no momento em que passava por grande dificuldade, vem a aprovação do Mestrado. Confirmação que nossos esforços são recompensados, e como meu marido, José Rodrigo, falou: *“Ser bom no bom é fácil, mas ser bom no ruim é muito difícil”*. Mais uma vez acreditando na palavra de Deus. *“Deleita-te também no Senhor, e ele te concederá o que deseja o teu coração; entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará”* Salmos 37:4-5.

Dedico este mestrado primeiramente à Deus, que nos momentos de desafios me ensinou a ter fé e esperança, pois quando estamos no caminho certo, tudo coopera para fazermos o certo, com amor, ética, honestidade. Tendo sempre a perseverança para conquistar nossos objetivos.

Minha mãe, Gezilza Camello, sou muito grata pela sua dedicação e ensinamento, pois quando penso em força, determinação, garra, atitude e proatividade, seu exemplo de vida me motiva a ter foco nos meus objetivos, fazendo o melhor para mim e para os outros. Te amo, não existiria palavra melhor para significar minha gratidão por tudo.

Minha gratidão ao meu marido, José Rodrigo Ribeiro de Lima, que não é só um companheiro, mas sim um incentivador, que me ensinou a acreditar em mim e dá o meu melhor. O que eu posso lhe dizer é muito obrigada pelo que você é na minha

vida e do nosso filho, sempre bom pai, bom marido. Sou muito feliz com a nossa família. Que Deus te conceda grandes bênçãos. Te amo e sempre te amarei, meu eterno amigo, namorado e esposo.

Ao meu filho Samuel Camello, razão da minha vida, que cada dia me motiva a ser melhor mãe. Obrigada por me fazer sentir ser criança toda vez que brinco com você. Quando estou com você o tempo passa muito rápido e nossas aventuras são divertidas. Sempre te amarei. Desejo muita felicidade e que seus caminhos sejam na presença de Deus.

Agradeço aos meus professores do mestrado que contribuíram bastante com suas experiências e ensinamentos, possibilitando tudo que foi adquirido ser concretizado em nosso trabalho para o melhor funcionamento da gestão pública.

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Thiago Vasconcelos Modenesi que me aceitou como orientanda e acreditou no meu potencial. Sempre com muita atenção e dedicação ao meu trabalho, possibilitou a concretização da dissertação. Saiba que a vitória é sua também. Parabéns pela predisposição em realizar sonhos, que antes eram impossíveis de se realizar, e agora, algo real e concreto.

Agradeço ao Prof. Dr. Leucio Câmara Alves que me convidou a trabalhar na Assessoria de Cooperação Internacional, oportunizando a pesquisa da minha dissertação. Obrigada por ser um grande líder e me ensinar a acreditar nas pessoas e que podemos fazer nosso trabalho sempre com alegria no coração. Seu exemplo de grande professor, assessor, amigo e pessoa levarei por toda minha vida.

Agradeço ao Prof. Júlio Vila Nova que sua calma, simpatia, sabedoria e predisposição em ajudar as pessoas, participou ricamente no meu trabalho, sugerindo grandes contribuições para minha dissertação.

Agradeço aos meus amigos do mestrado, alguns que me aproximei mais outro ficaram mais distantes, mas todos com um objetivo de fazer o mestrado com maestria. Dificuldade para todos existem: uns têm problemas com a família, outros têm que trocar fralda do filho, outros trabalham em excesso, outros não têm cabeça para pensar, enfim, no final esperamos o sucesso de todos vocês. A minha amiga Lora, Nadja Macedo, que em sentido de ir em busca de conhecimento, estamos sempre juntas, na especialização, mestrado e talvez, doutorado, fazendo

com que nossa amizade seja fortalecida.

Meus agradecimentos aos entrevistados, pela disponibilidade de responder as perguntas de pesquisa, contribuindo para a concretização do meu trabalho.

Agradeço à UFRPE por possibilitar ao corpo técnico o mestrado e especialmente a todos que fazem à Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), Nathalia e João Marques de Almeida, que são companheiros e amigos em todos os momentos, sendo o mais importante, o relacionando embasado de confiança, honestidade e respeito uns aos outros.

E demais amigos e parentes que sempre torceram por mim, incentivando a ir em busca dos meus objetivos e nunca desistir dos meus sonhos.

O mundo é grande quando quer fazer algo para si, mas se torna pequeno quando se quer deixar um legado (informação verbal).¹ Palestrante José Rodrigo (2018).

¹ Informação do José Rodrigo em palestra proferida no dia 24 de março de 2018, no II Seminário de Liderança, realizado no Hotel *Golden Beach*, em Jaboatão dos Guararapes/PE.

RESUMO

A globalização nas últimas décadas proporcionou vários desafios nas áreas de educação, política, economia, em aspectos socioculturais, dentre outros. Diante disto, o Brasil cada vez mais está conquistando os mercados internacionais e vencendo os obstáculos da internacionalização, gerando parcerias governamentais e privadas, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento e avanço na ciência. O investimento em educação e tecnologia é imprescindível nesse processo para formação dos principais transformadores e pensadores da sociedade e para que essas pessoas possam vivenciar uma experiência internacional, interagir com outras culturas e apreender novas tecnologias, o país propicia oportunidades de mobilidade acadêmica. Neste ponto, o objeto do nosso estudo foi a Política Pública do Programa Ciência sem Fronteira, no período de vigência de 2010 a 2015, que teve como objetivo gerar oportunidades de mobilidade internacional para fomentar as pesquisas e melhorar a educação com a troca de experiência cultural, pessoal e científica. Desta forma, nosso objetivo geral foi analisar a relevância do programa de mobilidade internacional Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes de graduação da UFRPE, considerando os contextos socioculturais e educacionais envolvidos. Diante do exposto, realizamos uma pesquisa descritiva e exploratória com o intuito de analisar os reflexos da aprendizagem na formação dos estudantes da UFRPE. O trabalho foi embasado em conceitos educacionais e socioculturais com o aporte dos teóricos: Romanelli (2007), Saviani (2011), Libâneo (2005), Giddens (2012) e Hall (2015), estes constituem nosso lugar de reflexão. A partir dos dados coletados podemos analisar que os estudantes após a mobilidade acadêmica tiveram experiências educacionais que alavancaram sua educação continuada, vivenciaram a prática profissional na sua área, além de destacar a fluência no idioma, aumentando sua expertise para o mercado de trabalho. Outros benefícios foram identificados como amadurecimento pessoal e desenvolvimento em relacionamentos socioculturais, pois com esta experiência se incentivou os estudantes a irem em busca dos seus objetivos e vencer os desafios. Por outro lado, a Universidade teve seu papel importante de acompanhamento e orientação, porém necessitando cada vez mais melhorar seu apoio após a mobilidade.

Palavras Chave: Educação. Política pública. Internacionalização.

ABSTRACT

Globalization in the last decades provided several challenges to the areas of education, politics, economics, to sociocultural aspects, among others. In light of this, Brazil is increasingly conquering the international market, overcoming the internationalization barriers, establishing governmental and private partnerships, aiming at the developing and advancing of its science. Investment in education and technology is indispensable in the process of nurturing thinkers and transformers of society so that these people can live an international experience, interact with different cultures and learn new technologies, through the academic mobility opportunities created by the country. For this reason, the object of this study was the Public Policy of the Science without Borders Program, during the years of 2010 to 2015, which had the objective to generate opportunities of international mobility in order to foster research and improve education through cultural, personal and scientific exchange. This way, our main goal was to analyze Science without Borders relevance in the education for the undergraduate students of UFRPE, considering the sociocultural and educational contexts involved. In view of this, we've carried out a descriptive and exploratory research aiming at analyzing the reflexes of learning at the UFRPE students' formation. This work was based in educational and sociocultural concepts with the theoretical support of: Romanelli (2007), Saviani (2011), Libâneo (2005), Giddens (2012) and Hall (2015), which are the basis of our place of reflection. From the data collected we can conclude that, after the academic mobility, students had educational experiences that boosted their continued education, practiced their area of professional expertise, besides enhancing their second language skills, increasing their potential for the job market. Other benefits were identified, such as personal growth and development in sociocultural relationships, since through this experience the students were encouraged to pursue their objectives and overcome their challenges. On the other hand, the University, though having an important role at monitoring and guiding these students, lacked much improvement to better support the post-mobility period.

Key-words: Education. Public Policy. Internationalization.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Experiências nos Estados Unidos de Maria Gabriela em 2014: Adaptação climática	87
Imagem 2 Ë	Experiência na Austrália da aluna Éricka Dinu	94
Imagem 3 Ë	Experiência Estados Unidos . Contexto Sociocultural	111
Imagem 4 Ë	Evento: I <i>International Student´s</i>	113

LISTA DE FIGURA

Figura 1 -	Distribuição de Bolsas Implementadas por Instituição de Origem	73
-------------------	--	-----------

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 -	Dados levantados . Formulário de Depoimentos	62
Quadro 2 Ë	Categoria A . Experiências Acadêmicas	63
Quadro 3 Ë	Categoria B . Experiências Sociocultural	64
Quadro 4 Ë	Categoria C . Necessidades	65
Quadro 5 -	Ciência sem Fronteiras Bolsas concedidas	73
Quadro 6 Ë	Investimentos do CsF 2011-2015	74
Quadro 7 Ë	Experiências Acadêmicas: Aprendizagem	79
Quadro 8 Ë	Experiências Acadêmicas: Estrutura	82
Quadro 9 .	Experiência Sociocultural: Valor pessoal	84
Quadro 10 -	Experiência Sociocultural: Valor Cultural	85
Quadro 11 .	Necessidades Acadêmicas	88
Quadro 12 .	Necessidades Estruturais	91

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1-	Idioma estrangeiro	81
-------------------	--------------------	-----------

LISTA DE TABELA

Tabela 1 .	Educação Continuada	93
Tabela 2 .	Inserção no mercado	96
Tabela 3 .	<i>Expertise</i> acadêmica	96
Tabela 4 .	Aproveitamento de disciplina	97
Tabela 5 .	Aspectos Educacionais na formação profissional: Método Acadêmico	99
Tabela 6 .	Aspectos Educacionais na formação profissional: Qualidade de Ensino	99
Tabela 7 .	Aspectos Educacionais na formação profissional: Experiência prática	100
Tabela 8 .	Aspectos Educacionais na formação profissional: Estágio realizado	100
Tabela 9 .	Aspectos Educacionais na formação profissional: Disciplinas Cursadas	101
Tabela 10 .	Benefícios na Formação Profissional: Crescimento pessoal	102
Tabela 11 .	Benefícios na Formação Profissional: Proficiência no Idioma	103
Tabela 12 .	Benefícios na Formação Profissional: Experiência Cultural	104
Tabela 13 .	Benefícios na Formação Profissional: Relacionamentos interpessoais	104
Tabela 14 .	Benefícios na Formação Profissional: Aperfeiçoamento Acadêmico	105
Tabela 15 .	Benefícios na Formação Profissional: Contatos promissores	106
Tabela 16 .	Benefícios na Formação Profissional: Prática e estágios realizados	106
Tabela 17 .	Aspectos culturais e pessoais na Formação Profissional: Aperfeiçoamento da língua	107
Tabela 18 .	Aspectos culturais e pessoais na Formação Profissional: Desafios pessoais	108
Tabela 19 .	Aspectos culturais e pessoais na Formação Profissional: Diferenças culturais	110
Tabela 20 .	Recepção da UFRPE	114
Tabela 21 .	Desafios para UFRPE	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Assessoria de Cooperação Internacional
AGEE	Agenda Globalmente Estruturada para a Educação
ANUIES	Associação Nacional de Universidades e Instituições de Ensino Superior do México
BRAFAGRI	Programa Parcerias Universitárias Binacionais, o Programa Brasil França Agricultura
BRAMEX	Programa Brasil México
CAPES	Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCT	Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e informática
CEMC	Cultura Educacional Mundial Comum
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CsF	Ciência sem Fronteiras
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIPSE	<i>Fund for the Improvement of Post Secondary Education</i>
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
GCUB	Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
IsF	Programa Inglês sem Fronteiras/Programa Idiomas sem Fronteiras
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério de Educação
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
PLI	Programa de Licenciaturas Internacionais
PREG	Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidade Federais
SESU	Secretária de Educação Superior

TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
TCUI	Termo de consentimento de uso de imagem
TOEFL	<i>Test of English as a Foreign Language</i>
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1	CONTEXTO EDUCACIONAL	28
2.1.1	História da Educação Brasileira	28
2.1.2	Do Estado para as Políticas Públicas em Educação	37
2.1.3	Da Educação para as Políticas Públicas de Internacionalização	42
2.1.4	A Internacionalização na Educação Superior	48
2.1.4.1	A Universidade Federal Rural de Pernambuco	51
2.2	CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOCULTURAL	53
2.2.1	A Sociedade e suas interferências socioculturais	54
3	PERCURSO METODOLÓGICO	60
4	APRESENTAÇÃO DO CASO DE ANÁLISE	68
4.1	PROGRAMA DE MOBILIDADE INTERNACIONAL	68
4.1.1	Programa Ciência sem Fronteiras	69
4.2	ASPECTOS DA MOBILIDADE INTERNACIONAL NA VISÃO DOS ESTUDANTES	77
4.2.1	Experiências Acadêmicas	78
4.2.2	Experiência Sociocultural	83
4.2.3	Necessidades	88
4.3	MOBILIDADE INTERNACIONAL NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116

	REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE A -	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	130
APÊNDICE B -	TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM (TCUI)	131
APÊNDICE C-	QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	132
ANEXO A -	FORMULÁRIO DE DEPOIMENTOS DOS ESTUDANTES QUE VOLTARAM DA MOBILIDADE	135

1 INTRODUÇÃO

A globalização nas últimas décadas proporcionou vários desafios e conquistas frente às dificuldades de um país em desenvolvimento. O Brasil cada vez mais está conquistando os mercados internacionais e vencendo os obstáculos da internacionalização, gerando parcerias governamentais e privadas.

O investimento em educação e tecnologia é imprescindível nesse processo, visando potencializar o desenvolvimento da população. A educação tem um papel essencial na formação dos principais transformadores e pensadores da sociedade e, para que essas pessoas possam vivenciar uma experiência internacional, interagir com outras culturas e apreender novas tecnologias, o país deve propiciar oportunidades de mobilidade para estudantes, professores e pesquisadores, podendo trazer novas experiências e potenciais acadêmico, cultural e pessoal para a transformação da sociedade.

No caso brasileiro, com o objetivo de gerar oportunidades de mobilidade internacional para fomentar as pesquisas e melhorar a educação com a troca de experiência cultural, pessoal e científica, diversos programas de políticas públicas foram financiados, através de duas das principais agências de fomento do país: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dentre os principais programas estão: o Ciência sem Fronteiras (CsF) em Brasil (2010a), o Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI - Portugal e França), conforme Brasil (2010a), o Programa Brasil França Agricultura (BRAFRAGRI -França) em Brasil (2010b), o Programa Consórcio em Educação Superior entre Brasil e Estados Unidos (CAPES-FIPSE - Estados Unidos), em Brasil (2010b), o Programa de Parcerias Universitárias de Graduação em Língua Espanhola e Língua Portuguesa no Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) (Argentina) em Brasil (2010c) (ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, 2012).

Todos esses programas fizeram parte da implementação de políticas públicas de internacionalização da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que se adaptou para atender as oportunidades de mobilidade internacional, para que seus alunos, docentes, técnicos administrativos vivenciassem novos desafios

culturais e acadêmicos, contribuindo para torná-la, assim, uma instituição aberta ao fenômeno da globalização.

A política pública que foi analisada é o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), uma iniciativa do Governo Federal, através da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), lançado em 2010, e oficializado em 26 de julho de 2011, com a proposta de conceder 110 mil bolsas de estudos para mobilidade internacional, vindo a ser extinto em 2015, conforme Relatório nº 21 - Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e informática (CCT), de Avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras (BRASIL, 2015).

O programa tinha como objetivos: investir na formação de pessoal qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da ciência na sociedade do conhecimento; aumentar a presença de pesquisadores e vários níveis em instituições de destaque no exterior; promover a inserção das instituições brasileiras internacionalmente com abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; ampliar o espírito inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; atrair talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil (BRASIL, 2011a).

O Programa Ciência sem Fronteiras buscava promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileiras por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional, além de priorizar a melhoria do ensino em diversas áreas de atuação, como as Engenharias e demais áreas tecnológicas contempladas: Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde; Computação e Tecnologias da Informação; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos (BRASIL, 2011a).

Com público-alvo majoritariamente formado por estudantes de graduação, o

CsF promoveu uma oportunidade de complementar a formação de estudantes brasileiros em outros países, dando-lhes a chance de vivenciar experiências educacionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil.

Com a modalidade de bolsa chamada de Graduação Sanduíche², o estudante teve a possibilidade de incrementar os estudos, com a valorização do seu curso, através das disciplinas cursadas e da participação em projetos acadêmicos. Além disso, a experiência internacional, em situação de imersão numa outra cultura, representou um ganho adicional, com a consolidação do aprendizado de um novo idioma.

A implementação do Programa CsF como uma etapa importante do processo de internacionalização na educação, proporcionou várias oportunidades aos estudantes, pois além da troca de conhecimento para a sua formação, o aluno estava interagindo com o cenário acadêmico, cultural e social, fazendo com que a mobilidade fosse um grande desafio profissional e pessoal, pois estava adicionando novas competências no seu desenvolvimento.

No momento da mobilidade, os estudantes tinham direito a uma bolsa de estudo mensal no período de 1 (hum) ano, podendo prorrogar por mais 6 meses, incluindo auxílio instalação, saúde, deslocamento, conforme o Edital CsF (BRASIL, 2011a), o que lhe dava suporte para desenvolver seus estudos acadêmicos.

Esta política pública de mobilidade internacional buscava promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da educação, da inovação e da competitividade brasileira. E a partir desses incentivos, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) tiveram que se adaptar ao novo cenário e as Assessorias de Cooperação Internacional foram adaptadas ao CsF, para dar o suporte aos alunos em mobilidade e demais pesquisadores que desejassem realizar o processo de mobilidade.

É nesse contexto que situamos o apoio institucional da UFRPE, através da Assessoria de Cooperação Internacional, na orientação aos estudantes quanto a questão acadêmica, ao desenvolvimento profissional e os tramites da viagem, para

² Graduação Sanduíche é uma modalidade de Curso Superior em que o estudante realiza um período acadêmico da faculdade fora do país de origem, por meio de intercâmbio. Fonte: <<http://www.csf.campusfrance.org/pt-br/node/40>>. Acesso em: 10 Jun 2017.

que eles aproveitassem a oportunidade e superassem os desafios de vivenciar este período em outro país.

Na Universidade Federal Rural de Pernambuco, a Assessoria de Cooperação Internacional foi criada em 2007, como um setor ligado a Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade, e depois foi vinculado ao Gabinete do Reitor, sua finalidade precípua é ampliar e consolidar a internacionalização e os laços de cooperação interinstitucionais da UFRPE, através das seguintes atividades principais: Tramitação e acompanhamento dos diferentes documentos de cooperação firmados entre a UFRPE e instituições nacionais e internacionais; Orientações da UFRPE sobre a formalização de parcerias, programas de intercâmbio e oportunidades de bolsas; Atendimentos de orientação a alunos, professores e pesquisadores da UFRPE a respeito de oportunidades de bolsas, cursos e intercâmbios internacionais Assessoria de Cooperação Internacional (ACI).

A Assessoria de Cooperação Internacional (ACI) foi instituída com o objetivo de unificar as ações de cooperações internacionais vigentes na universidade, bem como estabelecer novos convênios, de acordo com as demandas institucionais, proporcionando à comunidade acadêmica oportunidades de usufruir da mobilidade como forma de fortalecer o desempenho acadêmico e fomentar experiências culturais, conforme Assessoria de Cooperação Internacional (ACI, 2012). Além disso, compete à ACI realizar o acompanhamento do aluno desde a preparação para a viagem, com orientações acadêmicas e culturais, preparando-o para enfrentar os desafios de vivenciar uma experiência noutro país, convivendo com uma cultura e uma língua diferentes. A ACI também recebe o aluno no retorno das atividades de mobilidade, verificando seu desempenho acadêmico e dificuldades apresentadas.

A realização deste trabalho é motivada pelo meu engajamento pessoal, com vínculo profissional à Assessoria de Cooperação Internacional desde 2012, período no qual se reestruturou este setor para atender as demandas da Universidade, principalmente pelo Programa CsF, com o remanejamento de vários servidores técnico-administrativos para o atendimento aos estudantes selecionados para o programa.

Nesse momento a Assessoria Cooperação Internacional (ACI) ressaltou seu desempenho na gestão 2011-2012 pelo índice de mobilidade internacional na

UFRPE, que era de 30 estudantes em 2011, alcançando em 2012 um crescimento de 300%, com estudantes que tiveram a oportunidade de vivenciar a mobilidade internacional, destacando o apoio Institucional e Federal, através da implantação do Programa Ciências sem Fronteiras, no ano de 2010. (ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, 2012).

Neste ponto, ressaltamos a importância de a Instituição Federal estar preparada para elaborar atividades que façam a abertura e o fechamento da mobilidade para que fortaleça a internacionalização. Este acompanhamento fez com que o que foi investido com o estudante retorne também para a Universidade que o enviou, como forma de garantir que a política realmente seja aplicada eficazmente, gerando benefícios para a vida profissional do discente egresso, para os demais potenciais candidatos à mobilidade e mesmo para os que não tenham a mesma oportunidade, de modo que todos sejam contemplados no processo de internacionalização.

Diante do exposto, realizamos um estudo descritivo e exploratório, com o tipo de pesquisa de campo realizada com os estudantes, com o intuito de analisar os reflexos da aprendizagem dos estudantes de graduação que estiveram em mobilidade internacional pela UFRPE, no seguinte período cronológico: 2010-2015, período de vigência do Programa CsF. Teoricamente Fundamentada em Azambuja (2001), Dias (2008) Romanelli (2007), Saviani (2011), Gomes (2011), Libâneo (2005); Giddens (2012) Hall (2015) e Bardin (2009) constituem nosso lugar de reflexão e ancorados nos documentos institucionais. Tendo como aporte a análise do conteúdo de Laurence Bardin (2009).

Com essa proposição buscamos analisar como os estudantes que participaram da mobilidade internacional, usufruindo de desafios linguísticos, culturais, sociais e educacionais, voltaram qualificados na sua formação, para se tornar profissionais mais preparados para atender às exigências de sua realização pessoal e do mercado.

Neste contexto, desenvolvemos um estudo concentrado na seguinte questão como problema de pesquisa: qual a relevância do programa de mobilidade internacional Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes de graduação da UFRPE, considerando os contextos socioculturais e educacionais envolvidos?

Entendemos que os estudantes tiveram esta oportunidade de mobilidade internacional voltada para sua formação profissional e acadêmica, e que sua dedicação proporcionou benefícios tanto para eles quanto para a instituição de origem, que cada vez mais se fortaleceram e consolidaram as políticas públicas de internacionalização na educação.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida tem como objetivo geral analisar a relevância do programa de mobilidade internacional Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes de graduação da UFRPE, considerando os contextos socioculturais e educacionais envolvidos.

A fim de cumprir esse objetivo, descrevemos o Programa Ciência sem Fronteiras e seus desdobramentos como política pública para o fortalecimento da internacionalização do Ensino Superior na UFRPE, para o entendimento de como este Programa foi instituído e realizado, no período de vigência de 2010 a 2015.

Também se somam aos objetivos específicos a verificação das dificuldades e benefícios dos estudantes de graduação da UFRPE no enfrentamento dos desafios da mobilidade internacional, a partir dos dados coletados pela Assessoria de Cooperação Internacional, no período de 2014 a 2016, dos estudantes que estiveram em mobilidade acadêmica nos anos de 2013 a 2015, no Programa Ciência sem Fronteiras.

E para que esses dados tenham também uma relevância após o retorno da mobilidade, mensuramos os aspectos socioculturais e educacionais envolvidos na mobilidade internacional do Programa Csf que impactaram na formação dos estudantes de Graduação da UFRPE.

Neste contexto, justificamos a relevância deste trabalho de pesquisa quando refletimos sobre o cenário das políticas públicas educacionais no tocante à internacionalização, que através de incentivos em educação e tecnologias do Governo Federal proporcionam bolsas de estudos para alunos vivenciarem o programa de mobilidade em outros países.

O Programa Ciências sem Fronteiras era uma política pública que teve como meta a ser alcançada 101.000 bolsas para brasileiros estudarem em diversos países do mundo, no período de 2010 a 2015, e que visava à elevação da qualidade da graduação, tendo como prioridade a melhoria do ensino em diversas áreas de

atuação, além da formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento. O CsF propôs também, aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior e promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros (BRASIL, 2011a).

Com as oportunidades de mobilidade incentivaram a Universidade investir na formação e capacitação em línguas estrangeiras, através da participação no Programa Idiomas sem Fronteiras. Aqui é importante mencionar que o programa foi criado em 2012 como Inglês sem Fronteiras, através da Portaria nº 1.466/2012, publicada no D.O.U de 19 de dezembro de 2012, Brasil (2012), no âmbito da Secretaria de Educação Superior (SESu), a partir do trabalho de um grupo de especialistas da área de Língua Inglesa. A partir de 2014, o Programa tornou-se Idiomas sem Fronteiras, através da Portaria nº 873/2014, publicada no D.O.U de 14 de novembro de 2014, Brasil (2014), sendo incorporados outros idiomas, para auxiliar estudantes de nível superior a terem acesso aos programas de mobilidade ofertados pelo Governo Federal.

O Programa tornou-se uma importante iniciativa para auxiliar no processo de internacionalização e para contribuir para o desenvolvimento de uma política linguística nas universidades brasileiras. A UFRPE tornou-se um Centro aplicador do teste de inglês para estrangeiros *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL) a partir de 2013, realizando com o apoio da ACI para atender às exigências dos países relacionados ao CsF, suprimindo a demanda de estudantes de graduação, pós-graduação, docentes e técnicos-administrativos da UFRPE.

Neste contexto, apontamos a relevância do trabalho, uma vez que seus resultados podem refletir no profissionalismo dos estudantes de graduação da UFRPE, que serão futuros profissionais, tornando-os mais capacitados no cenário internacional, completando sua formação com domínio e vivências culturais, sociais e educacionais diferenciados, gerando assim, profissionais mais preparados para o mercado de trabalho.

E para a instituição de origem UFRPE é uma forma de fomentar as políticas públicas de incentivos à educação, proporcionando um grande desafio de garantir à

sociedade uma educação potencializada, com estudantes mais qualificados e motivados com a perspectiva acadêmica e profissional do mundo.

A dissertação é composta por cinco capítulos. O primeiro com a introdução da temática e justificativa do trabalho, abordando a criação dos programas de mobilidade acadêmica, além das políticas públicas que embasaram as iniciativas e internacionalização das Instituições Federais do Ensino Superior.

O capítulo da fundamentação teórica, apresenta toda a discussão teórica da dissertação, englobando os seguintes temas: CONTEXTUALIZAÇÃO EDUCACIONAL: História da Educação Brasileira; Do Estado às Políticas Públicas em Educação; Da Educação para as Políticas Públicas de Internacionalização; Internacionalização da Educação Superior embasado pelos autores por Saviani (2011), Azambuja (2001), Dias (2008), Morosini (2014), Knight (1994), dentre outros; CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOCULTURAL: Interferências socioculturais, norteado por Hall (2015) e Giddens (2012). Esta reflexão deu subsídios para a categorização das análises de dados, refletindo nos aspectos socioculturais e educacionais envolvidos na mobilidade internacional do Programa Csf que impactaram na formação dos estudantes de Graduação da UFRPE.

No capítulo do percurso metodológico, propõe-se a construção metodológica que foi percorrida pela pesquisa. Delineando o nosso objeto de estudo, as categorias analisadas, participantes da pesquisa e modo de coleta de dados. Entretanto nossa pesquisa teve caráter exploratório e descritivo com o intuito de analisar os reflexos da aprendizagem dos estudantes de graduação que estiveram em mobilidade internacional da UFRPE, no seguinte período cronológico: 2010-2015, período de vigência do Programa CsF.

A metodologia utilizada é da análise de conteúdo, através da pesquisa realizada pela ACI, através de formulário de depoimento com perguntas abertas (Anexo A); dos questionários aplicados durante a pesquisa com perguntas de múltipla escolha (Apêndice C) e os documentos que constituem o corpus de nosso trabalho, impulsionando e delimitando as conclusões por nós aqui construídas. Apoiamos a mesma nas teorias de Gil (2010) e Bardin (2009), em particular na busca de entender como cuidar e aplicar os dados levantados.

No capítulo da apresentação do caso de análise nos debruçamos sobre a análise e discussão dos dados descrevendo o funcionamento e aplicações do Programa Ciência sem Fronteiras em seu período de vigência de 2010 a 2015, e seus desdobramentos como política pública para o fortalecimento da internacionalização do Ensino Superior na UFRPE. Além disso, abordamos as análises dos dados encontrado em relação aos benefícios, dificuldades e expectativas identificadas pelos estudantes que estiveram em mobilidade acadêmica. Também verificaremos os aspectos socioculturais e educacionais que tiveram importância na formação dos estudantes, após a mobilidade, possibilitando respostas que embasem a relevância do Programa Ciência sem Fronteiras e das políticas educacionais e de internacionalização na formação dos estudantes que obtiveram esta oportunidade.

No último capítulo apresentamos as conclusões da pesquisa, a partir das análises realizadas no capítulo anterior, juntamente com a retomada do arcabouço conceitual exposto, para constatar a relação entre a teoria aplicável com os dados alcançados. Ao término da explanação, intencionamos expor para UFRPE e para a Sociedade os resultados analisados, para que sejam propostas ações que contemplem melhorias institucionais e acadêmicas aos estudantes, no contexto da internacionalização das IFES.

Em todos os capítulos foram ressaltadas as relevâncias do Programa Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes da UFRPE. Esta política pública ofertou cerca de 101 mil bolsas de graduação sanduíche, proporcionando aos estudantes vivenciarem este desafio sociocultural e educacional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo contempla, primeiramente o contexto educacional, sendo norteado pela História da Educação Brasileira, fazendo uma breve análise do início da educação até chegar nas políticas públicas em educação. As políticas públicas em educação estão embasadas no poder do Estado em promover estas políticas públicas para atingir os resultados desejados na Sociedade. No tópico seguinte: Do estado para as políticas públicas em educação fazemos um breve histórico deste processo.

O processo da Internacionalização foi outro ponto que discutimos, em relação às políticas públicas de internacionalização até os reflexos na educação de ensino superior.

Na seção contexto sociocultural abordamos a questão da sociedade e suas interferências socioculturais, fundamentando como a mobilidade internacional estudantil pode agregar os aspectos socioculturais, além do educacional.

2.1 CONTEXTO EDUCACIONAL

Nesta seção foi abordado o aspecto educacional nos contextos da história, legislação, direitos, deveres e reflexos na educação do ensino superior, através dos projetos desenvolvidos pelas políticas públicas para garantir educação de qualidade para todos. Além disto, entendemos que a educação voltada ao processo de internacionalização, agregar a interação com outras Instituições estrangeiras, através de projetos, parcerias, possibilitando uma visão holística e global para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação no Brasil.

2.1.1 História da Educação Brasileira

A história da educação brasileira se inicia em 1549 com a chegada dos primeiros grupos Jesuítas, que incluíram no processo de colonização a educação e a catequese. Entendendo a educação como um processo por meio do qual a

humanidade elabora a si mesma em todos os seus mais variados aspectos. Manacorda (1989, p.6 *apud* SAVIANI, 2011, p.27), argumenta que a educação é:

[...] na inculturação nas tradições e nos costumes (ou aculturação, no caso de procederem não do dinamismo interno, mas de externo), na instrução intelectual em seus dois aspectos, o formal-instrumental (ler, escrever, contar) e o concreto (conteúdo do conhecimento), e, finalmente, na aprendizagem do ofício.

A educação neste período enquanto aculturação, isto é, a enculturação nos colonizados das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizados à religião dos colonizadores. A primeira etapa da educação colonial compreende o chamado período heroico, que abrange o ano de 1549, com a chegada dos primeiros jesuítas, até a morte de Anchieta, em 1597, e a promulgação do *Ratio Studiorum*, em 1599. A segunda etapa (1599-1759) é marcada pela organização e consolidação da educação jesuítica centrada no *Ratio Studiorum*. A terceira etapa (1759-1808) corresponde à fase pombalina, que inaugura o segundo período da história das ideias pedagógicas no Brasil (SAVIANI, 2011).

No período chamado heroico o ensino era organizado pelos Jesuítas, através de um sistema educacional formatado por eles, sob égide do *Ratio Studiorum*, que se constituía de regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino. Em 1759, quando Pombal expulsa os jesuítas, o que ocorreu no Brasil não foi uma reforma de ensino, mas a destruição pura e simples de todo o sistema colonial do ensino jesuítico. Neste período havia um cenário econômico e político de garantir as terras e não de proporcionar o ensino, como faziam os Jesuítas. O Marquês Pombal tinha como condição preliminar o projeto o desenvolvimento da cultura geral, o incremento das indústrias, o progresso das artes, o progresso das letras, o progresso científico, a vitalidade do comércio externo, a paz política, a elevação do nível de riqueza e bem-estar (SAVIANI, 2011).

Neste período em Portugal inicia-se o ensino de nível superior, na Universidade de Coimbra, com quatro faculdades: Teologia, Cânones, Direito e Medicina, sendo mais tarde acrescentados os cursos de Filosofia e Matemática. A Universidade tinha como objetivo preparar os estudantes com caráter profissional,

além de orientar a vida cultural portuguesa pela ideologia iluminista (SAVIANI, 2011).

Com a dinâmica da história, Trindade (2000) aborda que surgiram as Universidades no Século XII até o Renascimento, com uma forma mais tradicional até chegar a uma forma de universidade de concepção estatal e moderna. Isto se deu a partir do século XIX chegando até nossos dias, influenciando o surgimento das universidades no Brasil.

Neste sentido, surgiu uma nova interação do Estado com a Universidade, rompendo o tradicionalismo para atuar independentemente. A estrutura universitária rompeu com os paradigmas e começou a influenciar nas decisões da Sociedade e interagir com Estado.

Segundo Romanelli (2007), o aparecimento das primeiras universidades no Brasil foi durante a presença da família real portuguesa, de 1808 a 1821. A primeira organização de ensino em Universidade, por determinação do Governo Federal, só apareceu em 1920, com a criação da Universidade do Rio de Janeiro, pelo decreto nº 14.343, de 7 de setembro, publicada no D.O.U em 10 de setembro de 1920, Brasil (1920), durante o Governo de Epitácio Pessoa, agregando três escolas superiores: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e a Escola Politécnica. A Universidade de São Paulo foi constituída em 25 de janeiro de 1934, e mais tarde, a Universidade de Brasília e a Universidade de Porto Alegre. A partir de então, começaram a surgir universidades, públicas e privadas, por todo território nacional, em número que, em 1969, já somava 46 (ROMANELLI, 2007).

E para regulamentar as Universidades foi constituído o regime universitário no Brasil e o Estatuto das Universidades Brasileiras, através do Decreto nº 19.851, publicado no D.O.U no dia 15 de abril de 1931, que abordou o seguinte ponto:

Art. 1º O ensino universitário tem como finalidade elevar o nível da cultura geral; estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior; concorrer, enfim, pela educação do indivíduo e da coletividade pela harmonia de objetivos entre os professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da Nação e para o aperfeiçoamento da Humanidade (BRASIL, 1931).

Podemos perceber que a investigação científica e o preparo para o exercício profissional é que rege as Universidades brasileiras. Para Romanelli (2007) a formulação dos objetivos denuncia claramente uma visão distorcida, tanto da realidade educacional brasileira, quanto dos limites que comporta toda e qualquer instituição, sobretudo a instituição escolar. (ROMANELLI, 2007).

Em 1961, foi assinada após trinta anos de discussão prevista na Carta Magna de 1934, a Lei nº 4.024/61 de 20 de dezembro de 1961, publicado no D.O.U em 27 de dezembro de 1961, também conhecida como *Lei Tardia*, tem como objetivo fixar as diretrizes da Educação Nacional. Essa lei tem como eixo de discussão a defesa da presença da iniciativa privada na atividade de ensino, atendendo assim a pressão das escolas particulares. Seus grandes eixos falavam com relativa clareza das diretrizes e bases da educação nacional: 1) fins da educação; 2) do direito à educação; 3) da liberdade de ensino; 4) da administração do ensino; 5) dos sistemas de ensino; 6) da educação do primário; 7) da assistência escolar; 8) dos recursos para a educação (BRASIL, 1961).

A Lei 4.024/61 criou e definiu também a regulamentação dos Conselhos Estaduais de Educação e do Conselho Federal de Educação, Brasil (1961). Promoveu ainda menor centralização de poder junto ao MEC, uma vez que sua redação deu maior autonomia aos órgãos estaduais. Definiu o percentual de 12% (doze) do orçamento da União e de 20% (vinte) da receita dos municípios a ser destinado para o financiamento da educação nacional (SILVA *et al*, 2014).

Entre os anos de 1960 e 1970, surgiu a tendência tecnicista em educação, resultando na tentativa de aplicar na escola o modelo empresarial, que se baseia na *nacionalização*, própria do sistema capitalista, seu objetivo era adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica, evidentemente com a economia de tempo, esforços e custos. Esta reforma tecnicista assentava-se em três pilares, conforme Aranha (2006, p.316):

- Educação e desenvolvimento: formação de profissionais para atender às necessidades urgente de mão-de-obra especializada no mercado em expansão;
- Educação e segurança: formação de cidadão consciente . daí as disciplinas sobre civismo e problemas brasileiros (Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil e Estudos de Problemas Brasileiros);

- Educação e Comunidade: criação de conselhos de empresários e mestres para estabelecer a relação entre escola e comunidade.

Em 1968 foi implementada uma reforma universitária, determinando novas relações com o Estado e seu financiamento, com o objetivo de o Estado não restringir seu crescimento, como acontecia na Europa e Estados Unidos, nesse período. Este processo foi realizado, através da Lei nº 5.540/68 de 28 de novembro de 1968, fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. E pressupunha que a Universidade deveria constituir um centro de investigação científica e tecnológica em condições de assumir a autonomia da expansão da indústria brasileira, e ao mesmo tempo, a reforma estava ligada à compensação de uma defasagem (BRASIL, 1968).

Constatou-se em uma política educacional bem definida, pois através da reestruturação do sistema educativo, buscava-se a maior adequação do modelo educacional ao modelo econômico, ou seja, diminuir a defasagem, tanto no que se refere ao aspecto quantitativo, em atender à demanda da Sociedade, quanto no que se refere à estrutura, atuando no desenvolvimento técnico científico (ROMANELLI, 2007).

Essa Reforma Universitária procurou atender à primeira demanda proclamando a indissociabilidade entre o ensino e pesquisa, abolindo a cátedra, instituindo o regime universitário como forma preferencial de organização do ensino superior e consagrando a autonomia universitária, cujas características e atribuições foram definidas e especificadas (SAVIANI, 2011).

A reforma e reestruturação administrativa visavam racionalizar e modernizar o modelo, com a integração de cursos, áreas e disciplinas. Uma nova composição curricular permitia a matrícula por disciplina, instituindo-se o sistema de créditos (ARANHA, 2006).

Diante desta reestruturação administrativa das Universidades, outro que foi importante esteve relacionado à implantação da pós-graduação, com cursos de mestrado e doutorado, recebeu significativo apoio a partir da década de 1970, por fundamentar a concepção de desenvolvimento nos governos militares. Os cursos se expandiram, garantindo o desenvolvimento da pesquisa e melhorando a qualificação dos professores universitários (ARANHA, 2006).

Mas o paradoxo brasileiro é que, com o princípio da autonomia universitária inscrita na Constituição de 1988, as instituições públicas federais serão submetidas ao controle do Estado e as instituições privadas, uma vez reconhecidas pelo Governo, passam a gozá-la plenamente imunes a qualquer controle governamental. Isso que gerou um aumento em massa das instituições privadas e diminuição da expansão universitária pública.

Neste período da reforma universitária, ocorreu um processo sem precedentes de privatização de ensino. Grande parte dos cursos, nos moldes de sistema empresarial, nem sempre oferecia igual qualidade pedagógica. Com a criação indiscriminada de cursos superiores, preponderavam os que exigiam poucos recursos materiais e humanos e permitiam lotação nas classes. Sendo assim, as instituições privadas atendiam a classe mais pobre da população, pelo nível baixo de educação e fácil acesso na seleção à Universidade (ARANHA, 2006).

Com o crescimento das universidades, o conhecimento e o poder interpenetram a sociedade contemporânea em todos os níveis, da esfera pública ao privado, recolocando os problemas sociais para as universidades resolverem, pois elas exportaram para sociedade profissionais capacitados a resolverem os problemas da Sociedade, através dos seus conhecimentos acadêmicos e sociais adquiridos (TRINDADE, 2000).

O mesmo acontece nas escolas públicas, segundo Barroso (2005) o sistema educacional na década de 80 passou por uma política de tipo neoliberal, que o Estado começa a diminuir sua intervenção na educação, com a criação do quase-mercado ou mercado, ou seja, outras instituições privadas ou públicas para resolver e suprir as necessidades do Estado na educação, saúde, transporte, dentre outros.

A partir de 1990 o modelo neoliberal entra em crise e faz com que o Estado continue garantindo, formalmente, políticas públicas educacionais regulando o pleno direito à educação e o acesso a uma cultura comum, para todas as crianças e jovens, em condições de equidade, de igualdade de oportunidades e de justiça social a todos os cidadãos (BARROSO, 2005).

A Constituição Brasileira de 1988 embasará a garantia do Estado em prover a educação, com todos os esforços das instituições, no intuito de favorecer o pleno desenvolvimento do educando, conforme descrito no Art. 205 da Constituição:

Art. 205. A educação, direto de todos e dever do Estado e da família, será provida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.1).

Já os princípios que regem a educação nacional estão detalhados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/96, assinada em 20 de dezembro de 1996, e publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 23 de dezembro de 1996, onde seu conteúdo abrange desde a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, até a vinculação com o trabalho e as práticas sociais, passando por outros aspectos importantes, como se pode ver nos seus artigos 2º e 3º:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, p.1).

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade de ensino público em estabelecimento oficiais; valorização do profissional da educação escolar; gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da igualdade dos sistemas de ensino; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extraescolar; vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais (BRASIL, 1996, p.1).

O incentivo na educação baseado na LDBEN, estabelece também a função de formação de docentes, com o objetivo de gerar uma melhor qualificação aos educandos, conforme Art. 62:

Art. 62 A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL, 1996, s/n).

Outro ponto analisado na Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos artigos 43 e 57, é também compreendida como a etapa responsável por formar profissionais nas diferentes áreas do conhecimento contribuindo para divulgação de saberes culturais, científicos e técnicos que são comunicados por meio de ensino. Tem como finalidades do ensino superior:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento; III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica; IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos; V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional; VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente; VII - promover a extensão, aberta à participação da população (BRASIL, 1996, s/n).

Portanto, a Educação assume um papel importante na formação dos pensadores e transformadores da sociedade no contexto pós-moderno. Segundo Libâneo (2005), a educação cada vez mais está se adaptando às novas condições do mundo, e como consequência, tem que estar inserida nas transformações industriais ligadas aos avanços científicos, nas novas tecnologias da comunicação e informação, nas mudanças na forma de fazer política e nos paradigmas do conhecimento. Ou seja, moldar a pedagogia não só para as práticas educacionais, mas sim para o entendimento global e intencionalmente dirigido para os problemas educacionais.

As definições de educação são variadas diante das percepções de vários autores de acordo com o cenário global ao qual o indivíduo pertence. Contudo podemos considerar a educação como um processo de desenvolvimento: o ser humano se desenvolve e se transforma continuamente, e a educação pode atuar na configuração da personalidade a partir de determinadas condições internas do indivíduo (LIBÂNEO, 2008).

As correntes pragmáticas concebem a educação como um processo imanente ao desenvolvimento humano, cujo resultado é a adaptação de indivíduo ao meio social. As concepções espiritualistas também concebem a educação como um processo interior mediante o qual cada pessoa vai se aperfeiçoando, mas é necessária a adesão a verdades ensinadas de fora, que dizem como o homem deve

ser. Outra corrente é ambientalista, que vem do behaviorismo, pelo qual o homem é ser moldado, e por isso suas características se desenvolvem mediante a ação do ambiente externo. Já as concepções interacionistas, por sua vez, evitam a polarização entre a ação educativa externa e a atividade interna dos sujeitos. O conceito de educação na vertente histórico-social, concebe o processo educacional como produto do desenvolvimento social e determinada pela forma de relações sociais de uma dada sociedade (LIBÂNEO, 2008).

Além disso, na concepção culturalista, o processo educacional realiza o encontro de duas realidades: a liberdade individual, cuja fonte é a vida interior, e as condições externas da vida real, o mundo objetivo da cultura. A educação é uma atividade cultural dirigida à formação dos indivíduos, mediante a transmissão de bens culturais que se transformam em fontes espirituais internas no educando, ou seja, se apropriando dos valores culturais, o indivíduo pode moldar sua vida interior e sua personalidade (LIBÂNEO, 2008).

No ponto de vista constitucional, a educação é todo o processo de formação do sujeito que ocorre não somente nas instituições educativas, mas na família e na comunidade. Em relação à visão legal, a educação é um direito, como um direito público subjetivo, com três finalidades: Pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. E a legislação educacional tem o objetivo de estruturar e normatizar todos os atos e fatos jurídicos que se relacionam com o direito social à educação, ou seja, um direito público subjetivo da criança, adolescente e idoso (SILVA *et al*, 2014)

Seja como for, segundo Libâneo (2008), as definições abordadas se movem em torno de uma visão individualista e liberal da educação, interpassando o processo educativo e as condições históricas e sociais em que se assenta a organização da sociedade, ora tomando a sociedade e as relações sociais como algo consolidado e estático. No entanto, o processo educativo é um fenômeno social, enraizado nas contradições, nas lutas sociais, de modo que é nos embates da *práxis* social que vai se configurando o ideal de formação humana.

De acordo com as definições e contextualização da educação, mecanismos são instituídos através de políticas públicas para que a educação chegue a todos como direito e socialização do conhecimento, fomentando a necessidade de

compartilhamento de informações, com intuito de desenvolvimento tecnológico, científico, social, econômico e global.

2.1.2 Do Estado para as Políticas Públicas em Educação

O homem vem sendo transformado pela sociedade, alterando seus conceitos, condutas, leis, direitos e deveres, tudo isso acompanhado da modernidade. Neste contexto o entendimento da modernidade depende, fundamentalmente, da compreensão da visão norteadora do desenvolvimento das sociedades humanas. Assim sendo os objetivos foram organizados e geridos para um bem comum a todos, então, surge o Estado que é uma sociedade constituída essencialmente de um grupo de indivíduos unidos e organizados permanentemente para realizar um objetivo comum (AZAMBUJA, 2001).

O conceito de Estado requer três elementos básicos: uma população, um território e um governo independente. Portanto, o Estado moderno é uma sociedade com base territorial, dividida em governantes e governados, e que pretende, através do território, a supremacia sobre todas as instituições, colocando o poder e supremacia no domínio de todas as formas de atividades, cujo controle ele julgue conveniente. Esse sistema visa um poder de mando e autoridade, como governo e dominação, ou seja, usa o poder coercitivo e coativo para que os indivíduos e instituições que habitam em seu território sejam obrigados a cumprir todas as leis. Então o Estado passa a ser uma organização político-jurídica, que determina as condições necessárias para realizar o bem público, com governo próprio e território determinado (AZAMBUJA, 2001).

O Estado tem o papel de dirigir o seu território e exercer sua autoridade perante os indivíduos e instituições. A partir deste ponto, surge a política, que significa uma arte ou ciência de governar a cidade, ou mais exatamente, como a arte de atingir, exercer e conservar o poder. E para definir as instituições, descrevendo a estrutura e o funcionamento dos órgãos, podemos aplicar a este papel o Direito Constitucional e a Ciência Política. A ciência política é um estudo do Estado como fato social, que se repete uniformemente, quanto à natureza intrínseca, no tempo e no espaço; é a ciência que investiga e expõe os princípios fundamentais de

sociedade política denominada Estado, sua origem, estrutura, formas e finalidade (AZAMBUJA, 2001).

No campo político é importante entender a questão do Estado e posteriormente das políticas públicas. No que concerne ao Estado Moderno segundo Azambuja (2001), este seria a manifestação concreta em que o homem governa outros homens, em um território determinado, um órgão habilitado em empregar o poder e a coerção, e dirigido por peritos e especialistas da ordem e do bem-estar do povo, um instrumento serviço do povo.

Outro autor que define o Estado é Dias (2008), que compreende o Estado como um conjunto complexo de disposições institucionais para fazer funcionar o governo, através das atividades contínuas e regulamentadas de indivíduos que atuam como ocupante de cargos. Enfim, constitui uma organização do poder da sociedade, que reivindica para si a supremacia da aplicação da força aos problemas sociais.

Quando há falhas em resolver todos os problemas sociais, são elaboradas as políticas públicas para tentar suprir as necessidades da sociedade que o governo não atendeu. Mais recentemente passaram também a resolver as necessidades e minimizar o vácuo causado pelo Neoliberalismo (que é uma ideologia baseada na proposta de privatização, desmonte de direitos sociais e redução do papel do Estado), segundo Dias (2008). Por isso, as políticas públicas são necessárias para atender as necessidades das camadas desprivilegiadas da sociedade, como transporte, saúde, saneamento, dentre outros.

As políticas públicas se ampliam de acordo com o aumento da complexidade da sociedade, e novos temas emergentes surgem na agenda pública, que se torna necessário implementar novas ações em termos de políticas públicas que ampliam sua necessidade de intervenção na realidade social. Idealmente, o ciclo de uma política pública deve ser composto de cinco etapas, com base na Resolução nº 44, de 17 de setembro de 2013, que aborda a atividade da avaliação das políticas públicas:

[...] i) formação da agenda, ii) formulação da política, iii) tomada de decisão, iv) implementação e v) avaliação. Contudo, a última etapa, componente essencial do ciclo, é muitas vezes relegada a um

segundo plano, o que compromete a devida prestação de contas perante a sociedade (BRASIL, 2013, p.2).

Para Dias (2008) a globalização e a nova realidade econômica mundial têm levado o Estado a modificar suas práticas tradicionais e reformular seus conceitos de gestão e poder. Neste ponto, Afonso (2003) explica que o Estado passa agora por uma redefinição do seu papel e a sua re colocação, tendo agora em conta as novas múltiplas condicionantes emergentes da reestruturação do capitalismo a nível global. Neste sentido a globalização faz com que o Estado possua uma nova configuração, ampliando suas condições, relações e associações políticas.

A respeito das políticas públicas de educação, pode-se dizer que são de natureza completa e múltipla, pois Gomes (2011) explica que não é um fenômeno monocausal, já que está conectado com a divisão de poder social; composição étnica, racial, etária e geracional; com os fatos históricos; relação política e poder; economia no ponto de vista dos interesses das organizações e dos grupos de interesses.

Para se garantir uma política pública, a estrutura educacional brasileira, como em qualquer esfera pública ou privada necessita de uma organização, dando aos setores suas responsabilidades e autonomia para desenvolver os programas oriundos das esferas superiores e adaptá-las à realidade de cada estado e município. Sendo assim, segundo Gomes (2011, p.168):

[...] no âmbito educacional brasileiro, a repartição de competências materiais demonstra atribuições concorrentes e descentralizadoras, objetivando uma cooperação recíproca entre os entes federados, cada qual em sua área específica de execução, principalmente no oferecimento da Educação Básica. Existe uma compatibilização entre competências privativas e comuns para nortear as políticas públicas educacionais.

Por isso que a política pública de educação, conforme Bourdieu (1989 *apud* Gomes, 2011, p.23) “[...] formula que o real é relacional, ou seja, do ponto de vista epistemológico, que o real não está lá fora como coisa dada ou como fatos isolados a serem apanhados sem a devida problematização pelo pesquisador social[...].” Neste sentido, a política pública está vinculada a várias esferas da sociedade e para entender estas divergências e atuar de forma mais eficiente precisa estar mais

presente na gestão da educação, para que possamos vivenciar uma consolidação e fortalecimento das políticas públicas de educação.

Com relação ao Brasil, podemos perceber que desde os anos de 90, o país busca adaptar-se e ajustar-se a essa configuração econômica, no caso a globalização, que impulsiona vários setores a realizarem mudanças em suas políticas, neste caso educacional. Conforme Libâneo (2012, p.66):

[...]. De todo modo, faz-se presente, em todas essas políticas, o discurso da modernização educativa, da diversificação, da flexibilidade, da competitividade, da produtividade, da eficiência e da qualidade dos sistemas educacionais, da escola e do ensino.

E esta modernidade educativa juntamente com a globalização nos leva a entender o que são as políticas educacionais:

[...] toda e qualquer política desenvolvida de modo a intervir nos processos formativos (e informativos) desenvolvidos em sociedade (seja na instância coletiva, seja na individual) e, por meio dessa intervenção, legítima, constrói ou desqualifica (muitas vezes de modo indireto) determinado projeto político, visando a atingir determinada sociedade. (SANTOS, 2012, p.3).

Diante do exposto, podemos perceber que a política educacional pode ser vista em dois componentes: correspondente à parte legal e escrita; e outro, relacionado ao contexto, no que se refere ao poder e às condições de produção e formulação das políticas educacionais. Assim, essas políticas podem ser apresentadas com intencionalidade, a partir de sua análise, dos projetos ou programas elaborados e através das dimensões: administrativas, financeiras e educacional (SILVA *et al*, 2014).

As políticas públicas educacionais nascem da necessidade social, com o objetivo de elevar o nível de desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico junto à população. Elas necessitam de interação e participação dos governantes eleitos pelo povo, através da elaboração das leis, para efetivação do bem social da população. Além disto, nos deparamos também com os projetos, planos e programas elaborados para o desenvolvimento da educação e as

Resoluções das Conselhos de Educação (Nacional, Estadual e Municipal) (SILVA *et al*, 2014).

Hoje temos como base, através dos documentos juridicamente atestados: a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que rege todo Estado Nacional e tem como fundamentos:

Art. 1º. A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania, III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político. (BRASIL, 1988, p.1).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), através da Lei nº 9.394/96, que aborda sobre os processos de formação da população, através da base familiar, instituições de ensino, sociedade como um todo e aspectos sociais e culturais envolvidos associados à formação intelectual de cada indivíduo. Conforme princípio e fins da Educação Nacional, constante no Art. 2º:

[...]Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, p.1);

Outra base de acesso jurídico que fundamenta a educação é a Lei 11.494/2007, que regulamenta Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), possibilitando a educação para todos com valorização dos trabalhadores da área de educação. É instituído, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, um fundo de manutenção e desenvolvimento da educação básica e de valorização dos profissionais da educação, de acordo com os tópicos no Art. 1º desta Lei:

[..]I - pelo menos 5% (cinco por cento) do montante dos impostos e transferências que compõem a cesta de recursos do FUNDEB, de modo que os recursos previstos no art. 3º desta Lei somados aos referidos neste inciso garantam a aplicação do mínimo de 25% (vinte e cinco por cento) desses impostos e transferências em favor da manutenção e desenvolvimento do ensino; II - pelo menos 25% (vinte

e cinco por cento) dos demais impostos e transferências (BRASIL, 2007, p.1)

Dentro das políticas públicas educacionais podemos englobar as políticas públicas de internacionalização, que têm por objetivo ampliar a educação para um cenário internacional, interagindo com várias instituições estrangeiras para fomentar as pesquisas, projetos e conexões globais.

2.1.3 Da Educação para as Políticas Públicas de Internacionalização

A internacionalização não é um fenômeno novo. Em alguns aspectos históricos, religiosos, econômicos e políticos, podemos identificar a internacionalização presente. De acordo com Knight e De Wit (1994) a internacionalização das IES pode ser dividida em três fases: da Idade Média ao período Renascentista, do século XVIII à Segunda Guerra Mundial e desde esta até aos dias atuais.

Na Idade Média, período de mudanças econômicas e sociais, podemos identificar a internacionalização na peregrinação acadêmica, que corresponde às viagens realizadas por estudantes, docentes e pesquisadores desejosos de estudar com renomadas autoridades no tema de interesse em um ou mais países europeus. Já na época do Renascimento, os estudantes que já praticavam as mobilidades acadêmicas se interessavam tão vigorosamente pela notabilidade dos professores que os seguiam de uma universidade a outra. (LIMA; CONTEL, 2011).

De Wit (2002) expõe que o movimento da Contrarreforma (século XVI), provocou a mobilidade acadêmica para disseminar as ideias revolucionárias e contestadoras.

Quando se configurou a criação do Estado-Nação, não foi permitido aflorar um sentimento nacionalista político e cultural, no entanto, acabou por reduzir a peregrinação acadêmica na Europa. Assim as universidades passaram a ser utilizadas como instrumento para exercer a ortodoxia no plano das ideias, marcando as fronteiras estabelecidas entre as interpretações religiosas em confronto e dificultando o livre fluxo de estudantes entre as instituições (LIMA; CONTEL, 2011).

Alguns séculos mais tarde, o fenômeno da internacionalização da educação superior ressurgiu impulsionado pelo processo de exportação de modelos educacionais para os países periféricos, movimento esse denominado por De Wit (2002) de *imperialismo ou colonialismo acadêmico*.

Antes da Segunda Guerra Mundial já existia intensidade de cooperação e intercâmbio internacional no âmbito do Ensino Superior, com fluxo de professores e estudantes. Durante a Guerra Fria, a internacionalização das IES assume uma conotação eminentemente política.

As superpotências, Estados Unidos e União Soviética, estimulavam a colaboração internacional acadêmico-científica como forma de ampliar seu poder político-econômico e de manter sob controle suas áreas de influência, exprimindo-se, dessa forma, como instrumento de política externa.

A partir do fim da chamada *Guerra Fria* e da abertura irrestrita dos países que compunham o bloco soviético à economia de mercado, observou-se um contínuo aperfeiçoamento das tecnologias, em especial no que concerne ao sistema de transporte, comunicação e sistema bancário, acabando por propiciar intensos fluxos de capitais, bens, informações e pessoas, até então jamais vistos (DE WIT, 2002).

A partir de 1980, no contexto da globalização a internacionalização se intensificou, através de mobilidade de cunho científico e educacional, incluindo o Brasil em vários níveis de educação, possibilitando um país aberto a novas ideias e projeto para melhoria da educação superior.

[...] a Internacionalização da Educação Superior passou a ser entendida como um conceito amplo, muito abrangente, que pode envolver a cooperação internacional, mas se refere também a mudanças que ocorrem dentro de uma determinada instituição, através de iniciativas políticas e de caráter específico (UNESCO, 2003, p.154).

As múltiplas formas de internacionalização do ensino aparecem, desde sua concepção, em todos os níveis da educação no Brasil. No ensino superior, em especial nas principais universidades brasileiras, a internacionalização começou:

[...] em meados do século XX, com ajuda de missões acadêmicas estrangeiras. Os professores e pesquisadores visitantes que retornaram às suas instituições de origem deixaram ex-alunos que mantiveram laços de cooperação acadêmica em projetos conjuntos de investigação científica (SANTOS; ALMEIDA, 2012, p.140).

Porém, na última década, a mobilidade internacional que grupos de pesquisa e programas de pós-graduação brasileira alcançaram teve reflexo no cenário internacional, o que garantiu e possibilitou ao Brasil iniciar um experimento político-acadêmico da mais alta importância, ao organizar universidades federais de vocação internacionalizada...+, conforme Santos; Almeida (2012, p.142). Neste ponto de vista, a conexão entre as Universidades fortalece ainda mais a inserção da internacionalização e a interação da Sociedade ao cenário global.

A internacionalização do ensino superior é definida por Knight (1994) com termos que valorizam a dimensão internacional relacionando-os com o papel da educação na sociedade.

Internacionalização em nível nacional, setorial e institucional é definida como o processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária. (KNIGHT, 1994, p.2).

Outra ótica do conceito de internacionalização foi identificada pelos autores Arum e Van de Water (1992, p.202) que percebiam o foco da internacionalização voltado às atividades, definindo o termo como sendo [...] as múltiplas atividades, programas e serviços relacionados aos estudos internacionais, intercâmbio educativo internacional e cooperação técnica[...]+. Neste conceito atribui a internacionalização um aspecto dinâmico, direcionado a várias atividades potenciais para fomentar as pesquisas e mobilidade internacional, fazendo com que as Universidades se envolva no cenário global.

Nota-se, dessa forma, que o fenômeno da Internacionalização se exprime como um conceito amplo e abrangente que acaba por integrar diversas atividades, dentre as quais podem ser citadas a colaboração em pesquisas, todas as formas de mobilidade acadêmica, bem como projetos internacionais de desenvolvimento.

Segundo De Wit (2002) e Knight (1994), no tocante às razões que conduzem as IES ao processo de Internacionalização, temos: razões políticas, voltadas ao

entendimentos e parcerias com interesses políticos; as razões econômicas, que são os interesses no desenvolvimento e crescimento econômico; as razões socioculturais, que são os contextos cultural e social interagidos, diante dos valores nacionais e as razões acadêmicas, no sentido de qualificação das pessoas e compartilhamento de conhecimento em ensino e pesquisas. Estas razões fazem com que o processo de internacionalização seja intenso e com muitas variáveis, para tornar a Sociedade mais acessível ao mercado Internacional.

Para que haja a inserção da dimensão internacional no ensino e na pesquisa as IES focalizam suas ações em duas grandes dimensões: parcerias internacionais e ensino. As parcerias internacionais caracterizam-se pelos acordos institucionais, programas de cooperação, pesquisa conjunta, desenvolvimento tecnológico e mobilidade de estudantes/professores; enquanto a dimensão do ensino engloba aspectos relacionados ao desenvolvimento da estrutura curricular com conteúdo internacional, importância da aprendizagem de uma língua estrangeira, utilização da literatura, inserção do ensino em língua estrangeira e treinamento intercultural. Para este estudo, serão descritas somente considerações sobre as parcerias internacionais (acordos institucionais, mobilidade de estudantes e/ou professores). Os acordos internacionais entre instituições acadêmicas têm assumido características de interações globalmente administradas.

Os acordos entre os países variam de bilaterais, visando intercâmbios de estudantes e professores até reconhecimento mútuo de créditos e certificações. Um exemplo destes acordos são as comissões binacionais que administram o Programa *Fulbright*³.

Na Europa a estrutura de acordo internacional mais completa é a Declaração de Bologna, projetada para introduzir mudanças visando à harmonização dos sistemas de educação superior de todos os países membros da União Europeia,

³ Programa *Fulbright* é representada e administrada por uma organização internacional vinculada aos governos do Brasil e dos EUA, desde 1957: a Comissão *Fulbright*. Suas bolsas já levaram mais de 3.500 brasileiros para estudar no Estados Unidos e trouxeram quase 3.000 norte-americanos para o Brasil. A *Fulbright* oferece bolsas de estudos para o intercâmbio de estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores que queiram fazer a diferença em suas comunidades por meio da pesquisa e do conhecimento. Fonte: <https://fulbright.org.br/comissao/>. Acesso em: 03 abr. 2018.

especificamente para os programas de intercâmbio e bolsas *ERASMUS*⁴ e *SÓCRATES*⁵.

Esses acordos bilaterais só são possíveis por causa da globalização. O sistema pode ser compreendido como o aumento e a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal forma que os acontecimentos de cada lugar são influenciados por eventos que acontecem a milhas de distância e vice-versa. Esse fenômeno globalização pode ser compreendido como um processo e assim pode ser conceituado:

Globalização é um processo de integração mundial que está ocorrendo há pelo menos duas décadas nos setores de comunicação, economia, finanças e comércio [...]. (LUDOVICO, 2009, p.4).

A internacionalização, no contexto da globalização, está abrindo novas oportunidades para outros setores da economia, até mesmo aqueles mais tradicionais, como é o caso do setor de Educação, em especial no que se refere ao ensino superior.

O advento da globalização, então, afetou inclusive as universidades, que passaram por transformações, o que trouxe novos desafios para as instituições, dentre os quais o desafio da internacionalização.

Assim:

A internacionalização de uma instituição de ensino superior (IES)

⁴ Bolsas Erasmus é através do Programa Erasmus Mundus (EM), programa de mobilidade criado e financiado pela União Europeia (UE), com objetivo de promover a excelência da educação superior e pesquisa dos países europeus e ao mesmo tempo reforçar os laços acadêmicos com países de todo o mundo. As bolsas de estudos integrais concedidas para os cursos de mestrado e doutorado pertencentes ao Erasmus Mundus são amplamente conhecidas, no entanto, o programa também oferece oportunidades para professores e instituições de educação superior. Fonte: <http://erasmusmundusnobrasil.webs.com/programa.htm>. Acesso em: 03 abr. 2018.

⁵ Bolsas Sócrates é do Programa SÓCRATES, inserido no ERASMUS para bolsas de mobilidade de estudantes, devem ser disponibilizadas aos estudantes que participem num Programa de mobilidade aprovado ao abrigo da EUC . Carta Universitária ERASMUS, entre as instituições localizadas num Estado-membro da União Europeia (EU). Fonte: https://www.fct.unl.pt/sites/default/files/documentos/estudante/mobilidade_europeia/2008-2009/eleg_estudantes.pdf. Acesso: 03 abr. 2018.

pode ter um conceito limitado, como a simples presença de alguns alunos estrangeiros no campus. Por outro lado, a internacionalização pode ser algo contínuo, como um processo sinérgico e transformador, envolvendo os currículos e a pesquisa, influenciando as atividades de alunos, professores, administradores, e toda comunidade em sentido amplo [...] (FRANKENBERG, 2010, p.149).

Vale salientar que as universidades trabalhavam ativamente na internacionalização passiva, ou seja, apenas na mobilidade acadêmica discente e qualificação de docentes em instituições no exterior, visando ao desenvolvimento de uma elite intelectual.

Hoje o conceito sofreu alterações e agora tem-se a internacionalização ativa, que se refere à implantação de políticas de Estado e institucionais voltadas para a atração e acolhimento de acadêmicos; à oferta de serviços educacionais no próprio país e no exterior; ao envolvimento com a mobilidade de *experts* - docentes e técnicos - e de discentes em áreas de interesse estratégico; à exportação de programas e instalação de instituições ou campi no exterior; à criação de programas e projetos de pesquisa em colaboração com instituições estrangeiras de reconhecido prestígio acadêmico; à participação em redes internacionais e ao desenvolvimento de políticas públicas e institucionais que visem ao trabalho colaborativo entre instituições nacionais e internacionais.

Neste novo contexto de internacionalização é que as políticas públicas se fortalecem, através de programas de línguas e programas de mobilidade acadêmica, oriundos dos incentivos públicos que atuarão no financiamento de alunos e pesquisadores, para que se fomente cada vez esta conexão bilateral de caráter globalizado.

No entanto, existem também as limitações da internacionalização, no aspecto de não contemplar todas as áreas de conhecimento. Um exemplo é o CsF, que priorizava as áreas de atuação, como as Engenharias e demais áreas tecnológicas, excluindo as áreas de conhecimento das ciências humanas e das licenciaturas, fator importante para o futuro da educação.

2.1.4 A Internacionalização na Educação Superior

As Instituições de Ensino Superior se caracterizam por um modelo tradicional, que segundo Espinoza e Gonzalez (2012) define-as como educação superior voltada para o bem social, na qual a ciência e a tecnologia estão orientadas para o desenvolvimento científico, para promoção de cultura e do serviço à comunidade e onde a gestão institucional prioriza o acadêmico sem controle da produção. Porém no cenário de globalização em que vivemos, nos impulsiona a abrir o leque institucional e implantar parcerias com outras instituições fora do Brasil, com o propósito de ampliar as perspectivas científicas e educacionais.

A educação superior está vivendo em uma constante mudança singular aos contextos social, histórico e econômico. Nas Instituições de Ensino Superior, suas funções de ensino, pesquisa e extensão estão tentando cada vez mais de diversificar e ampliar seus horizontes, considerando seus aspectos locais e indo para um contexto global (MOROSINI, 2014).

Segundo Morosini (2014) na educação superior estão surgindo novos formatos, devido às exigências da sociedade, do mercado e da globalização. Para isso se implantou o processo de internacionalização das Universidades, objetivando novos financiamentos, contratação de professores de nível internacional, formação de uma cultura acadêmica que se dedica à liberdade acadêmica, concorrência e meritocracia intelectual, além de oferecer educação de qualidade aos estudantes de graduação.

Com o acompanhamento da consolidação do processo de internacionalização universitária, fortifica-se a noção de garantia de qualidade, compreendida como uma expressão de ato formal de certificação de uma instituição ou programa para efeito de informação pública. Sendo assim, intensifica-se a necessidade de estabelecer convênios internacionais, parcerias institucionais e intercâmbio entre estudantes e professores, para fomentar a educação superior na esfera global (MOROSINI, 2014).

Um dos principais fatores que interferem na noção de qualidade é a internacionalização. E a globalização fomenta ainda mais as necessidades de geração de novas políticas públicas nacionais e institucionais que se adequem a tais

determinações e exigências mundiais. A IES tem que estar associada à inclusão democrática, participação da sociedade, construção de redes, para garantir uma internacionalização baseada de uma política de diálogo, onde engloba não somente a instituição, como também os atores institucionais (professores, servidores técnicos administrativos e estudantes) e os atores sociais (familiares e sociedade em geral) (MOROSINI, 2014). De acordo com a UNESCO (1998, p.29):

[...] a qualidade requer também que a educação superior seja caracterizada pela sua dimensão internacional: mobilidade de conhecimento, criação de redes interativas, mobilidade de professores, pesquisadores e estudantes, projetos de pesquisas internacionais, levando-se sempre em conta os valores culturais e as situações nacionais.

Ao focar a internacionalização na Educação Superior, é importante esclarecer que a mesma se articula à tradição da Universidade como tributo acadêmico mútuo. Nesta perspectiva, Dias Sobrinho (2005, p.139) explica:

Por vocação e tradição, a Universidade tem sido uma instituição que preserva e alimenta a dimensão internacional, seja pelo sentido da ciência e pelos critérios de qualidade e cientificidade, ou seja, pelos valores autenticamente acadêmico, seja pelas iniciativas práticas de intercâmbio institucionais e mobilidade de estudantes e professores. Fazem parte da tradição as parcerias e vários tipos de cooperação que objetivam aumentar a qualidade acadêmica e a relevância social da educação superior. [...] O sentido predominante da internacionalização tem sido ao longo dos tempos o de colaboração acadêmica buscando o avanço da ciência e da educação.

O sistema educacional internacional, conforme Lima e Contel (2011), no âmbito dos circuitos acadêmicos, ao tratar do fluxo de estudantes, professores e pesquisadores, bem como a troca de conhecimento e ciência, existe uma desigualdade crescente entre os atores pertencentes às distintas realidades regionais. Os referidos autores afirmam que alguns países se utilizam da mobilidade internacional dos atores acadêmicos em benefício próprio. Segundo Lima e Contel (2011) afirmam que:

[...] o atual quadro de internacionalização da educação se molda em função do comportamento de cada nação, se de forma mais ativa ou

se mais passiva: enquanto alguns países do centro do sistema-mundo assumem papéis mais protagonistas, a maioria dos demais se insere por uma relação de subordinação. Esta forma de inserção ao sistema de educação mundial reforça o histórico desequilíbrio existente entre os países do Norte e do Sul (LIMA; CONTEL 2011, p. 19).

No processo de mobilidade o acesso do estudante no processo de educação internacional é estabelecido uma igualdade nas práticas acadêmicas: todos os participantes têm direitos de frequentar os cursos, aulas, laboratórios, práticas de aulas, estágios, disciplinas diversas, cursos de idiomas. Sendo assim, para Morosini (2014, p.395) “[...] o conceito de equidade educativa se relaciona com a conclusão de um determinado nível de igualdade a outro sujeito[...], que pode ser diferenciado entre a equidade educativa interna (dentro do sistema de educação) e externa (voltado ao mercado de trabalho), fruto das desigualdades na sociedade como um todo e na educação superior.

As estratégias marcadas para potencializar a internacionalização na educação superior se baseiam em duas propostas: a produção científica fruto de experiências internacionais, currículos internacionais, desenvolvimento tecnológico para apoio à internacionalização, convênios e parcerias com outras Instituições, segundo Morosini (2014); e o comprometimento no aprendizado vivenciado no exterior. Conforme Morosini (2010), entende-se por comprometimento com a aprendizagem a relevância dada a como aprender, isto é, a variedade e intensidade de meios utilizados para tal, como também o tempo disponibilizado para esse fim, ou seja, envolvimento individual com atividades relevantes que são instrumentos para sua aprendizagem.

O comprometimento do estudante com a sua aprendizagem está relacionado aos objetivos e aspirações que ele tem, desencadeando, assim, o sentido de equilíbrio entre o querer e o fazer, segundo Morosini (2010). Este diferencial é que faz com que o aluno que realiza a mobilidade acadêmica volte com a *expertise* e bagagem cultural e educacional, agregando também para a Universidade destaque no cenário internacional, através das parcerias e projetos de pesquisas.

A internacionalização na educação superior é uma questão fundamental para Unesco, uma vez que possibilitará o avanço científico, o conhecimento, a qualidade na educação e o desenvolvimento do potencial humano, mediante a formação de

redes de pesquisa, mobilidade acadêmica dos alunos, professores e pesquisadores de forma tradicional, mas também utilizando os recursos tecnológicos. O surgimento do Programa IsF alinha-se, portanto, aos princípios da UNESCO (UNESCO, 2003).

A Universidade Federal Rural de Pernambuco se inseriu nesta proposta de Internacionalização com base no Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidade Federais (REUNI), que tinha como projeto a expansão em curso sob o argumento de não perder de vista a qualidade acadêmica.

A expansão das Universidades Federais deve estar alinhada a reestruturação acadêmicas e curriculares que promovam maior mobilidade estudantil, trajetórias de formação flexível, redução da evasão escolar, utilização adequada dos recursos humanos e materiais no sentido de consolidar, aperfeiçoar e melhorar a qualidade da educação superior, bem como proporcionar aos estudantes formação multi e interdisciplinares. Em um mundo no qual a ciência não tem fronteiras, e a universidade brasileira, em especiais as federais, devem dialogar e interagir com a suas congêneres de melhor qualidade em todos os países. (ANDIFES, 2012, p.11).

Atualmente a UFRPE encontra-se inserindo seus propósitos em uma educação superior voltada para a globalização, quebrando seus paradigmas de uma Universidade agrária para uma Instituição aberta ao mundo. Abaixo faremos uma breve contextualização do início da sua fundação até os dias atuais.

2.1.4.1 A Universidade Federal Rural de Pernambuco

A Universidade Federal Rural de Pernambuco originou-se da antiga Escola de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, fundada em 1912, na cidade de Olinda, Pernambuco, quando, à época, ofertava apenas dois cursos, Agronomia e Medicina Veterinária. Ela foi oficializada em 1955, conforme informação do Relatório de Gestão da UFRPE:

Em 04 de julho de 1955, a Universidade foi federalizada, através da Lei Federal no 2.524, passando a fazer parte do Sistema Federal de Ensino Agrícola Superior. Por meio do Decreto no 60.731, de 19 de maio de 1967, a Universidade foi transferida do Ministério da Agricultura para o Ministério da Educação e Cultura, cuja denominação passou a ser Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE (UFRPE, 2012, p.14).

A partir de 2005, com o fortalecimento do processo de interiorização da UFRPE foram criadas as Unidades Acadêmicas de Garanhuns, de Serra Talhada e de Educação à Distância e Tecnologia, com objetivo de expandir a oferta de serviços educacionais, ampliando as oportunidades de acesso à educação a uma clientela menos favorecida da sociedade, sem comprometer a sua capacidade instalada (UFRPE, 2012).

No ano 2008, devido à realização do Projeto de Reestruturação, Expansão e Verticalização do Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco, cujos objetivos e metas têm como referência as diretrizes do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a UFRPE implantou 11 (onze) novos cursos no Campus Dois Irmãos e nas Unidades Acadêmicas de Garanhuns e Serra Talhada. A UFRPE também desenvolve trabalhos no âmbito da graduação, presencial e a distância, da pós-graduação, com cursos voltados para diversas áreas do conhecimento, bem como do ensino médio e técnico, contribuindo para o desenvolvimento do Estado, da Região e do País (UFRPE, 2012).

Em 2011, a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) implantou o campus no Cabo de Santo Agostinho. A unidade acadêmica da UFRPE do Cabo de Santo Agostinho, inicialmente com cinco cursos diurnos de engenharia e nesta primeira fase contou com 3.000 alunos e 367 servidores (professores e técnicos administrativos), além de gerar um grande número de empregos para os prestadores de serviços (UFRPE, 2013).

A partir de 2012, a UFRPE começou a se inserir em um cenário global, através do Programa Ciência sem Fronteiras, que oportunizou a inserção de estudantes, professores e pesquisadores na mobilidade internacional, tendo como objetivo geral do programa:

Art. 1 [...] propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias BRASIL (2011a, p.1).

A UFRPE, através da sua Assessoria de Cooperação Internacional, a partir de 2012 impulsionou os trabalhos voltados a tornar a Universidade não só com sua missão de [a.] construir e disseminar conhecimento e inovação, através de atividades de ensino, pesquisa e extensão atenta aos anseios da sociedade [...] (UFRPE, 2013, p.24). Mas também uma instituição aberta ao mundo globalização conectando seus propósitos com outras Instituições estrangeiras de referência. Sendo impulsionado pelas Políticas Públicas do Programa CsF, a gestão superior criou estrutura e delegou a profissionais qualificados para atender as exigências do CsF e também, dar subsídios para ampliar a atuação da UFRPE em projetos internacionais e realizar parcerias com as instituições estrangeiras, possibilitando maior integração dos docentes, pesquisadores e discente no cenário internacional.

A UFRPE marca presença não apenas no Brasil, os alunos por meio do programa de mobilidade, atuaram nos países da América do Norte (Estados Unidos, México e Canadá), América Central (Cuba), América do Sul (Argentina e Colômbia), Europa (França, Hungria, Espanha, Alemanha e Portugal), África (Tunísia) entre outros.

Com o ensino superior conectado com a internacionalização, os estudantes, docentes e pesquisadores ficam inseridos ao cenário global, tendo que se relacionar com os estrangeiros, adaptar a normas e padrões das Universidades, posicionar diante das variações culturais e sociais existentes. Com tudo isto, as trocas acadêmicas, sociais e culturais fortalecem ainda mais a questão da internacionalização entre instituições, fomentando o avanço da ciência.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOCULTURAL

Nesta seção foi abordado o aspecto sociocultural voltado para a sociedade e suas interferências no cotidiano do indivíduo, pois o processo de mobilidade internacional, envolve além do aspecto educacional, interações com a sociedade em que está convivendo, envolvendo-se com a cultura, linguagem distinta, adaptações climáticas e alimentares. Diante disto, o indivíduo estabelece relacionamento com o próximo para compartilhar ensinamentos, hábitos, dialeto e costumes, fortalecendo o conhecimento nesta experiência e minimizando as dificuldades enfrentadas por estar

em outro país.

2.2.1 A Sociedade e suas interferências socioculturais

A globalização impulsionou em uma modernidade que coloca em risco o termo tradicional, onde com as fortes influências do capitalismo, trazem consequências globais que foram moldando as ações cotidianas de um indivíduo. Segundo Giddens (2012) quando a natureza é invadida, e até destruída pela socialização, a tradição é dissolvida, e novos tipos de incalculabilidade emergem, ou seja, fatores externos e internos são agentes que podem atuar nas transformações, ações e mudanças da sociedade. Portanto, podemos abordar como a Sociedade tradicional reage diante das mudanças, como:

[...] uma sociedade tradicional, inevitavelmente, é uma sociedade em que a tradição, tem um papel dominante; mas isso dificilmente vai ocorrer em si e por si. Pode-se dizer que a tradição é mais importante quando não é compreendida como tal. Ao que parece, as culturas menores não têm uma palavra específica para designar a tradição, e não é difícil entender por quê: a tradição é muito invasiva para ser distinguida de outras formas de atitude ou de conduta [...]. (GIDDENS, 2012, p.104).

A experiência global da modernidade está interligada e influencia à penetração das instituições modernas nos acontecimentos da vida cotidiana. As experiências do cotidiano refletem no papel da tradição, em constante mutação, como também ocorre no plano global. Além disso, as experiências do cotidiano dizem respeito a algumas questões interligadas ao eu e à identidade, mas também envolve uma multiplicidade de mudanças e adaptações na vida cotidiana (GIDDENS, 2012).

A tradição é contextual no sentido de ser garantida por uma combinação de ritual e verdade formular. Separada deles, a tradição degenera em costumes ou hábito. A tradição é um meio de identidade, seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado, mas também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretação observado anteriormente. A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua

conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica. Senão, serão visíveis as ameaças à integridade das tradições (GIDDENS, 2012).

[...] em geral, as tradições só persistem na medida em que se tornam passíveis de justificação discursiva e se preparam para entrar em um diálogo aberto, não somente com outras tradições, mas com modos alternativos de fazer as coisas [...] (GIDDENS, 2012, p.163).

Segundo Hall (2015) as identidades modernas estão entrando em colapso, uma vez que as sociedades modernas, a partir do final do século XX, têm sido transformadas pelo advento da globalização e ainda tais transformações têm também mudado as identidades pessoais, abalando a ideia que o indivíduo tem de si mesmo como sujeito integrado.

A tradição implica uma visão privilegiada do tempo, mas também tende a exigir o mesmo do espaço. É o espaço privilegiado que mantém as diferenças das crenças e práticas tradicionais. Mas se colocarmos em jogo a relação entre a tradição e a identidade, podemos dizer que são de categorias distintas, como um amigo e um estranho.

[...] O estranho, em outras palavras, não é apenas alguém que pertence ao mundo desconhecido fora daqui, mas uma pessoa que, por permanecer, obriga os habitantes locais tomar uma posição. É preciso estabelecer se o estranho é ou não um amigo, se ele ou ela não vai embora novamente, o que não é o mesmo que aceitar o estranho como alguém da comunidade, um processo que pode levar muitos anos, ou mesmo nunca acontecer [...] (SIMMEL, 1971 *apud* GIDDENS, 2012, p.127).

Nas sociedades pré-modernas, a extensão de confiança para estranhos recentemente conhecidos em geral assume a forma de uma extensão do %amiliar+, ou mediante encontros rituais ou pela descoberta de relações de parentesco. Segundo Giddens (2012), esta confiança está ligada à autoridade. A autoridade que um indivíduo ou grupo tem sobre os outros, de formular normas de vinculação e as vezes conseguem se misturar por questão ideológicas ou por meio de poder impessoal.

E nas últimas décadas, particularmente influenciadas pelo desenvolvimento da comunicação eletrônica e a internet, algumas circunstâncias alteram de maneira radical, pois o mundo passa a reconhecer que ninguém é %orasteiro+ ou estranho, porque o mundo em que estamos as tradições preexistentes não podem evitar o contato, não somente com os outros, mas também com muito, independente do espaço e local onde estejam (GIDDENS, 2012).

A fase da %modernização reflexiva+ é marcada pelos processos da globalização e da busca de contextos de ação mais tradicionais, alterando o equilíbrio entre a tradição e modernidade. A tradição diz respeito à organização de tempo e, portanto, também de espaço. Já a globalização é, essencialmente, a ação à distância; a ausência predomina sobre a presença, não sedimentação do tempo, mas graças à reestruturação do espaço. Nesse processo inicial podemos identificar como o desenvolvimento social moderno, embasado pela teoria da modernidade reflexiva (GIDDENS, 2012).

[...]. A teoria da modernidade reflexiva é caracterizada pela transformação da modernização, em que os avanços do %istema+ parecem destruir inexoravelmente o %mundo da vida+[...] (GIDDENS, 2012, p.171).

Na contextualização Sociocultural, quando a globalização entra em cena há um impacto direto sobre as relações culturais das nações uma vez que interrompe o fluxo linear de relações e comunicação onde as polaridades se desenvolvem, acarretando transformações significativas.

[...] À medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural [...]. (HALL, 2015, p.53).

Dessa maneira, a identidade cultural, associada ao processo de globalização, acaba por assumir lugar de destaque por influenciar as ciências humanas em decorrência da não homogeneidade étnica e cultural das sociedades, sinalizando um aprofundamento das assimetrias nas relações internacionais. Segundo Giddens (2012) a cultura estranha provocada pela globalização não está mais ou menos carente de interpretações do que sua cultura de origem; ao mesmo tempo, até as

mais exóticas de comportamento, quando examinadas de uma determinada maneira, demonstram possuir elementos de fácil familiaridade. Os costumes locais permanecem lado a lado com imagens e informações que provêm tanto da sociedade de origem como do mundo mais amplo.

Segundo Hall (2015) a identidade cultural revela que a mesma, advinda de características próprias da cultura de um povo, se constitui como tema complexo, uma vez que depende de diversos fatores que se modificam e se agregam a uma determinada sociedade ou civilização ao longo da história. Essas culturas apresentam-se em constante mudança em decorrência da mescla dos povos, juntamente com seus costumes e tradições enquanto reflexo da globalização, e sendo cada vez mais invadida pelas influências externas.

As identidades culturais são resultado das fortes mudanças sociais e do processo de globalização, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado. Sendo assim, algumas identidades culturais nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da globalização e outras estão em declínio, para que novas identidades híbridas sejam formadas (HALL, 2015).

Segundo Hall (2015), o fenômeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais homogeneizando-as, fragmentando-as e, conseqüentemente, enfraquecendo-as, pois se torna tarefa árdua e pouco provável que as mesmas se conservem intactas à medida que se tornam mais expostas a influências externas, ou seja, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.

No cenário global em que o econômico e o cultural estão em contato intenso e imediato um com o outro, a vida social se torna mediada pelo próprio mercado global de estilo, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, tornando as identidades cada vez mais desvinculadas e desalojadas, ou seja, lugares, histórias e tradições específicas parecem ficar livremente flutuantes no tempo e espaço (HALL, 2015).

Em toda parte do mundo estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições, que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais e que são o produto desses complicados cruzamento e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. Esta outra possibilidade chamamos de *tradução*, que tem como conceito:

Descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas de sua terra natal. Nessa mobilidade transitória de um lugar para o outro, as pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas elas são obrigadas a negociar com a nova cultura em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. (HALL, 2015, p.52).

A palavra *tradução* segundo Rushdie (1991) descreve como transferir ou transportar entre fronteiras. As pessoas em mudança de local, carregam seus costumes, os traços culturais, sua linguagem, sua história particular, suas tradições. Mas elas devem apreender a habitar, no mínimo, duas identidades, falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. Sendo constituída uma cultura híbrida, onde diversas culturas perpassam e se entrelaçam formando uma nova modernidade. Ou seja, as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença, e assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou *puras*. (HALL, 2015).

As outras identidades gravitam no que chamamos de *tradição*, pois ela tem o efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2015).

Outro efeito deste processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidades, juntamente com o aumento de polarização entre elas. Esses processos levam à possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades. (HALL, 2015).

A identidade local pode ser vista na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. Segundo Sennett (1971, p.15) [a.]. Identidade local é uma tentativa de escorar a nação a reconstruir uma identidade que seja uma, unificada, e que filtre as ameaças da experiência social [...]. Porém é difícil, ser protegido de todas as ameaças, pois as influências externas se filtram na Sociedade sem perceber, para isso, é necessário adequar ao processo para tornar uma identidade local forte.

Diante das identidades locais há um forte aliado que é a etnia em contraposição à homogeneização global:

O ressurgimento da etnia traz para linha de frente o florescimento não antecipado de lealdades étnicas no interior das minorias nacionais. Da mesma forma, ele coloca em questão aquilo que parece ser a causa profunda de fenômeno: a crescente separação entre o pertencimento ao corpo político e o pertencimento étnico (ou mais geralmente, a conformidade cultural) que elimina grande parte da atração original do programa de assimilação cultural... A etnia tem-se tornado uma das categorias, símbolos ou totens, em torno dos quais comunidades flexíveis e livres de sanção são formadas e em relação às quais identidades individuais são construídas e afirmadas. Existe agora, portanto, um número muito menor daquelas forças centrífugas que uma vez enfraqueceram a integridade étnica. Há, em vez disso, uma poderosa demanda por distintividade étnica institucionalizada (BAUMAN, 1990, p.167).

No final do século XX verificamos o ressurgimento do nacionalismo, ao lado da globalização, quando pensamos em entender o apego ao local ou ao particular dariam gradualmente vez a valores e identidades mais universalistas e cosmopolitas ou internacionais. E de acordo com essas narrativas da modernidade, os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição, às raízes e aos mitos nacionais, seriam gradualmente substituídos por identidades mais racionais e universalistas (HALL, 2015).

Diante do que foi exposto através das reflexões bibliográficas, faremos o direcionamento da metodologia que foi utilizada para análise dos dados e obter os resultados, de acordo com as referências citadas. Neste próximo capítulo, descrevemos como foi realizada a pesquisa e quais os meios utilizados para maior compreensão dos dados analisados, obtendo as conclusões coerente na pesquisa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A avaliação da Política Pública do Programa Ciência sem Fronteiras diante da formação dos estudantes de Graduação da UFRPE que fizeram mobilidade, com base nos aspectos sociocultural e educacional envolvidos, proporcionou uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório em que os dados foram analisados qualitativamente. Segundo os autores Acevedo e Nohara (2006), a pesquisa descritiva visa a descrever o fenômeno estudado ou as características de um grupo, bem como compreender as relações entre os conceitos envolvidos no fenômeno em questão. Além de descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2010).

E para entender melhor o CsF, abordando seu funcionamento, estrutura e desdobramentos durante o período de vigência, a pesquisa exploratória tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com o objetivo de ser mais explícito ou construir hipótese, e seu planejamento é bastante flexível, considerando vários aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado (GIL, 2010).

A abordagem da pesquisa qualitativa envolve uma instância teórica que de maneira autoconsciente procura suspender suposições descuidadas sobre significados compartilhados. Procura o que é comum, mas permanece aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos, em vez de destruí-los na busca por uma média estatística (GIL, 2010).

Na análise dos resultados é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica, sendo nesta etapa a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais para se obter um melhor resultado. Procura-se também explorar os significados dos outros de maneira que os contextos não estruturam de forma rígida a direção da investigação dentro de hipóteses (BARDIN, 2009).

Conforme Gil (2010) o universo ou população é definido como um conjunto de pessoas com determinadas características ou uma população como referência ao total de habilidades de determinado lugar. Em relação à proposta de estudo, estabeleceu-se como universo 309 participantes da mobilidade dos Cursos de Graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco contemplados pelo

Programa, que vivenciaram a oportunidade no período de vigência (2010 a 2015). O quantitativo de estudantes por período foi identificado da seguinte forma: 64 estiveram em mobilidade em 2012; 117, em 2013; 111, em 2014; 17, em 2015, totalizando 309 participantes (ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, 2015).

A pesquisa é composta de três etapas de análise dos dados: a primeira etapa uma pesquisa documental, que para Gil (2010) significa separação de todos documentos, elaborados com finalidades diversas, tais como relatório, autorização, comunicações, e outros materiais internos à organização. Quando trabalhamos com o universo de documentos de análise, a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial, segundo Bardin (2009, p.123). Desta maneira, a análise das publicações, editais e documentos foi feita a partir de um olhar pedagógico, mas sem perder de vista a sua originalidade, já que os documentos embasaram as descrições do Programa Ciência sem Fronteiras, que fomentam a mobilidade internacional, como política pública para o fortalecimento da internacionalização do Ensino Superior na UFRPE.

A análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão. O caminho percorrido pela análise de conteúdo, ao longo dos anos, perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos, dentre outros, segundo Bardin (2009). Alguns exemplos elucidados na obra são simples e sem pretensões, visam a iniciar um investigador iniciante na tarefa seguinte: o jogo entre as hipóteses, entre a ou as técnicas e a interpretação, [isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática [...]] (BARDIN, 2009, p.51).

Na segunda etapa foi realizada uma análise do conteúdo, do questionário já aplicado pela Assessoria de Cooperação Internacional (Anexo A), no período de 2014 a 2016 entre os alunos que participaram da mobilidade internacional, através do Programa Ciência sem Fronteiras. A partir dos dados levantados na pesquisa de

campo, foram enviados 244 formulários para os estudantes e obtivemos 128 respostas. No quadro abaixo especifica quantos formulários foram enviados por ano e quantos estudantes responderam. A ACI não enviou para o total de alunos que viajaram (309 participantes), porque iniciou a pesquisa em 2014, a partir dos estudantes que estiveram em mobilidade em 2013.

Quadro 1 - Dados levantados . Formulário de Depoimentos

Ano	Formulário Enviados	Formulários respondidos	
2014	116 estudantes que viajaram em 2013	66	
2015	111 estudantes que viajaram em 2014	55	
2016	17 estudantes que viajaram em 2015	7	
TOTAL: 244		TOTAL	128

Fonte: A autora, (2018).

Os dados dos formulários foram coletados e organizados a partir dos comentários dos estudantes. Dividimos por categorias de análise, considerando a maior incidência de comentários abordados no formulário para melhor identificação das potencialidades e fragilidades comentadas. O processo de categorização sugere isolar elementos, a fim de obter em detalhes, informações que colaborem para responder aos objetivos propostos, e em seguida agrupá-los, com o intuito de ter uma visão holística do problema (VERGARA, 2008).

Nessa fase, o texto dos questionários e de todo o material coletado foi recortado em unidades de registro e depois foram definidas as categorias de análise, ou seja, as respostas foram agrupadas de acordo com temas correlatos, e deram origem às categorias iniciais. As categorias iniciais são agrupadas tematicamente, assim originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função ocorrência dos temas resultam nas categorias finais (FOSSÁ, 2003).

Foram identificadas as seguintes categorias de análise com base nas respostas já atribuídas e analisadas do formulário de depoimento respondido pelos estudantes à ACI, após seu retorno da mobilidade. Categoria A . Experiências Acadêmicas (Quadro 2); Categoria B . Experiências Socioculturais (Quadro 3) e Categoria C . Necessidades (Quadro 4).

Quadro 2 É Categoria A . Experiências Acadêmicas

Unidades de Registro	Categoria Inicial	Categoria Final	Autores
1. Aprofundar o conteúdo da área	Aprendizagem	EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS	A educação é a inculturação nas tradições e nos costumes (ou aculturação, no caso de procederem não do dinamismo interno, mas de externo), na instrução intelectual em seus dois aspectos, o formal-instrumental (ler, escrever, contar) e o concreto (conteúdo do conhecimento), e, finalmente, na aprendizagem do ofício (MANACORDA,1989, p.6 <i>apud</i> SAVIANI, 2011, p.27). A educação cada vez mais está se adaptando às novas condições do mundo, e como consequência, tem que estar inserida na mudança no processo industrial ligada aos avanços científicos, nas novas tecnologias da comunicação e informação, nas mudanças na forma de fazer política e mudanças nos paradigmas do conhecimento (LIBÂNEO, 2005).
2. Interdisciplinaridade nas disciplinas ofertadas			
3. Proficiência na língua estrangeira			
4. Educação continuada e parcerias			
5. Práticas acadêmicas			
6. Método Acadêmico			
7. Qualidade de Ensino			
1. Estrutura da Universidade	Estrutura		
2. Utilização de tecnologias			
3. Laboratórios equipados			
4. Apoio Institucional			
5. Plataformas <i>on line</i>			

Fonte: A autora, (2018).

No quadro 2, referente à categoria Experiências Acadêmicas, subdividimos em duas categorias iniciais voltadas para aprendizagem e estrutura vivenciada pelos estudantes na mobilidade internacional. Nas unidades de registro, alguns pontos foram pontuados na análise do conteúdo dos questionários respondidos, sendo abordados os aspectos que mais se destacaram diante da experiência acadêmica. Esta experiência acadêmica foi analisada com base nas referências bibliográficas, abordando como a educação compartilhada e adquirida na mobilidade apontaram resultados positivos e negativos, diante das dificuldades enfrentadas.

No quadro 3, relacionado as experiências socioculturais foram apontados os aspectos identificados mais relevantes diante das expectativas vivenciada pelos estudantes no cenário sociocultural.

Quadro 3 Ë Categoria B . Experiências Sociocultural

Unidades de Registro	Categoria Inicial	Categoria Final	Autores
1. Comprometimento	valor pessoal	EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAL	<p>[...] à medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2015, p.53).</p> <p>Quando a natureza é invadida, e até destruída pela socialização, a tradição é dissolvida, e novos tipos de incalculabilidade emergem (GIDDENS, 2012).</p>
2. Amadurecimento			
3. Independência resolver problemas			
4. Autoaprendizagem			
5. Problemas de Saúde (depressão)			
1. Aperfeiçoamento da língua	valor cultural		
2. Aprender diferentes culturas			
3. Adaptação alimentar e Climática			
4. Adaptação com a língua			
5. Espírito Nacionalista			
6. Relacionamento com os nativos			

Fonte: A autora, (2018).

Na categoria Experiências Sociocultural, subdividimos em duas categorias iniciais voltadas para o valor pessoal e valor cultural vivenciada pelos estudantes na mobilidade internacional. Nas unidades de registro, alguns pontos foram pontuados na análise do conteúdo dos questionários respondidos, sendo abordados os aspectos que mais se destacaram diante da experiência sociocultural. Esta experiência sociocultural foi identificada a interação entre o indivíduo e a Sociedade, e como a mobilidade definiu os resultados positivos e negativos, diante das adaptações realizadas para se conviver em outro país com cultura, linguagem, língua e costumes diferenciados.

No quadro 4 relacionado as necessidades foram analisadas as dimensões que realmente foram destacados pelos estudantes como uma carência ou dificuldades enfrentadas.

Quadro 4 Ë Categoria C . Necessidades

Unidades de Registro	Categoria Inicial	Categoria Final	Autor
1. Listas de disciplinas compatíveis com as Universidades Estrangeiras	Acadêmica	NECESSIDADES	O comprometimento do estudante com a sua aprendizagem está relacionado aos objetivos e inspirações que ele tem, desencadeando, assim, o sentido de equilíbrio entre o querer e o fazer (MOROSINI, 2010).
2. Trazer professores de fora			
3. Aproveitamento de disciplinas			
4. Incentivo com curso de idiomas antes da viagem			
1. Estabelecer convênio e parcerias (aumento da mobilidade)	Estrutural		
2. Ótimo apoio da ACI e orientações			
3. Acompanhamento dos alunos nas Universidades (ACI/CAPES/CNPq			
4. Processo de mobilidade menos burocráticos			

Fonte: A autora, 2018.

Na categoria Necessidades, subdividimos em duas categorias iniciais voltadas para acadêmico e estrutural. Nas unidades de registro, alguns pontos foram pontuados na análise do conteúdo dos questionários respondidos, sendo abordados os aspectos que mais os estudantes sentiram carência ou dificuldade diante da mobilidade internacional. As necessidades que foram identificadas retrataram o que precisa ser melhorado tanto pelas Universidades estrangeiras quanto pela Instituição que os enviaram.

A análise do conteúdo aparece como um conjunto de técnicas que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise do conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (MATTOS, 2006).

Bardin (2009) colabora na circunscrição do tema a ser pesquisado, na maneira de escolher qual corte a ser estudado e analisado, ressalta a importância de haver um corte e não fazermos a pesquisa em um universo amplo demais, sem

delimitações claras que ajudem na cientificidade do proposto, principalmente porque a análise já está delineada pelas respostas do questionário analisado.

A terceira etapa, a coleta de dados, foi estruturada em um questionário de perguntas fechadas (Apêndice C) que é conceituado como um conjunto de questões previamente elaboradas que são respondidas pelo pesquisado, segundo Gil (2010, p.114). O questionário foi organizado a partir de categorias analíticas previamente construídas, de acordo com os comentários abordados pelos estudantes, através do formulário de depoimento (Anexo A), realizado anteriormente pela Assessoria de Cooperação Internacional, com intuito de responder o objetivo específico de mensurar os aspectos socioculturais e educacionais envolvidos na mobilidade internacional do Programa CsF que impactaram na formação dos estudantes de Graduação da UFRPE.

O questionário foi convertido para o programa *on line Google Docs* e enviado com o *link* do formulário, através dos e-mails de todos os estudantes, cuja publicação do arquivo como página, pôde ser acessado pelos estudantes na internet, possibilitando a agilidade na aquisição e edição das informações. A base de dados que possuímos é de 309 e-mails dos estudantes que fizeram mobilidade, no período de 2012 a 2015, disponibilizado pela Assessoria de Cooperação Internacional da UFRPE.

Após receber a devolutiva dos questionários enviados a todos os estudantes, foram respondidos e contabilizados em 106 respostas, os dados foram sistematizados para facilitar a compreensão e interpretação, comparando as respostas e construindo os resultados a partir dessas. Alguns gráficos com os resultados foram utilizados da base de dados que foi gerada pelo programa *Google docs*, sendo extraídos para melhor exposição dos dados. Segundo Bardin (2009), compreende o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, questionários, documentos e observação). A análise comparativa é realizada através da justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressaltando os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes, fazendo uma importante relação com os objetivos do Programa Ciência sem Fronteiras.

Conforme a abordagem de Bardin (2009), foi analisado o que os colaboradores possuem em comum em suas respostas, a respeito dos aspectos socioculturais e educacionais envolvidos na mobilidade internacional do Programa CsF que impactaram na formação dos estudantes de Graduação da UFRPE, buscando entender as minúcias das respostas, identificando o conteúdo das mensagens que nem todas as vezes são evidentes ao observador comum.

A pesquisa foi realizada no mês de dezembro de 2017, através do questionário *on line* enviado por e-mail aos estudantes. A análise de dados ocorreu no período de janeiro a março de 2018.

A autora como parte da pesquisa e observadora, vivenciou a partida e chegada dos estudantes e a experiência do Ciência sem Fronteiras na UFRPE para aquele estudante que apenas permanecia em sala de aula, tornou-se uma grande expectativa oportunizada pelo CsF, em estudar fora e poder usufruir além da educação de alta qualidade, uma experiência rica sociocultural. E esses estudantes voltaram com grandes depoimentos sobre como foi importante para seu aperfeiçoamento intelectual e profissional. Eles não falavam o idioma estrangeiro com fluência, mas voltaram falando fluentemente; alguns conseguiram estágios profissionais; outros não se adaptaram com a alimentação e clima; a maioria interagiu com a cultura local; outros tiveram problemas pessoais. Enfim, grandes desafios e grandes experiências que estes estudantes puderam vivenciar e levar para sua vida acadêmica, pessoal e profissional, em função do Programa Ciência sem Fronteiras.

4 APRESENTAÇÃO DO CASO DE ANÁLISE

Neste capítulo apresentamos as análises de dados abordados pelos estudantes que estiveram em mobilidade internacional, apontando os aspectos acadêmicos e socioculturais relevantes para sua formação. Destacamos também, o funcionamento do Programa Ciência sem Fronteiras, entendendo seus resultados alcançados.

4.1 PROGRAMA DE MOBILIDADE INTERNACIONAL

Quando falamos de democracia podemos estabelecer uma relação com a educação, pois uma depende da outra, no sentido que a educação só é fortalecida através da democracia, pois em uma sociedade democrática há possibilidade de desenvolver, em todos os seus membros, a capacidade de pensar, participar na elaboração e aplicação das políticas públicas e julgar os resultados. Na gestão do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2010) foram vistas grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, no sentido de consolidar políticas educativas com padrões de qualidade social.

A partir de 2003, o governo prometeu mudanças substanciais no projeto da sociedade, com características de adoção aos princípios democráticos e descentralização das políticas públicas. Em seu discurso de abertura da primeira sessão legislativa ordinária da 52ª legislatura, no Congresso Nacional em 2003, ele privilegia o fortalecimento da ação do Estado no provimento das políticas públicas:

A implantação de um modelo de desenvolvimento alternativo, que tem o social por eixo, só poderá ter êxito se acompanhada da democratização do Estado e das relações sociais. O debate com a sociedade será determinante na definição das estratégias, na formulação de políticas em articulação das parcerias e implementação de ações de governo de forma participativa e transparente, sob efetivo controle social. [...]. Será possível planejar e descentralizar a partir da recuperação do papel indutor do Governo, aliado a um maior controle e participação social nas ações de desenvolvimento regional e local, com objetivo de construção de mecanismos para elaboração e a implementação de propostas relevantes para o interesse público. (BRASIL, 2003, p.16).

Diante disso, os programas de mobilidade surgiram como objetivo de fomentar políticas públicas de internacionalização, para garantir aos estudantes e pesquisadores maiores oportunidades de qualificação profissional, além de experiências pessoais, culturais e linguísticas, desenvolvendo o aspecto acadêmico e seus objetivos futuros.

As universidades tiveram que adaptar sua estrutura física, recursos humanos e de profissionais capacitados para atender novas oportunidades de mobilidade internacional, proporcionando aos estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores, técnicos-administrativos bolsas de estudos em instituições de excelência no exterior.

Nosso trabalho aborda o Programa Ciência sem Fronteiras, porque este conseguiu dar a viabilidade para várias parcerias com instituições internacionais, além de contemplar grandes áreas prioritárias e estratégicas, determinou cerca de 110 mil bolsas para estudantes e pesquisadores.

4.1.1 Programa Ciência sem Fronteiras

O Programa Ciência sem Fronteiras buscou promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional.

A iniciativa foi fruto de esforço conjunto do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento . CNPq e CAPES . e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC.

Foi criado pelo Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. O Programa Ciência sem Fronteiras teve por objetivo geral, nos termos do art. 1º do documento legal:

Art. 1º [...] propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias (BRASIL, 2011a, s/n).

No lançamento do Programa, em 13 de dezembro de 2011, a Presidenta da República, Dilma Rousseff, proferiu um discurso na cerimônia de regulamentação do Programa Ciência sem Fronteiras e de anúncio de chamadas públicas para bolsas de estudo no exterior, no qual esclarece que:

Apresentar à sociedade brasileira a proposta do Ciência sem Fronteiras, bolsas-sanduíche da graduação ou as bolsas-sanduíche da pós-graduação e cursos integrais de doutorado, bem como trazer para o Brasil pesquisadores seniores e pesquisadores jovens para contribuir com a universidade brasileira. O decreto de regulamentação do Ciência sem Fronteiras, para monitoração, acompanhamento desse processo e a garantia de uma integração entre os diferentes agentes, permitindo suporte aos estudantes brasileiros no exterior. Os jovens brasileiros e brasileiras, progressivamente, tenham acesso à melhor educação disponível no mundo, não só neste programa, mas em todos os programas de educação e ciência e tecnologia do país. O governo é defensor de educação de qualidade, da creche à pós-graduação. A valorização dos professores e sabemos que o vínculo das universidades com qualquer instância de estudo e de educação no Brasil é a qualificação e a qualidade do professor (BRASIL, 2011c, s/n).

A proposta do programa era proporcionar 101 mil bolsas no período de 2010 a 2015 para promover intercâmbio, de forma que alunos de graduação e pós-graduação cursassem disciplinas para seu currículo acadêmico e fizessem estágio no exterior com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação.

Além disso, buscava atrair pesquisadores do exterior que quisessem se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com os pesquisadores brasileiros nas áreas prioritárias definidas no Programa, bem como criar oportunidade para que pesquisadores de empresas recebessem treinamento especializado no exterior (BRASIL, 2011a).

Para atender a seus objetivos, o Programa CsF concedeu bolsas de estudo em instituições de excelência no exterior nas seguintes modalidades: graduação sanduíche; educação profissional e tecnológica; doutorado sanduíche; doutorado pleno; e pós-doutorado.

Foram concedidas, ainda, bolsas no País para pesquisadores visitantes estrangeiros e para jovens talentos⁶. Os estudantes e pesquisadores do CsF tiveram o seu treinamento nas melhores instituições e grupos de pesquisa disponíveis, prioritariamente entre os mais conceituados para cada grande área do conhecimento de acordo com os principais *rankings* internacionais.

Os parceiros no exterior foram organizações tradicionais no campo de colocação e suporte de estudantes, ou mesmo consórcios das principais universidades locais, os quais eram responsáveis por definir, juntamente com a CAPES e o CNPq, os melhores cursos e instituições nos seus respectivos países. As instituições foram avaliadas a cada chamada e o destino dos bolsistas foi adequado à medida que era recebido o retorno do relatório dos bolsistas (BRASIL, 2011a).

Os estudantes participaram de um processo de seleção através do site do Programa Ciência sem Fronteiras e da Universidade, devendo ser vinculados a alguma Instituição de Ensino Superior e no curso que contemplasse as áreas prioritárias do Programa; ter a proficiência na língua exigida pelo país de destino; ter sido classificado com nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com no mínimo 600 pontos considerando os testes aplicados a partir de 2009; se alunos de graduação, ter concluído no mínimo 20% e no máximo 90% do currículo previsto; e possuir bom desempenho acadêmico.

A comissão do Programa Ciência sem Fronteiras realizava a seleção dos estudantes contemplados, garantindo-lhes os seguintes itens: mensalidade de bolsa; auxílio-instalação; bilhete aéreo e seguro saúde. Esta bolsa era para o período de 12 meses, podendo estender-se até 18 meses quando estava incluso o curso de idiomas (DRI CAPES, 2015). Após selecionados, os estudantes comunicavam a sua Instituição de Ensino, a mesma fazia a conferência dos documentos e homologava

⁶ Jovens Talentos são candidatos que devem cumprir com os seguintes requisitos: Demonstrar atuação altamente relevante em pesquisa nas áreas e temas definidos como prioritários no Programa Ciência sem Fronteiras; assumir o compromisso de desenvolver pesquisas ou tecnologias em instituições no País; apresentar proposta a ser desenvolvida pelo período de até 03 anos; possuir destacada produção científica ou tecnológica, qualitativa e quantitativamente. Fonte: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/bolsa-jovens-talentos>. Acesso: 03 abr. 2018.

sua candidatura. Posteriormente, a Instituição faria as orientações devidas para a mobilidade.

Para os pesquisadores, o programa teve como objetivo criar oportunidades de cooperação entre grupos de pesquisas brasileiros e estrangeiros de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecimento padrão internacional. Tendo também o intuito de ampliar o desenvolvimento científico do Brasil, em pesquisas de relevância para o meio acadêmico, atraindo também incentivos e financiamentos para os Projetos (BRASIL, 2011a).

Na concessão das bolsas para os estudantes, foram contempladas originalmente as seguintes áreas:

Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde; Computação e Tecnologias da Informação; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospecção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos (BRASIL, 2015, s/n).

O custo médio das bolsas concedidas no âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras variava de acordo com o país de destino do bolsista, levando em consideração a modalidade de bolsa, o período da concessão, área prioritária do curso, realização (ou não) de cursos de idiomas no exterior, o período acadêmico no qual o bolsista se encontrava, localização da cidade onde a instituição de ensino superior no exterior estava instalada, entre outros fatores (BRASIL, 2015).

De acordo com a Capes e o CNPq, foram concedidas, entre 2011 e 2014, 101.446 bolsas, conforme a evolução mostrada no quadro 5, com todas as modalidades do programa, como: graduação, pós-graduação, mestrado profissional, jovens talentos, pesquisadores visitantes.

Quadro 5 É Ciência sem Fronteiras Bolsas concedidas

2011 a 2014	Bolsas concedidas
2011	3.621
2012	16.420
2013	39.196
2014	42.209
Total	101.446

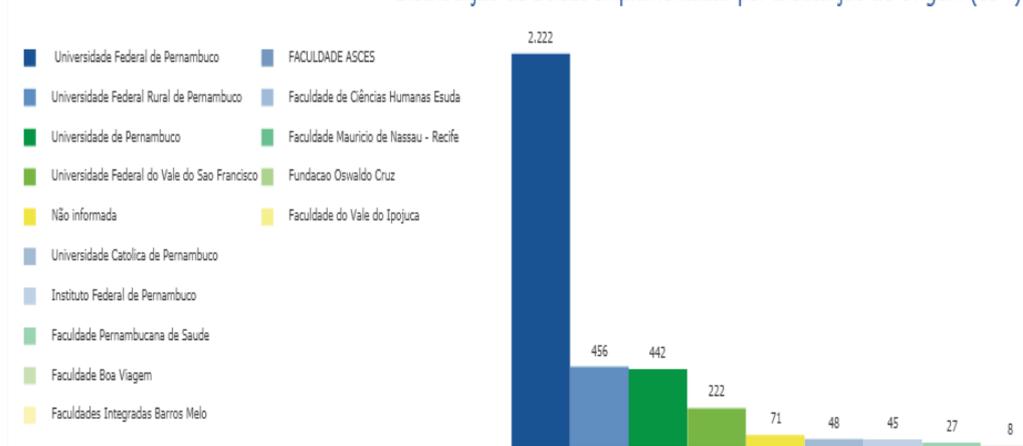
Fonte: CAPES e CNPq, (2016).

No quadro 5 percebemos que a cada ano o Programa Ciência sem Fronteiras propôs atingir uma parcela da demanda, até gerar o resultado de chegar ao ano de 2015 com 101 mil bolsas concedidas. No ano de 2013 e 2014 foram o período de mais frequência de bolsas contempladas, conforme aumento do interesse dos estudantes e pesquisadores.

Em relação às Universidades de Ensino Superior de Pernambuco que foram contempladas pelas bolsas de estudos, no período de 2011 a 2014, o quadro 6, explica como as Universidades se destacaram com as oportunidades dos estudantes de graduação e pós-graduação.

Figura 1 - Distribuição de Bolsas Implementadas por Instituição de Origem

Distribuição de Bolsas Implementadas por Instituição de Origem (15+)



Fonte: CAPES e CNPq, (2016).

Na figura 1, a Universidade Federal de Pernambuco se destacou entre as demais, pois teve maior número de estudantes contemplados no Programa CsF. Em seguida, a Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Universidade de Pernambuco.

Em relação à participação ministerial na execução financeira do Programa Ciência sem Fronteiras, verificava-se uma maior participação, em termos financeiros, do Ministério de Educação (MEC).

O total gasto com o programa desde 2012 até o valor apurado em 3 de novembro de 2015 foi de cerca de R\$ 10,5 bilhões. Desse total das despesas, o Ministério da Educação contribuiu com aproximadamente 66% e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 34% (BRASIL, 2015, s/n).

De acordo com a Capes e o CNPq, os gastos com o CsF atingiram os valores informados no quadro 6. Atualizando os dados de custo total do Programa até 3 de novembro de 2015, foram apurados, conforme indicado, o montante de R\$10.463,5 milhões, com a ressalva de que a variação em relação aos valores divulgados pelo Executivo se deve à impossibilidade técnica de precisar os valores de 2012.

Quadro 6 Investimentos do CsF 2011-2015

Ano	Dotação Final	Empenhado
2011	R\$ 43.159.816,91	R\$ 107.755.813,50
2012	R\$ 763.533.594,57	R\$ 728.224.766,26
2013	R\$ 2.028.510.646,00	R\$ 2.100.712.032,83
2014	R\$ 3.340.236.852,00	R\$ 3.422.366.915,74
2015*	R\$ 4.158.396.415,00	R\$ 3.595.758.651,96
Total	R\$ 10.333.837.324,48	R\$ 9.954.818.180,29
*Dotação final e valores empenhados atualizados em 16 de outubro de 2015.		

Fonte: CAPES e CNPq, (2016).

O investimento na educação foi importante para possibilitar aos estudantes de graduação e pós-graduação uma nova oportunidade de investir em sua capacitação acadêmica e profissional, possibilitando também melhores índices para o Brasil de pesquisas.

No entanto, a forma que envolveu a criação do Programa foi responsável por problemas em sua fase inicial de implementação, pelo menos em parte solucionados.

Com a criação do CsF, surgiram algumas dificuldades para compatibilizar os acordos existentes com a nova iniciativa. Foram reportadas, ainda, algumas dificuldades de comunicação das universidades, ou de parte delas, com as agências

financiadoras e as instituições estrangeiras. Não se trata de dificuldades de resolver problemas envolvendo os bolsistas no exterior, mas de participação no processo que levava ao fechamento de acordos (BRASIL, 2015).

O processo de seleção de alunos igualmente apresentou alguns problemas. Cabe ressaltar, porém, que nos parece adequado que se mantenha a prerrogativa das universidades de adotar processos próprios de seleção, fundamentados no mérito acadêmico, respeitados os critérios estabelecidos pela CAPES e pelo CNPq.

As Universidades que já mantinham iniciativas nessa área decerto mostraram-se mais preparadas para aplicar critérios próprios. Mas houve instituições que, pelo menos nas primeiras seleções, certamente em decorrência da repentina oferta de vagas, não foram exemplarmente criteriosas nesses processos.

Além disso, outro problema identificado no CsF, mais especificamente na forma como vinha sendo implantado, residia na barreira do idioma. As deficiências no domínio de línguas estrangeiras, particularmente do inglês, criaram dificuldades no processo de seleção e no aproveitamento dos estudos no exterior (BRASIL, 2015)

Portanto, diante deste desafio, o MEC criou, por meio da Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014, o Programa Inglês sem Fronteiras / Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF). A sigla IsF indicava, inicialmente, o Programa Inglês sem Fronteiras (instituído em 2012), que depois passou a incorporar outros idiomas, tornando-se Idiomas sem Fronteiras e mantendo a mesma sigla. As principais ações do IsF consistem na oferta de cursos de idiomas presenciais em universidades federais, no acesso a curso de inglês e de francês *on line* auto instrucional (*My English On line e Français sans Frontières*) e na aplicação de testes de nivelamento e proficiência. A iniciativa foi bem-vinda, mas deveria ter sido criada algum tempo antes do lançamento do CsF (BRASIL, 2014).

A principal inovação do CsF consistiu em estender a internacionalização para o ensino de graduação. Anteriormente, essa ação praticamente se limitava à pós-graduação, estando, portanto, ligada mais à pesquisa do que ao ensino. Ainda que a pesquisa mereça prioridade, o ensino igualmente precisa do processo de internacionalização, como fonte de estímulo à circulação de novos conhecimentos e à adoção de novas metodologias e práticas educativas.

A manutenção de um programa de mobilidade internacional, de que o Brasil precisava ser acompanhada de investimentos, por fontes públicas e privadas, no desenvolvimento de projetos de pesquisa e nos laboratórios das universidades e demais instituições científicas nacionais.

Trata-se de medida fundamental para garantir que os ganhos de programa dessa natureza não fiquem restritos ao nível pessoal, mas que sejam compartilhados com outros estudantes e pesquisadores (BRASIL, 2015).

De fato, a internacionalização de universidades e o desenvolvimento de redes internacionais de pesquisa abriam novas possibilidades para carreiras internacionais e para a cooperação científica, o que não significava necessariamente a perda de recursos humanos de alta qualificação pelos países em desenvolvimento.

O Ministério da Educação (MEC) anunciou em abril de 2017 o fim do CsF, com os dados financeiros, abordando o valor total gasto neste projeto:

O Programa Ciência sem Fronteiras concedeu entre 2011 e 2016 a soma de cerca de R\$10,5 bilhões ou para a concessão de 101.446 bolsas, o que perfaz uma média de R\$103 mil por bolsista (BRASIL, 2015, s/n).

O valor de concedido por bolsistas era para suprir os custos com as mensalidades, moradia, passagem, dentre outros, pelo período de um ano. E em relação ao custo-benefício, o investimento em Ciência, Tecnologia e Inovação apesar de alguns equívocos tenham sido cometidos em sua implementação inicial, o Programa foi capaz de aumentar a visibilidade internacional da educação superior brasileira.

Ademais, lançou bases mais firmes para a inserção das universidades e outras instituições brasileiras em programas de cooperação internacional no campo da pesquisa científica.

Apesar das limitações do CsF em priorizar algumas áreas de atuação e tecnologia, a escolha desse programa, foi pelo aspecto global que o CsF se propôs a atingir, no sentido de agregar o ensino, pesquisa, cultura, o aprimoramento do idioma, além da internacionalização das instituições, tornando estudantes e docentes mais qualificados profissionalmente e academicamente.

4.2 ASPECTOS DA MOBILIDADE INTERNACIONAL NA VISÃO DOS ESTUDANTES

Neste tópico são apresentados os resultados da pesquisa e a análise dos dados, estruturados a partir do formulário de depoimento, realizado pela Assessoria de Cooperação Internacional, no período de 2014 a 2016, após o retorno da mobilidade acadêmica dos estudantes. Esta análise atendeu o objetivo específico: verificação das dificuldades e benefícios dos estudantes de graduação da UFRPE no enfrentamento dos desafios da mobilidade internacional dos estudantes que estiveram em mobilidade acadêmica nos anos de 2013 a 2015, no Programa Ciência sem Fronteiras.

A análise teve como base os objetivos do Programa Ciência sem Fronteiras, como norte de referência e compreensão dos desafios e conquistas dos estudantes nesta grande experiência acadêmica, pessoal e cultural. Sendo os objetivos do Programa: investimento na formação de pessoal qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da ciência na sociedade do conhecimento; aumento da presença de pesquisadores (e estudantes) de vários níveis em instituições de destaque no exterior; promover a inserção das instituições brasileiras internacionalmente com abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; ampliar o espírito inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; atrair talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil (BRASIL, 2011a).

As experiências acadêmicas retratam o que os estudantes obtiveram de resultados em relação ao que foi abordado nas instituições estrangeiras, além de outros aspectos que dificultaram em sua adaptação ao novo sistema educacional.

Em relação às experiências socioculturais abordamos aspectos relacionados à socialização dos estudantes com os nativos, imersão em outra cultura e características linguísticas encontradas em outro país.

No tópico necessidades, os estudantes colocaram os pontos mais importantes que precisam ser melhorados e aprimorados para que eles se adaptem com mais facilidade a mobilidade internacional, pois vários aspectos são levados em consideração para que tenham o melhor resultado em sua estada em outro país.

4.2.1 Experiências Acadêmicas

As experiências acadêmicas foram identificadas em duas categorias iniciais: aprendizagem e estrutura, que serviram de base para análise dos benefícios e dificuldades enfrentadas pelos estudantes em mobilidade acadêmica. Analisamos vários aspectos foram identificados para contribuir a educação dos estudantes. Segundo Libâneo (2005), a educação cada vez mais está se adaptando às novas condições do mundo, e como consequência, tem que estar inserida na mudança no processo industrial ligada aos avanços científicos, nas novas tecnologias da comunicação e informação, nas mudanças na forma de fazer política e mudanças nos paradigmas do conhecimento.

As mudanças nas Instituições de Ensino Superior foram impulsionadas também pelo processo de Internacionalização, que gera oportunidade de proporcionar aos estudantes, vivências e desafios internacionais. Sendo assim:

[...] a Internacionalização em nível nacional, setorial e institucional é definida como o processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária [...]. (KNIGHT, 1994, p.2).

E esse acompanhamento da consolidação do processo de internacional universitário, fortifica-se a noção de garantia de qualidade, compreendida como uma expressão de ato formal de certificação de uma instituição ou programa para efeito de informação pública. Sendo assim, intensifica a necessidade de estabelecer convênios internacionais, parcerias institucionais e intercâmbio entre estudantes e professores, para fomentar a educação superior na esfera global (MOROSINI, 2014).

Identificamos no quadro 7, as experiências acadêmicas voltadas para a aprendizagem dos estudantes, identificando como unidades de registro os comentários (C) abaixo.

Quadro 7 Experiências Acadêmicas: Aprendizagem

Categoria Final	Categoria Inicial	Unidades de Registro
EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS	Aprendizagem	1. Aprofundar o conteúdo da área
		2. Interdisciplinaridade nas disciplinas ofertadas
		3. Proficiência na língua estrangeira
		4. Educação continuada e parcerias
		5. Práticas acadêmicas
		6. Método Acadêmico
		7. Qualidade de Ensino

Fonte: A autora, (2018).

Em relação ao aprofundamento do conteúdo na área de estudos de cada estudante e a oportunidade de cursar várias disciplinas além da sua grade curricular, foram destacados nestes itens comentários, pois ao vivenciar os estudos em outra instituição, tiveram que inserir em outro método de ensino, para alguns com grande destaque para sua formação, para outros proporcionou um desafio em contemplar outras disciplinas que nunca poderiam cursar no Brasil. A seguir alguns comentários para corroborar com a análise:

[...] pude desenvolver minhas competências em língua inglesa e tive a possibilidade de cursar matérias bem diferentes daquelas oferecidas pela minha grade de estudos acadêmicos. **C1**⁷

[...] ao estudar em uma instituição estrangeira fui capaz de adquirir novos conhecimentos, devido ao contato com novas matérias, que geralmente não são ministradas no Brasil, podendo assim me preparar melhor para uma carreira profissional. **C2**

[...] a liberdade de escolher disciplinas de outras áreas, contribui para a interdisciplinaridade e amplia a visão do aluno. **C3**

⁷ As nomenclaturas C1, C2...C24 são compostas pelas respostas dos estudantes que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras, conforme o formulário de depoimento (Anexo A), elaborado pela Assessoria de Cooperação Internacional, com objetivo de preservar e não haver nenhum constrangimento perante os depoentes.

Quando falamos em mobilidade internacional um dos fatores importante é o idioma estrangeiro, alguns estudantes enfatizaram que foi de extrema importância a aquisição da proficiência da língua, já outros tiveram grande dificuldade em adaptação a língua estrangeira, pois não saíram preparados ou até mesmo confiantes na língua, e quando chegaram ao local da mobilidade apareceram os desafios de se relacionar e se adaptar à nova língua. Podemos confirmar em alguns comentários a seguir:

[...] foi importante em relação ao aprendizado em outra língua. O método de ensino foi bastante eficaz e rápido. **C4**

[...] primeiramente o domínio da língua inglesa, no começo era muito difícil se comunicar, prestar atenção em avisos no metrô ou em outros meios de transporte, porém como a passar do tempo fui observando minha evolução, conseguindo rapidamente me comunicar. **C5**

O Programa Ciência sem Fronteiras alinhava à mobilidade o Programa Idiomas sem Fronteiras para que esses estudantes saíssem preparados para os desafios de enfrentar o cotidiano em outro país. As aulas presenciais eram da língua inglesa e eram direcionadas no intuito de diminuir grandes lacunas no enfrentamento de uma nova realidade educacional e vivências culturais, porém o curso era de curta duração e ocorria a cada 3 meses, com o objetivo de atender maior número de estudantes matriculados no curso. A seleção era com base na nota do *Toefl Test ITP*, uma prova de proficiência aplicada pela UFRPE para os estudantes que tinham interesse em realizar a mobilidade ou aperfeiçoar seu idioma. As turmas de nível básico, intermediário e avançado eram formadas de acordo com o resultado da avaliação do *Toefl Test ITP*, sendo identificado o grau de conhecimento de cada estudante, através da sua pontuação na prova.

Segundo o gráfico 1, sobre o idioma estrangeiro, cerca de 60% dos comentários analisados levantaram como ponto positivo a proficiências na língua estrangeira, em contraponto, cerca de 40% dos comentários abordados pelos estudantes, dificuldades existiram em relação a adaptação a língua estrangeira, pois eles tiveram que resolver os problemas sozinhos, além de assistirem as aulas e interagir com os professores.

Gráfico 1- Idioma estrangeiro

Fonte: A autora, (2018).

O método de ensino em outras Instituições exige um diferencial de acordo com cada país: cultura, identidade científica, costumes, métodos de avaliação, dentre outros. Aspectos esses em que o estudante teve que imergir para conseguir cursar as disciplinas, no entanto, o diferente tornou-se na prática viável. Porém pontos negativos foram apontados devido à metodologia aplicada ser bastante distinta em relação às universidades brasileiras, conforme alguns comentários abaixo:

[...] foi ver como um método de ensino considerado moderno e que de certa forma mais eficaz, funciona na prática. Ter acesso a diversas ferramentas de ensino e ver na prática como os professores conseguem incluir em sala de aula. **C6**

[...] ponto negativo é a diferença em relação a avaliação acadêmica, a qual tive um pouco de dificuldade no início. **C7**

As Instituições estrangeiras se destacam pela qualidade de ensino, em vários pontos: aulas, professores qualificados, estrutura, laboratórios, pesquisas científicas, práticas acadêmicas, educação continuada e parcerias com outras instituições como forma de intensificar os projetos científicos e acadêmicos. E no Brasil, conforme Morosini (2014), o processo de internacionalização universitária, fortifica-se a noção de garantia de qualidade, compreendida como uma expressão de ato formal de certificação de uma instituição ou programa para efeito de informação pública. Sendo assim, intensifica a necessidade de estabelecer convênios internacionais, parcerias institucionais e intercâmbio entre estudantes e professores, para fomentar

a educação superior na esfera global. Neste aspecto, corrobora com os objetivos do Programa Ciência sem Fronteiras de proporcionar estudantes e pesquisadores o ensino de qualidade agregando as oportunidades de parcerias internacionais.

Quadro 8 Experiências Acadêmicas: Estrutura

Categoria Final	Categoria Inicial	Unidades de Registro
EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS	Estrutura	1. Estrutura da Universidade
		2. Utilização de tecnologias
		3. Laboratórios equipados
		4. Apoio Institucional
		5. Plataformas <i>on line</i>

Fonte: A autora, (2018).

As Universidades estrangeiras têm como fator importante para o incentivo do ensino de qualidade, toda a estrutura de salas equipadas, bibliotecas, tecnologias, laboratórios equipados, plataformas *on line*, além dos professores e funcionários qualificados para atender os estudantes nativos e estrangeiros da melhor forma. A seguir alguns comentários acerca da estrutura encontrada no exterior.

[...] eu creio que a estrutura fornecida pela Universidade no que se refere a laboratórios (e de acesso aos mesmos), biblioteca e investimento em pesquisa, e a estrutura de ensino são os pontos que mais se destacam quando comparados ao Brasil. Os laboratórios presentes na Universidade prestavam uma estrutura suficiente (em termos numéricos e de qualidade) para suprir a demanda acadêmica.

C8

Estrutura e tecnologia das Universidades possibilitando um maior aprendizado. Contato com equipamentos inovadores e pesquisas de alto nível. **C9**

Porém, compreendemos que no Brasil as instituições de ensino ainda são deficientes em termo de estrutura. Elas precisam melhorar quanto à instalação de laboratórios, utilização de tecnologias, dentre outros aspectos, como forma de proporcionar condições mais favoráveis ao ensino, pesquisa e extensão. Por isso,

ressalta-se a importância de investimento em educação, pois quando falamos de ampliar o ensino, estamos também diante dos desafios das políticas públicas de proporcionar maiores benefícios na estrutura das universidades, professores qualificados, técnicos administrativos competentes para gerenciar e administrar o bem público.

4.2.2 Experiência Sociocultural

Quando um estudante sai do seu habitat natural e vai de encontro a outras culturas, ele se coloca à disposição para viver o novo e imergir em uma situação diferente, seja com pessoas ou lugares; fazendo com que ele quebre o paradigma da tradição. Segundo Giddens (2012) quando a natureza é invadida, e até destruída pela socialização, a tradição é dissolvida, e novos tipos de incalculabilidade emergem, ou seja, fatores externos e internos são agentes podem atuar nas transformações, ações e mudanças da sociedade.

A mobilidade traz este diferencial na vida dos estudantes, eles passam a usufruir e compartilhar momentos diversos com intuito de aprender e se adaptar as novas oportunidades. Realmente as experiências socioculturais gera impacto direto sobre as relações culturais das nações uma vez que interrompe o fluxo linear de relações e comunicação onde as polaridades se desenvolvem, acarretando transformações significativas. Como relata a teoria da modernidade reflexiva:

[...] A teoria da modernidade reflexiva é caracterizada pela transformação da modernização, em que os avanços do sistema parecem destruir inexoravelmente o mundo da vida+ [...] (GIDDENS, 2012, p.171).

Nestas condições, abordaremos as dificuldades e benefícios gerados de acordo com as experiências socioculturais envolvidos na mobilidade acadêmica. De acordo com o quadro 8, que situa o valor pessoal vivenciado e o quadro 9, que expõe o valor cultural explorado na mobilidade.

Quadro 9 . Experiência Sociocultural: Valor pessoal

Categoria Final	Categoria Inicial	Unidades de Registro
EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL	valor pessoal	1. Comprometimento
		2. Amadurecimento
		3. Independência resolver problemas
		4. Autoaprendizagem
		5. Problemas de Saúde (depressão)

Fonte: A autora, (2018).

Em relação ao valor pessoal despertado na experiência sociocultural, identificamos que o estudante mesmo saindo da sua ~~caixa~~ ^{zona} de conforto, ou seja, saindo do seu lar para enfrentar lugares e pessoas desconhecidas, a maioria deles conseguiram ter responsabilidade, comprometimento para resolverem problemas pessoais, tornando mais confiantes no dia a dia para enfrentar os desafios, que antes eram resolvidos pelos pais. A seguir, seguem alguns depoimentos que confirmam os desafios superados por eles.

Autoconfiança, amadurecimento e independência foram os valores pessoais mais desenvolvidos. **C10**

Sair de sua "zona de conforto" e ir a um país diferente, língua diferente, costumes diferentes...é um crescimento pessoal inenarrável. Eu me tornei capaz de abrir meu pensamento a diversas formas de organização, o respeito pelo outro, por suas particularidades, o que traz em si como ético são coisas que quero levar comigo sempre. **C11**

A oportunidade de conhecer pessoas de diversos lugares do mundo, e absorver suas culturas num só lugar foi o ponto mais positivo, sendo de muito proveito e importância na minha vida profissional e pessoal. **C12**

Pontos positivos existem, pois, conhecer diversos lugares do mundo, pessoas diferentes, absorver novas culturas, aprender idiomas e gerar novas amizades, com certeza é um benefício para toda vida. No entanto, verificam-se também as dificuldades enfrentadas por eles, além da falta dos pais, o momento de vencer as

barreiras com problemas de doenças, algumas vezes até uma depressão. Não é tarefa fácil, resolver problemas de saúde sozinho em outro país, onde as normas e procedimentos são diferentes. Sendo assim, alguns estudantes abordam que os fatores negativos mais presentes são a ausência dos familiares e de saúde.

[...] fatores negativos foram a distância da família e amigos, a comida brasileira e os desafios de ser independente. **C13**

Quadro 10 . Experiência Sociocultural: Valor Cultural

Categoria Final	Categoria Inicial	Unidades de Registro
EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL	valor cultural	1. Aperfeiçoamento da língua
		2. Aprender diferentes culturas
		3. Adaptação alimentar e climática
		4. Adaptação com a língua
		5. Espírito Nacionalista
		6. Relacionamento com os nativos

Fonte: A autora, (2018).

Na perspectiva do valor cultural vivenciado pelos estudantes, fatores influenciaram como: aperfeiçoamento e adaptação da língua, aprendizagem de diferentes culturas, relacionamento com os nativos, além da adaptação alimentar e climática. Sair do bem-estar para imergir em outra cultura é sair do tradicional e ter novos olhares para outras oportunidades, pois sabendo aproveitar estas experiências, podem agregar maiores retornos para sua vida pessoal e profissional.

As identidades culturais perpassam entre si, fazendo com que novas formas de pensar e agir sejam estruturadas para maior adaptação. Segundo Hall (2015), as pessoas em mudança de local, carregam seus costumes, os traços culturais, sua linguagem, sua história particular, suas tradições. Alguns depoimentos a seguir demonstram dificuldades e benefícios deste desafio:

No início tive dificuldade em me comunicar com outras pessoas, principalmente os nativos. Falta de confiança e timidez foram os principais motivos. **C14**

[...] tive dificuldade de ser aceito pelos nativos. **C15**

[...] foi imprescindível para minha capacidade de adaptação, não é fácil deixar o país e a cultura e se inserir em outra ainda desconhecida - De início, houve um choque cultural. **C16**

Conheci pessoas de diferentes nacionalidades, conheci diferentes línguas. No entanto, nem tudo são flores, onde vivi era muito frio, a temperatura no inverno era em torno de -5 graus. **C17**

Outro ponto que destacamos é a adaptação a outra língua, um grande desafio para os estudantes que muitas vezes saíram daqui despreparados ou até mesmo sem a estrutura para enfrentar o cotidiano em outro país. A Universidade Federal Rural de Pernambuco ofereceu cursos de idiomas, através do Programa Idiomas sem Fronteiras, o que ajudou imensamente os estudantes iniciarem o desafio, porém ingressar em outra Universidade é diferente, porque os professores têm uma metodologia e prática, que para um estrangeiro pode ser bem difícil no início. Como podemos perceber nos depoimentos as dificuldades existem, mas as barreiras são vencidas pela determinação.

Sobre o inglês, a experiência foi extraordinária de estar em outro país aprendendo nova língua e não somente isso, nova cultura. Foi de grande valor para mim, pois consegui aprendê-la e então ingressar na universidade estrangeira. Hoje posso considerar-me bilíngue. **C18**

Primeiramente o domínio da língua inglesa, no começo era muito difícil se comunicar, prestar atenção em avisos no metrô ou em outros meios de transporte, porém como a passar do tempo fui observando minha evolução, conseguindo rapidamente me comunicar. **C19**

Além da adaptação à língua estrangeira, podemos também indicar a adaptação climática, pois nosso país é tropical de altas temperaturas. Muitos estudantes puderam usufruir de baixas temperaturas e tiveram que se adaptar para conseguir ter uma vida normal. Na imagem 1⁸, expomos a experiência da estudante Maria Gabriela Cavalcante Batista, graduanda do Curso de Agronomia da UFRPE,

⁸ O uso das imagens: 1, 2, 3 e 4 foram autorizadas, conforme modelo TCUI no Apêndice B.

que participou do Programa Ciência Sem Fronteiras, no período de 2013 a 2014, ela destacou suas dificuldades e superações.

Imagem 1 . Experiências nos Estados Unidos de Maria Gabriela em 2014: Adaptação climática⁹



Fonte: ACI UFRPE, Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=6770841429691815&set=rpd.100002978922179&type=3&theater> Acesso em: 07 mar. 2018.

A imagem acima retrata as características do ambiente em que a estudante se encontra, expondo seus desafios em ficar em um local de baixa temperatura totalmente diferente do seu cotidiano no Brasil. Segundo Kossoy (2001) a fotografia original, é assim, um objeto imagem: para detectar uma certa característica da época em que foi produzido. Sendo assim, registrar este momento foi importante para demonstrar a adaptação e interação com o meio ambiente.

⁹Legenda: "Essa foto foi tirada no Memorial Hall (University of Kentucky) durante o congelante inverno do ano passado. Para quem está acostumado com o calor do Nordeste passa sufoco quando pega uma temperatura de -25 graus. Enfim, nessa época eu estava me preparando para o meu primeiro semestre acadêmico, que foi ao mesmo tempo uma experiência única e árdua por conta da língua. Mas com muito esforço e dedicação consegui obter conceito A em todas disciplinas e hoje estou na Dean List da University of Kentucky - Spring 2014, uma conquista que dedico exclusivamente a minha família, Maria Gabriela Batista.

Diante dos desafios das experiências socioculturais, despertamos para análise das necessidades proferidas pelos estudantes através dos depoimentos sobre sua mobilidade acadêmica, onde abordaremos as suas causas acadêmicas e estruturais. No quadro 12 e no quadro 13, situamos as necessidades acadêmicas e expomos as necessidades estruturais requisitados na mobilidade.

4.2.3 Necessidades

No cenário da mobilidade internacional grandes desafios e necessidades são barreiras a serem superadas, diante das diferenças culturais, linguísticas, pessoais, problemas com relacionamento, dificuldade acadêmica com uma nova didática e aulas diferenciadas, falta de conhecimento ou orientação. Contudo, para se concretizar um dos objetivos do Programa Ciência sem Fronteiras: %_α.] Investimento na formação de pessoal qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da ciência na sociedade do conhecimento [...]+ Brasil (2011a, p.1), são necessários alguns ajustes para que todo o sistema seja eficiente, e este investimento seja realizado de forma eficaz para um retorno melhor à sociedade. Sendo assim, alguns pontos foram apontados pelos estudantes, para que fossem ajustados, se possível, para um resultado adequado e mais aprimorado. No quadro 11, apresentamos necessidades relacionadas à função acadêmica, como: disciplinas, professores, aulas, didática, idiomas.

Quadro 11 . Necessidades Acadêmicas

Categoria Final	Categoria Inicial	Unidades de Registro
NECESSIDADES	Acadêmica	1. Listas de disciplinas compatíveis com as Universidades Estrangeiras
		2. Trazer professores de fora
		3. Aproveitamento de disciplinas
		4. Incentivo com curso de idiomas antes da viagem

Fonte: A autora, (2018).

Segundo Libâneo (2008), a educação como instituição social corresponde à estrutura organizacional e administrativa, normas gerais de funcionamento e diretrizes pedagógicas referentes seja ao sistema educacional como um todo, seja ao funcionamento interno de cada instituição, tal como é nas Universidades.

Na UFRPE a Assessoria de Cooperação Internacional (ACI) é responsável pelo apoio administrativo e acadêmico aos estudantes que saem em mobilidade, orientando-os em relação às disciplinas que poderão cursar fora do país, trancamento de matrícula na Universidade de origem, além de outras instruções. Porém alguns detalhes básicos sobre a Universidade estrangeira têm que ser investigados pelo estudante, como também, buscar informações sobre as disciplinas pertinentes à sua área, informações sobre local, alojamento, cultura, alimentação. Conforme alguns comentários abaixo, os estudantes gostariam da lista de todas as disciplinas compatíveis com as disciplinas das Universidades estrangeiras, o que seria inviável para estrutura de pessoal e acadêmica da UFRPE.

[...] facilitar o aproveitamento de disciplinas estudadas no exterior para curso no Brasil. **C20**

Sugiro que fosse elaborada uma lista de compatibilidade entre as disciplinas de universidade de origem e a instituição no exterior, de forma que o aluno pudesse escolher uma instituição onde as disciplinas cursadas seriam válidas na grade disciplinar da Universidade brasileira. **C21**

A Universidade Federal Rural de Pernambuco quando se trata do aproveitamento de disciplinas cursadas em outras Instituições, pois conforme a resolução Nº 442/2006 . CEPE da UFRPE, de 16 de outubro de 2006, que dispõe sobre dispensa de disciplinas já cursadas pelos alunos matriculados nos diferentes cursos de graduação das Unidades Acadêmicas da UFRPE, aborda o seguinte:

Art. 2º - Para que sejam creditadas pela UFRPE, as disciplinas cursadas devem atender as seguintes exigências: a) serem equivalentes em pelo menos 80% do conteúdo programático às correspondentes disciplinas que serão dispensadas; b) terem carga horária igual ou superior àquela das disciplinas à serem dispensadas; c) serem oferecidas regularmente pela Instituição onde foram cursadas como integrantes do currículo de um curso devidamente reconhecido. (UFRPE, 2006, p.1).

Acerca destes critérios, em relação ao conteúdo tem que ser cursado pelo estudante, e da carga horária da disciplina tem que ser realizada, muitos estudantes que cursaram as disciplinas fora do país, e tanto a carga horária como o conteúdo não eram compatíveis com as disciplinas do curso da UFRPE, sendo a maioria das solicitações indeferidas pelo Colegiado do Curso. Sabendo disto, a ACI orientava antecipadamente os estudantes para eles cursarem disciplinas que complementassem sua formação, para que o tempo em mobilidade fosse aproveitado de forma eficiente, pois de acordo com a UFRPE, a maior parte das disciplinas não aproveitadas, entrariam no currículo acadêmico como carga horária complementar.

Quando as necessidades estão aliadas à estrutura depende muito da Universidade em que os alunos estão inseridos e da Instituição que eles irão realizar a mobilidade. Na UFRPE o trabalho é realizado diante da perspectiva da internacionalização, conforme objetivo do Programa CsF:

[...] promover a inserção das instituições brasileiras internacionalmente com abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; atrair talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil (BRASIL, 2011a, p.1).

Neste sentido, há sempre necessidade de estabelecer convênio e parcerias para o aumento de mobilidade e também receber professores e estudantes de fora para ingressar na UFRPE, proporcionando a troca de experiências acadêmicas, culturais e linguísticas. Para isto, a importância da Assessoria de Cooperação Internacional juntamente com os docentes da instituição em desenvolver um trabalho para conquistar estas parceiras e fomentar a pesquisa e projetos acadêmicos entre as universidades.

Outros pontos são abordados no quadro 12, como: apoio administrativo, acompanhamento e orientação dos alunos nas Universidades estrangeiras e o processo de mobilidade menos burocráticos.

Quadro 12 . Necessidades Estruturais

Categoria Final	Categoria Inicial	Unidades de Registro
NECESSIDADES	Estrutural	1. Estabelecer convênio e parcerias (aumento da mobilidade)
		2. Ótimo apoio da ACI e orientações
		3. Acompanhamento e orientação dos alunos nas Universidades (ACI/CAPES/CNPq)
		4. Processo de mobilidade menos burocráticos

Fonte: A autora, (2018).

Os estudantes no período da mobilidade acadêmica eram acompanhados e orientados pela CAPES e CNPq, através do canal de diálogo entre eles. Muitos assuntos tinham que ser resolvidos por estas instituições, pois a UFRPE não tinha interferência nisto. E este ponto, foi uma das deficiências do sistema, que deixava em algumas situações os estudantes sem informações e estrutura para resolução do problema, conforme depoimentos abaixo:

Sugiro programas de intercâmbio continuem sendo estimulados pelas Instituições de ensino, pois eles são verdadeiros modificadores da realidade dos estudantes. **C22**

A instituição deveria se mostrar mais presente no período de intercâmbio. **C23**

[...] foi de extrema importância ter alguém que nos apoiassem do outro lado, outro país, outra cidade, não tinha uma pessoa assim. Quando se chega a um país diferente com uma cultura comportamental diferente é bastante difícil saber lidar com outras pessoas, isso deveria ser regra para todos os programas em sua totalidade. **C24**

Já a maior parte das instituições estrangeiras deram apoio necessário aos estudantes, sendo elogiadas pela sua organização e disposição em ajudar em todos os sentidos, além da estrutura física e acadêmica, com orientações e informações cabíveis. Neste ponto, cada instituição estrangeira tem seu papel de recepcionar seus hóspedes da melhor forma possível. Quando há entrega de informações, melhor o desempenho e retorno dos estudantes para um bem comum.

4.3 MOBILIDADE INTERNACIONAL NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES

A internacionalização nas Instituições superiores é impulsionada através de pesquisas científicas com parcerias de Instituições estrangeiras, programas de mobilidade acadêmica e recepção de estrangeiros como forma de troca de conhecimento e compartilhamento de projetos e pesquisas. Em concordância, conforme Morosini (2014), aborda que as estratégias marcadas para potencializar a internacionalização na educação superior se baseia em duas propostas: A instituição está voltada à produção científica fruto de experiências internacionais, currículos internacionais, desenvolvimento tecnológico para apoio à internacionalização, convênios e parcerias com outras Instituições.

Neste capítulo identificamos os aspectos socioculturais e educacionais vivenciados pelos estudantes na mobilidade acadêmica, através do Programa Ciência sem Fronteiras e que impactaram na sua formação.

Em relação ao contexto sociocultural proporcionado pela internacionalização, fez com que os estudantes imergissem a outra cultura, vencessem as diferenças linguísticas e sociais, com o objetivo de inserir em um mundo globalizado, podendo se identificar com novas culturas, desafiando as barreiras encontradas por estar em um país estrangeiro.

A interação do aspecto sociocultural é indispensável na mobilidade acadêmica. Os estudantes estão inseridos com o novo e quando começa a se relacionar com outras pessoas nativas, o meio sofre transformações com as influências de ambos os lados, fazendo com que a troca cultural e de informação agregue uma nova visão global. O reflexo disto tudo, faz com que a tradição entre em constante mutação, e estas experiências do cotidiano dizem respeito a algumas questões interligadas ao eu e à identidade, mas também envolve uma multiplicidade de mudanças e adaptações na vida cotidiana (GIDDENS, 2012).

Ao analisar o aspecto educacional, o que aborda Morosini (2014), é que nas Instituições de Ensino Superior, suas funções de ensino, pesquisa e extensão estão tentando cada vez mais de diversificar e ampliar seus horizontes, considerando seus aspectos locais e indo para um contexto global. Esse ponto do contexto global está

relacionado às oportunidades que os estudantes puderam vivenciar na mobilidade acadêmica, abrindo sua mente para o mundo e para o novo.

Os estudantes entrevistados responderam que a mobilidade internacional realizada através do Programa Ciência sem Fronteiras teve relevância na sua vida pessoal e acadêmica, em um grau muito relevante. Ao longo das análises abordamos os pontos que mais se destacaram e os que se tornaram deficientes.

Em relação à vida acadêmica dos estudantes percebemos na tabela 1, que ao chegar em uma outra Universidade, com metodologia diferente, professores qualificados, estratégias de aulas prática diferenciada, ou seja, um cenário acadêmico novo. Os estudantes teriam que estabelecer suas metas de aprendizado pessoal, realmente identificar o que eles estavam buscando nesta experiência, e dentre as respostas, 35,8% dos estudantes buscavam estágio internacional, tendo como foco seu profissionalismo e experiência na sua área, além disso, somando a uma parcela menor, alguns tinham o objetivo de realizar o estágio supervisionado (ESO) na Universidade. Outro ponto, 34% dos entrevistados abordaram que eles construíram relacionamento para uma futura Pós-Graduação no exterior e demais respostas, 25,5 % não tiveram nenhuma pretensão de ir em buscar da sua educação continuada, pois para eles o presente era o mais importante. E 4,7% dos estudantes tiveram a oportunidade de realizar o estágio supervisionado na área de conhecimento, que com certeza puderam colocar os conteúdos adquiridos em sala de aula em prática acadêmica, aperfeiçoando para desempenhar melhores resultados no mercado de trabalho após sua formação.

Tabela 1 . Educação Continuada

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
Pós-Graduação em Universidades no Exterior	36	34%
Estágio internacional	38	35,8%
ESO em Universidade Internacional	6	4,7%
Nenhum	26	25,5%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

A experiência profissional vivenciada por alguns estudantes foi marcada por grandes conquistas, a exemplo da aluna Érika Caetano Dreyer Dinu, graduanda em Engenharia Agrícola e Ambiental da UFRPE e participou do Programa Ciência Sem Fronteiras, no período de 2014 a 2015. A seguir, na imagem 2, ela descreve suas experiências e expectativas.

Imagem 2 . Experiência na Austrália da aluna Éricka Dinu¹⁰



Fonte: ACI UFRPE. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=670841429691815&set=rpd.100002978922179&type=3&theater>. Acesso em: 07 mar. 2018.

A mobilidade acadêmica, vivenciada por Éricka Dinu, além de aperfeiçoar a questão acadêmica, ajudou a desenvolver as habilidades profissionais, tornando o que foi aprendido em sala de aula em prática profissional, proporcionando a mudança da visão acadêmica para uma visão sistêmica. Esta fotografia foi uma comprovação das atividades executadas pela estudante, com intuito de ser um

¹⁰ Legenda: "Essa foto foi tirada numa pequena ilha no sul da Austrália (Tasmânia) onde fiz trabalho voluntário em fazendas orgânicas nas férias. Foi uma experiência muito importante para mim porque aprendi muito sobre agricultura sustentável, além de conhecer pessoas simples e maravilhosas. Foi um período feliz, e triste por ser o último mês do intercâmbio." Éricka Dinu.

diferencial na sua carreira profissional. Conforme Kossoy (2001), as imagens são registros produzidos com finalidade documental, que representarão um meio de informação, um meio de conhecimento, e conterão sempre seu valor documental e iconográfico.

A política pública do Programa Ciência sem Fronteiras, através dos seus objetivos proporcionou ao estudante vivenciar experiências voltadas a área prática, através de estágios supervisionado e profissionais no país em que estavam realizando a mobilidade acadêmica. Porém, na tabela 2 identificamos o que mais refletiu em sua vida profissional, principalmente os fatores que mais marcaram após sua formação para uma melhor inserção no mercado de trabalho.

Na tabela 2, os estudantes abordaram que a fluência do idioma, foi um fator que mais interferiu substancialmente para seu desempenho profissional. O mercado de trabalho exige na contratação a proficiência em línguas, e esta experiência proporcionou um grande destaque na sua formação.

Outro ponto foi o amadurecimento pessoal. Os estudantes identificaram como positivo esta experiência, porque despertou o crescimento pessoal na mobilidade, pois muitos estudantes eram imaturos para estar diante de grandes desafios sozinhos sem o apoio dos pais, e depois do seu retorno, sentiram confiante para enfrentar as barreiras e consegui entrar no mercado de trabalho com mais responsabilidade e determinação.

Em relação à *expertise* acadêmica diferenciada, os estudantes apontaram que foi relevante, porque eles absorveram academicamente, em relação à questão de cursar disciplinas novas, estudar em laboratórios com grandes tecnologias, professores com metodologia e didática diferenciada, além do arsenal de disciplinas interligadas, potencializando a pesquisa e ensino.

A experiência prática também teve sua influência positiva para inserção do estudante no mercado de trabalho, pois alguns estudantes tiveram oportunidade de desempenhar atividades na área profissional, que foram essenciais para proporcionar o conhecimento com embasamento prático. A transformação do conteúdo em sala de aula para a prática durante a formação do estudante, agregou condição do estudante ser mais confiante após sua conclusão do curso, para ir em busca da empresa e função que deseja executar no futuro. Enfim, para um bom

desempenho profissional, é necessário o aperfeiçoamento na prática, ou seja, oportunidade como esta tem que aproveitar.

Tabela 2 . Inserção no mercado

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
Fluência no idioma	49	47,2%
<i>Expertise</i> acadêmica diferenciada	24	22,6%
Amadurecimento	26	23,6%
Experiência prática	7	6,6%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Esta *expertise* acadêmica está relacionada às disciplinas cursadas pelos estudantes, que serviram como diferencial para sua formação. E 35% das respostas apontaram que as disciplinas que cursaram fora do Brasil foram satisfatórias para sua formação, em nível de escala 5 (mais forte), os demais como consequência: 34% em escala 4; 21,7% em escala 3; 6,6% em escala 2; 2,8% em escala 1 (mais fraco). Confirma-se assim, que as disciplinas cursadas em Universidades Internacionais foram de suma importância para o desempenho acadêmico e profissional.

Tabela 3 . *Expertise* acadêmica

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	37	34,9%
4 . forte	36	34%
3 . médio	23	21,7%
2 . fraco	7	6,6%
1 - mais fraco	3	2,8%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

A Universidade Federal Rural de Pernambuco é regida por normas e direcionamentos legais, e uma das questões que devemos seguir é o

aproveitamento e dispensa de disciplinas, através da Resolução Nº 442/2006 . CEPE da UFRPE, onde se deve analisar a carga horária e o conteúdo abordado por cada disciplina (UFRPE, 2006). Diante disto, identificamos como problema as disciplinas estrangeiras que não são compatíveis com as disciplinas da Instituição de origem, tanto no total da carga horária quanto no conteúdo, pois neste caso, é aproveitado apenas como carga completar no currículo acadêmico. Alguns depoimentos a seguir, apontaram que a Universidade deveria modificar as diretrizes para melhor o desempenho do aluno, em relação ao tempo de estada na Instituição, porque o não aproveitamento do tempo dedicado nas disciplinas da mobilidade acadêmica atrasa o curso. Conforme alguns depoimentos abaixo:

Uma vez que fui informada que não haveria aproveitamento de disciplinas, algumas disciplinas que fiz no intercâmbio não foram adicionadas ao meu currículo acadêmico. **D1**¹¹

Tentar integrar de alguma forma as disciplinas cursadas fora que não estão no currículo do curso. **D2**

Diante dos depoimentos dados pelos estudantes, a tabela 4 comprova que a maioria das disciplinas cursadas não foram aproveitadas no histórico escolar. Cerca de 56,6% das respostas identificaram que não foram aproveitadas as disciplinas, em escala de nível 1 (muito fraco); em consequência: 16% em escala 2; 7,5% em escala 3; 12,3 % em escala 4 e 7,5% em escala de nível 5 (mais forte).

Tabela 4 . Aproveitamento de disciplina

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA		%
5 - mais forte	8		7,5%
4 . forte	13		12,3%
3 . médio	8		7,5”%
2 . fraco	17		16%

¹¹ As nomenclaturas D1, D2...D7 são compostas pelos depoimentos dos estudantes que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras, conforme o modelo TCLE no Apêndice A e o questionário de pesquisa no Apêndice C, com objetivo de preservar e não haver nenhum constrangimento perante os depoentes.

1 - mais fraco	60	56,6%
TOTAL	106	99,9%

Fonte: A autora, (2018).

Os aspectos educacionais são relevantes para o crescimento acadêmico dos estudantes que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras, conforme um dos objetivos do Programa: “[...] investimento na formação de pessoal qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da ciência na sociedade do conhecimento [...]”, conforme Brasil (2011a, p.1). Neste sentido, o conhecimento adquirido será fundamental para sua formação, os estudantes estarão habilitados para desempenhar suas funções na atividade que desejar, proporcionando à Sociedade profissionais mais qualificados, tanto para o avanço da ciência quanto para o mercado de trabalho.

Apontamos, nas tabelas a seguir alguns aspectos que impactaram após seu retorno, na sua formação profissional através dos aspectos educacionais, como: método acadêmico diferenciado nas Instituições estrangeiras, qualidade do ensino, experiências práticas, estágio realizado e disciplinas cursadas. A análise realizada pelos estudantes é indicada em cada item em uma escala de 1 a 5. Em que, 1 é fraco e 5 é forte.

O método acadêmico diferenciado, conforme tabela 5, nas Instituições estrangeiras foi visto pelos estudantes como um aspecto muito importante, pois eles tiveram dificuldade em relação à metodologia do professor nas atividades e ao método avaliativo, mas também conseguiram superar os desafios. Está inserido em um método diferente, requer dedicação e estudo para obter um bom desempenho acadêmico, conforme o comentário a seguir:

[...] foi ver como um método de ensino considerado moderno e de certa forma mais eficaz, funciona na prática. Ter acesso a diversas ferramentas de ensino e ver na prática como os professores conseguem incluir em sala de aula. **C2**

Tabela 5 . Aspectos Educacionais na formação profissional: Método Acadêmico

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	59	55,6%
4 . forte	28	26,6%
3 . médio	13	12,2%
2 . fraco	4	3,8%
1 - mais fraco	2	1,8%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

No método acadêmico, na tabela 5, cerca de 55,6%, em escala 5 (muito forte), das respostas identificaram que o método diferenciado vivenciado pelos estudantes nas Universidades estrangeiras foi muito importante para sua formação profissional, 26,6% em escala de nível 4; em consequência: 12,2% em escala 3; 3,8% em escala 2; 1,8 % em escala 1 (mais fraco).

Em relação à qualidade de ensino, na tabela 6, foi um ponto muito forte abordado pelos estudantes, pois ao longo de sua estada tiveram oportunidade de estar em uma Instituição de ensino estrangeira de ótima estrutura, os laboratórios com equipamentos de última geração, profissionais qualificados, utilizaram tecnologias com plataformas *on line*, neste ponto puderam usufruir de uma estrutura de ensino diferenciada.

Tabela 6 . Aspectos Educacionais na formação profissional: Qualidade de Ensino

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	63	59,2%
4 . forte	24	22%
3 . médio	16	15%
2 . fraco	3	2,8%
1 - mais fraco	1	1%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

No método acadêmico, na tabela 6, cerca de 59,2%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram que a qualidade de ensino influencia bastante no resultado final para sua formação profissional, 22% em escala de nível 4; em consequência: 15% em escala 3; 2,8% em escala 2; 1% em escala 1 (mais fraco).

A experiência prática, de acordo com a tabela 7 e 8, obteve destaque e impactou no retorno do estudante, pois praticar o que você está aprendendo reforça ainda mais o conteúdo adquirido, bem como, os estágios realizados que tem um planejamento e direcionamento maior para o mercado de trabalho.

Tabela 7 . Aspectos Educacionais na formação profissional: Experiência prática

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	55	51%
4 . forte	35	33%
3 . médio	15	14%
2 . fraco	3	2,8%
1 - mais fraco	3	2,8%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Conforme a tabela 7, cerca de 51%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram que a experiência prática foi relevante para sua formação profissional, 33% em escala de nível 4; em consequência: 14% em escala 3; 2,8% em escala 2; 2,8% em escala 1 (mais fraco).

Tabela 8 . Aspectos Educacionais na formação profissional: Estágio realizado

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	42	39%
4 . forte	19	18%
3 . médio	12	11%
2 . fraco	12	11%
1 - mais fraco	23	21%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Conforme a tabela 8, cerca de 39%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram que o estágio realizado nas Universidades estrangeiras foi importante para aplicar o conhecimento de sala de aula e adquirir experiência para o futuro profissional, 18% em escala de nível 4; em consequência: 11% em escala 3; 11% em escala 2; 21% em escala 1 (mais fraco).

Em relação às disciplinas realizadas pelos estudantes, conforme tabela 9, muitas delas foram fundamentais no sentido de aquisição de novos conteúdos, pois algumas eram da área e outras de áreas afins, proporcionando aos estudantes ampliar seus conhecimentos, além da sua grade curricular. Outro diferencial de realizar a mobilidade acadêmica é que as disciplinas estrangeiras trazem também na bagagem o contexto sociocultural, porque a proposta é interagir com o ambiente e problemas locais.

Tabela 9 . Aspectos Educacionais na formação profissional: Disciplinas Cursadas

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	30	28%
4 . forte	44	40%
3 . médio	25	23%
2 . fraco	7	6%
1 - mais fraco	4	3%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Conforme a tabela 9, cerca de 28%, em escala 5 (muito forte) e 40% em escala 4, das respostas abordaram que as disciplinas cursadas nas Universidades estrangeiras tiveram seu papel na formação dos estudantes. Eles cursaram disciplinas na sua área e de áreas afins, possibilitando maior conhecimento adquirido; em consequência: 23% em escala 3; 6% em escala 2; 3% em escala 1 (mais fraco).

Nestes pontos abordados, podemos identificar que o aspecto educacional adquirido na mobilidade potencializou o conhecimento globalizado, pois os estudantes voltaram mais motivados a contribuir com o avanço da ciência no cenário mundial, absorvendo no contexto educacional os aspectos: sociais, econômico, político, linguísticos e culturais.

Ao realizar a mobilidade acadêmica vários fatores contribuíram para sua formação, destacamos, nas tabelas a seguir, os benefícios que puderam ser mais relevantes para estes estudantes, tais como: crescimento pessoal, aperfeiçoamento acadêmico, proficiência do idioma, contatos promissores, relacionamentos interpessoais, práticas e estágios realizados, além das experiências culturais.

O crescimento pessoal, na tabela 10; proficiência do idioma, na tabela 11; experiências culturais, na tabela 12 e relacionamentos interpessoais, na tabela 13, foram os pontos mais fortes apontados pelos pesquisados. Na mobilidade acadêmica o crescimento pessoal é indissociável, porque os estudantes voltam mais maduros e mais capacitados a resolver problemas sozinho. Estando imersos em outra cultura, o estabelecimento de relações interpessoais com os nativos e com pessoas de outras nacionalidades cria um senso de responsabilidade e compromisso com sua maturidade pessoal. Além disso, para que haja esta interação é necessária a proficiência do idioma para dá mais segurança na comunicação e aprendizado. Relacionando todos esses pontos, a experiência cultural, que foi destacada, estar vinculada em viver um lugar diferente, absorver a cultura local e estabelecer relações com várias pessoas nativas, realmente mostra que a mobilidade é uma experiência multicultural e social.

Tabela 10 . Benefícios na Formação Profissional: Crescimento pessoal

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA		%
5 - mais forte	95		90%
4 . forte	8		7,5%
3 . médio	2		1,8%
2 . fraco	0		0%
1 - mais fraco	1		1%
TOTAL	106		100%

Fonte: A autora, (2018).

Conforme a tabela 10, cerca de 90%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram que o crescimento pessoal foi bastante importante para sua formação, pois ocasionou o amadurecimento pessoal, pois está sozinho em outro país, enfrentando problemas e longe do conforto parental, possibilita no futuro a autoconfiança e resolução dos problemas com mais facilidade, 7,5% em escala de nível 4; em consequência: 1,8% em escala 3; 0% em escala 2; 1% em escala 1 (mais fraco).

Em relação à proficiência no idioma, conforme tabela 11, foi outro diferencial adquirido pelos estudantes, pois imergir em uma cultura diferente, requer saber se socializar bem e a estratégia melhor foi aprimorar o idioma.

Tabela 11 . Benefícios na Formação Profissional: Proficiência no Idioma

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	79	74,5%
4 . forte	14	13,4%
3 . médio	8	7,5%
2 . fraco	3	2,8%
1 - mais fraco	2	1,8%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Conforme a tabela 11, cerca de 74,5%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram que a proficiência no idioma foi importante após seu retorno na sua formação. Este diferencial posicionou o estudante, futuro profissional, em destaque quando imersos no mercado de trabalho, 13,4% em escala de nível 4; em consequência: 7,5% em escala 3; 2,8% em escala 2; 1,8% em escala 1 (mais fraco).

A experiência cultural, conforme tabela 12, foi abordado como destaque nos benefícios que favoreceram aos estudantes. Quando o estudante interage o seu conhecimento acadêmico adquirido com o aspecto cultural presenciado, proporciona maior interação com a Sociedade.

Tabela 12 . Benefícios na Formação Profissional: Experiência Cultural

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	86	81%
4 . forte	16	15%
3 . médio	4	3,8%
2 . fraco	0	0%
1 - mais fraco	1	1%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Na tabela 12, cerca de 81%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram a experiência cultural como um ponto importante para sua formação. Esta experiência está associada à Sociedade como um todo, podendo gerar compartilhamento, troca e aprendizado em diferentes culturas. Em consequência, 15% em escala de nível 4; 3,8% em escala 3; 0% em escala 2; 1% em escala 1 (mais fraco).

Em relação ao relacionamento interpessoal, conforme tabela 13, percebemos que a pesquisa apontou a importância de se relacionar com outras pessoas de cultura diferente, pois quanto mais você socializa com outros indivíduos, favorece à adaptação por estar em outro país.

Tabela 13 . Benefícios na Formação Profissional: Relacionamentos interpessoais

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	70	66%
4 . forte	29	27,3%
3 . médio	8	7,4%
2 . fraco	0	0%
1 - mais fraco	1	1%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Conforme a tabela 13, cerca de 66%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram importante estabelecer o relacionamento interpessoal. Em consequência, 27,3% em escala de nível 4; 7,4% em escala 3; 0% em escala 2; 1% em escala 1 (mais fraco).

Os demais benefícios apontados foram: aperfeiçoamento acadêmico, contatos promissores e práticas e estágios realizados. Uma vez que é necessário estabelecer esses aspectos no dia a dia, com o intuito de usufruir bons frutos. O desafio dos estudantes é superar as barreiras e conseguir seguir seus objetivos.

O aperfeiçoamento acadêmico, conforme tabela 14, percebemos que este aspecto agrega na formação dos estudantes, pois a proposta do Programa CsF é proporcionar aos estudantes este aperfeiçoamento para que ele possa atuar no avanço do Ciência.

Tabela 14 . Benefícios na Formação Profissional: Aperfeiçoamento Acadêmico

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	27	25,4%
4 . forte	37	35%
3 . médio	18	17%
2 . fraco	13	12,2%
1 - mais fraco	11	10,3%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Na tabela 14, cerca de 25,4%, em escala 5 (muito forte) e 35%, em escala 4, os estudantes abordaram o aperfeiçoamento acadêmico relevante para a sua formação. Em consequência, 17% em escala de nível 3; 12,2% em escala 2; 10,3% em escala 1 (mais fraco).

Os contatos promissores estabelecidos pelos estudantes, conforme tabela 15, foi outro ponto positivo. Alguns estudantes interagiram com outras pessoas em busca de fazer uma pós-graduação no futuro, conseguir um estágio profissional no país durante a mobilidade, e outros, para realizar pesquisas e projetos.

Tabela 15 . Benefícios na Formação Profissional: Contatos promissores

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	23	21,4%
4 . forte	23	21,4%
3 . médio	32	30%
2 . fraco	16	15%
1 - mais fraco	13	12,2%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Na pesquisa, conforme a tabela 15, cerca de 21,4%, em escala 5; 21,4% em escala de nível 4; em consequência: 30% em escala 3; 15% em escala 2; 12,2% em escala 1 (mais fraco). O que aponta que alguns estudantes tiveram mais sucesso do que os demais, pois ir em busca de contatos promissores para conseguir estágios, pós-graduação ou até mesmo realizar pesquisas e projetos, só é válido de acordo com os interesses de cada um.

Em relação à prática e estágios realizados, na tabela 16, analisamos os estudantes que tiveram esta oportunidade para seu desenvolvimento profissional.

Tabela 16 . Benefícios na Formação Profissional: Prática e estágios realizados

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	27	25,4%
4 . forte	37	35%
3 . médio	18	17%
2 . fraco	13	12,2%
1 - mais fraco	11	10,3%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Conforme a tabela 16, cerca de 25,4%, em escala 5 (muito forte), 35% em escala de nível 4; em consequência: 17% em escala 3; 12,2% em escala 2; 10,3%

em escala 1 (mais fraco). A pesquisa retrata que a prática e estágios realizados se destacou para alguns estudantes e para outros, não foram atingidas as expectativas.

Em relação ao contexto sociocultural e pessoal, quando a globalização entra em cena, há um impacto direto sobre as relações culturais das nações uma vez que interrompe o fluxo linear de relações e comunicação onde as polaridades se desenvolvem, acarretando transformações significativas. De acordo com Hall (2015, p.53), [a medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural]. Podemos identificar este aspecto, na absorção da cultura, hábitos e relacionamentos que os estudantes compartilharam na mobilidade que tornaram esta experiência em aprendizado.

Isso reflete no que a mobilidade acadêmica pode interferir na vida social e pessoal de um estudante, que está condicionado ao mundo tradicional em que vive. Com esta oportunidade começa a descobrir algo novo e tentar se inserir em outras culturas, com o objetivo de absorver e vencer os desafios do mundo globalizado. Sendo assim, após seu retorno, estariam mais determinados a ultrapassar as barreiras. Nas tabelas a seguir, identificamos quais aspectos culturais e pessoais mais impactaram na sua formação profissional após a mobilidade.

Desafios pessoais, aperfeiçoamento da língua e diferenças culturais foram os aspectos que mais se destacaram na vida dos estudantes, assim como, em uma escala menor, o relacionamento com os nativos.

O aperfeiçoamento da língua estrangeira, conforme tabela 17, entra como grande diferencial no mercado de trabalho, pois com o mundo globalizado requer cada vez mais profissionais qualificados e preparados para se relacionar com o mundo.

Tabela 17 . Aspectos culturais e pessoais na Formação Profissional: Aperfeiçoamento da língua.

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	74	69%
4 . forte	18	16,9%
3 . médio	6	5,6%

2 . fraco	8	7,5%
1 - mais fraco	1	1%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

De acordo com a tabela 17, cerca de 69%, em escala 5 (muito forte), das respostas abordaram que o aperfeiçoamento na língua proporcionou um diferencial aos estudantes, no sentido de crescimento profissional, pois aprender outra língua convivendo com as pessoas no país da mobilidade e imersos na cultura, facilita o aprendizado, 16,9% em escala de nível 4; em consequência: 5,6% em escala 3; 7,5% em escala 2; 1% em escala 1 (mais fraco).

Os desafios pessoais, na tabela 18, foram apontados como uma ponte da maturidade da vida acadêmica para a vida profissional, os estudantes obtiveram forte experiência de tornar pessoas mais resolvidas e empoderadas, vencendo suas próprias barreiras pessoais, ou seja, estavam sozinhos para superar seus medos e problemas.

Tabela 18 . Aspectos culturais e pessoais na Formação Profissional: Desafios pessoais.

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	67	63,2%
4 . forte	26	24,5%
3 . médio	11	10,3%
2 . fraco	1	1%
1 - mais fraco	1	1%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Na tabela 18 cerca de 63,3%, em escala 5 (muito forte), das respostas apontaram que os desafios pessoais foram muitos, porém serviram como experiência de vida para cada estudante, pois interagir os aspectos acadêmicos, culturais e pessoais em outro país são desafios a serem superados a cada

momento, 24,5% em escala de nível 4; em consequência: 10,3% em escala 3; 1% em escala 2; 1% em escala 1 (mais fraco).

Não é fácil vencer as diferenças culturais, conforme tabela 19, dentre elas adaptação ao clima, a comida, moradia e localidade diferente, além disto saber se relacionar com os nativos da região, pois você é como um estranho que está tentando se inserir no meio deles, gerando em alguns casos rejeição ou dificuldade de interação. Em alguns países, as pessoas são frias e às vezes têm medo de se relacionar com o estranho, por não o conhecer ainda, com isso, leva tempo para gerar uma conexão entre os indivíduos.

[...]. O estranho, em outras palavras, não é apenas alguém que pertence ao mundo desconhecido fora daqui, mas uma pessoa que, por permanecer, obriga os habitantes locais tomar uma posição. É preciso estabelecer se o estranho é ou não um amigo, se ele ou ela não vai embora novamente, o que não é o mesmo que aceitar o estranho como alguém da comunidade, um processo que pode levar muitos anos, ou mesmo nunca acontecer [...] (SIMMEL, 1971 *apud* GIDDENS, 2012, p.127).

Diante do exposto, os estudantes tiveram que ser estranhos por um tempo, para depois se adaptar ao meio, foi necessário criar mecanismos para se relacionar melhor com outras pessoas e aos poucos diminuir as barreiras de ser de outro país, com cultura, costumes e língua diferente. No começo é difícil, principalmente com as questões linguísticas, mas com o tempo muitos deles conseguiram prospectar grandes amigos que se relacionarão pelo resto da vida. Com essa experiência, eles passaram por uma grande preparação em vários aspectos culturais e pessoais, o que foi importante para aprender a ter mais confiança em si mesmo; saber resolver problemas sozinho; compartilhar cultura, hábitos e costumes; relacionar com pessoas enfrentando as diferenças, enfim, tornando-se profissionais diferenciados imergidos em um mundo globalizado e preparados para terem resultados na sua vida profissional.

Tabela 19 . Aspectos culturais e pessoais na Formação Profissional: Diferenças culturais.

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	52	48%
4 . forte	31	29,2%
3 . médio	17	16%
2 . fraco	7	6,6%
1 - mais fraco	1	1%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Diante do exposto na tabela 19 cerca de 48%, em escala 5 (muito forte), das respostas indicaram que as diferenças culturais são indissociáveis a experiência de conviver em outro país com cultura, costumes e linguagem diferente, pois cada um tem que se adaptar ao meio e vencer as barreiras, 29,2% em escala de nível 4; em consequência: 16% em escala 3; 6,6% em escala 2; 1% em escala 1 (mais fraco).

Na imagem 3, a experiência da estudante Bianka Luise de Oliveira, graduanda no Curso de Engenharia Florestal da UFRPE, participou do Programa Ciência Sem Fronteiras, no período de 2014 a 2015 e coloca seu posicionamento em relação ao conhecimento adquirido sociocultural e pessoal.

Imagem 3
Sociocultural¹²

Experiência

Estados

Unidos:

Contexto



Fonte: ACI UFRPE, Disponível em: [.1000029789 22179&type=3&theater](https://www.instagram.com/p/100002978922179&type=3&theater). Acesso em: 07 mar. 2018.

A experiência vivenciada pela estudante, mostrou que a mobilidade acadêmica, também é conhecimento cultural e social, incluindo a possibilidade de visitas em lugares diferentes, que além de conviver no ambiente com as pessoas nativas, gera uma integração entre a cultura local e a natureza. Em concordância, Kossoy (2001) descreve que a fotografia tem um papel decisivo em absorver a bagagem cultural, a sensibilidade e a criatividade que podem imprimir no resultado final. Podendo ser identificados aspectos voltados para a concretização de uma experiência sociocultural.

Outro ponto que avaliamos foi em relação à recepção da Universidade após

¹² Legenda: "Essa foto foi tirada no Grand Canyon, Arizona depois de uma viagem explorando a costa oeste dos Estados Unidos. Tenho muitas outras fotos que poderia escolher por diferentes motivos, mas essa viagem simbolizou muito mais que um recesso após um semestre acadêmico. Essa viagem foi uma grande representação do que esse intercâmbio está me proporcionando: realizar sonhos, conhecer pessoas de todo o mundo com suas histórias e culturas, visitar lugares inimagináveis, melhorar uma segunda língua a cada dia que passa, aprender com cada experiência, viver por mim mesma, lidar ainda mais com as consequências e voltar para casa com uma bagagem na memória muito maior que as próprias malas. O aprendizado que estou obtendo com toda essa incrível experiência é algo que permanecerá comigo por toda a vida. Não está sendo apenas um aprendizado acadêmico, mas também um crescimento pessoal que nunca imaginei obter."

seu retorno da mobilidade. Na tabela 20, verificamos que a avaliação do retorno à Universidade é regular, com a opinião de que a experiência não foi muito boa nem muito ruim. Porém, alguns depoimentos apontaram algumas sugestões de como melhorar o papel da Universidade no retorno dos estudantes.

Na minha visão a Universidade dá pouca atenção aos alunos que retornam. Quando voltei não tinha estágio e precisava me manter, gostaria de ter voltado para Universidade para contribuir com o que aprendi fora e isso não aconteceu porque não existiam bolsas. Devido a isso tive que procurar estágio fora e sai do meio acadêmico. Voltei anos depois, mas foi por meu próprio esforço. **D3**

O intercâmbio de experiências entre os estudantes seria uma das opções no retorno dos estudantes. Também uma recepção melhor sobre as informações necessárias para a vida na UFRPE, como calendário acadêmico, número de disciplinas a cursar, adaptação a vida no Brasil. Tal recepção poderia ser a partir de aspectos culturais, a fim de trazer a lembrança aspectos da nossa cultura regional e nacional; isso poderia ser realizado como um encontro dos estudantes no "Hall" do CEGOE, por exemplo. A instrução dos professores quanto ao relacionamento com os estudantes poderia ser uma solução na volta desses alunos a Universidade brasileira, pois auxiliaria na adaptação desses alunos a vida na universidade. Oferecer aos estudantes estágios a fim de trocar as experiências conseguidas no exterior também seria uma ótima oportunidade e auxiliaria na consolidação da experiência na vida do estudante. **D4**

Criação de um grupo de pesquisa dos alunos que retornaram do programa, para que as experiências trouxessem benefícios mais fortes para a universidade. **D5**

Realmente o papel da Universidade é de suma importância para o acolhimento desse estudante quando retorna da mobilidade acadêmica, pois também ele vai se enquadrar em uma nova realidade. Além disso, todo conhecimento adquirido ao longo da sua experiência precisa ser compartilhado com outros estudantes com o objetivo de incentivar a mobilidade e também de levar o conhecimento para outras pessoas. No ano 2015, no dia 30 de outubro foi realizado na UFRPE o I EMI LACELI - Encontro de Mobilidade e Idiomas, em parceria com a Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), professores e estudantes da UFRPE, que teve como objetivo discutir o papel dos idiomas estrangeiros na internacionalização das Universidade Federais, além de dar dicas sobre como ingressar em programas de mobilidade, através das Universidades. Este evento

também teve a participação de alguns estudantes que estiveram em mobilidade expondo suas experiências vivenciadas, através de exposição de pôster, com o intuito de compartilhar com outros estudantes e participantes do evento (ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, 2015).

Nos demais anos, ações como esta não foram executadas, ocasionando uma lacuna no que os estudantes poderiam ter realizado e compartilhado de suas experiências, pois outros candidatos desejariam apreender mais com esta troca de conhecimento. Outro evento diferente, criado pela ACI em 2016, que podemos citar foi o I *International Student's Day*, realizado no dia 03 de outubro de 2016, em referência ao dia dos estudantes estrangeiros. O evento tinha como objetivo realizar uma feira gastronômica e cultural com todos estudantes estrangeiros que estavam na UFRPE, cada pessoa representava sua nacionalidade com uma comida típica da região em que morava, faziam as apresentações culturais ou musicais (ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, 2016).

Imagem 4 . Evento: I *International Student's Day*¹³



¹³ Legenda: Exposição da Comida típica do México.

Fonte: ACI UFRPE. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php>? Acesso em: 11 abr.2018.

Este registro demonstrou a motivação dos estrangeiros em compartilhar algo positivo da sua cultura, tradição e culinária, para que todos pudessem aprender um pouco sobre o cotidiano da região. Segundo Kossoy (2001) a ato de registrar os momentos vividos, serve para comprovar que houve intenção que aquele evento existisse e foi concretizado, despertando emoção, sensibilidade e deixando marcados os fatos do passado para sempre ser recordado. Portanto, evento como este devem ser repetidos e explorado para que haja o compartilhamento da cultura e informações, despertando o interesse em viver a mobilidade.

Sem dúvidas que, para melhor recepção dos estudantes a ACI deveria organizar mais eventos para interagir e compartilhar grandes experiências vividas pelos estudantes, com o objetivo de proporcionar ao público o conhecimento adquirido, experiências acadêmicas e culturais, os desafios e as dificuldades enfrentadas. Além disso, após o retorno da mobilidade, o apoio da Coordenação do Curso seria muito importante a esses estudantes no sentido de direcioná-los em suas atividades acadêmicas e estágios.

Tabela 20 . Recepção da UFRPE

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
5 - mais forte	15	14,2%
4 . forte	22	20,2%
3 . médio	23	21,7%
2 . fraco	26	24,5%
1 - mais fraco	20	18%
TOTAL	106	100%

Fonte: A autora, (2018).

Em relação ao ponto de vista dos estudantes do que a Universidade deveria ter feito e não realizou para sua formação após seu retorno do Programa Ciência sem Fronteiras, conforme a tabela 21, a maioria dos estudantes abordaram a questão do aproveitamento das disciplinas que não foram aprovadas no currículo

acadêmico e 8,9% apontou os cursos de aperfeiçoamento em idiomas. E cerca de 21,8% sugeriram outros pontos para ser trabalhados, conforme depoimentos a seguir:

Dar continuidade a projetos desenvolvidos no programa, permitindo assim uma evolução na linha de desenvolvimento do aluno. **D6**

Deveria haver um retorno maior por parte dos intercambistas para com a comunidade acadêmica. Sendo, por exemplo, realizados pequenos seminários com cada um contando suas experiências positivas e negativas, de forma a tirar dúvidas de quem pensa ou não em fazer um intercâmbio futuramente. **D7**

Tabela 21 . Desafios para UFRPE

SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA	%
Aproveitamento de disciplina	70	69,3%
Curso de Aperfeiçoamento	9	8,9%
Outros	22	21,7%
TOTAL	101	100%

Fonte: A autora, (2018).

Sendo assim, podemos perceber que existem ajustes a serem realizados pela UFRPE, para que os estudantes entrem e retornem da mobilidade de forma mais organizada e planejada, fazendo com que tenham maior aproveitamento das experiências vivenciadas neste tempo de mobilidade. Tempo em que desafios foram superados, dificuldades foram vencidas, relacionamentos interpessoais trouxeram benefícios pessoais e profissionais, fortaleceram o idioma, conheceram comidas, clima e pessoas diferentes, além disso, adquiriram conhecimento educacionais e experiências profissionais que levarão por toda vida. Tudo isto, servindo como fonte de inspiração e oportunidade para outras pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Ciência sem Fronteiras modificou o cenário institucional que despertou para a internacionalização e tornou possível estar mais conectado com o mundo, proporcionando à UFRPE realizar novas parcerias para grandes projetos e aos estudantes viajarem e vivenciarem a troca de conhecimento, a aquisição da fluência em idiomas, apreender assuntos de sua área e interdisciplinar, conhecer diferentes lugares e pessoas, relacionar com nativos, comunicar com professores para realizar projetos de pesquisas.

O Programa CsF teve um alto investimento do Governo Federal, porém a sua descontinuidade proporcionou perda na área de educação, pois as 101 mil bolsas que foram contempladas pelos estudantes, pesquisadores e docentes em todo Brasil, poderiam ter sido bem maior a quantidade destas se tivesse continuado, pois foi uma experiência ímpar, podendo agregar muito mais no sentido global da educação nacional.

O Governo Federal deveria ter dado sequência ao Programa CsF, assim como o Programa Ganha o Mundo, do Governo Estadual, que teve sua continuidade até os dias atuais, enviando estudantes da Rede Estadual para cursar um ano letivo em Escola Pública estrangeiras, proporcionando aos alunos experiências socioculturais e educacionais.

Atualmente, para conseguir outras oportunidades de mobilidade internacional aos estudantes, a Universidade teria que fomentar mais parcerias com Instituições internacionais, pois não há verba destinada a mobilidade acadêmica na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Assim sendo, fazemos na sequência algumas considerações da importância do Programa para as Instituições e os estudantes, e que poderia implantar para melhorar o resultado final.

O Programa proporcionou à oportunidade de mobilidade em outro país com intuito de compartilhamento de experiências e conhecimento para fortalecer a internacionalização das Instituições Federais, através das parcerias com Instituições estrangeiras, aumento da presença de pesquisadores do exterior; possibilitar aos estudantes vivenciarem a mobilidade em Universidade estrangeira, além disto,

ampliar o espírito inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; atrair talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil.

Neste ponto, o programa conseguiu atender seus objetivos, pois buscou promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileiras por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. E foi o que ocorreu em 5 anos de sua existência, as Instituições tiveram que se adaptar às demandas internacionais ampliando sua estrutura de pessoal qualificado para trabalhar nesta área, estabeleceram normas e diretrizes para execução das atividades, fomentaram as parcerias com outras Universidades estrangeiras para realizar pesquisas, projetos, receber e enviar os estudantes, tudo isto para aderir outro novo cenário e atenderem as expectativas da Sociedade.

A consequência deste programa para a Universidade Federal Rural de Pernambuco foi o projeto de implantação da Internacionalização englobando os cursos de graduação e pós-graduação, fruto das ações realizadas no Programa Ciência sem Fronteiras. Neste sentido, a internacionalização tornou-se uma política das Universidades fazendo com que se estreite cada vez mais as relações internacionais, fazendo com que os estudantes e docentes estejam engajados ao cenário mundial, realizando estudos, pesquisas e troca de conhecimento.

A globalização é entendida como a integração das relações internacionais, sociais, econômicas, políticas e educacionais. E o fato de estar em constante evolução e transformação, de modo que a integração mundial por ela gerada é cada vez maior ao longo do tempo, todos devem estar conectados para conseguir se relacionar. Portanto, quando falamos em mobilidade acadêmica estamos indo de encontro com a globalização. Imagine um estudante que realizou a experiência de vivenciar outra cultura, absorveu conteúdo e informação de alta qualidade, adquiriu oportunidade sociocultural e educacional, com certeza ele trará mais para sua vida o amadurecimento pessoal e profissional.

Nesta experiência os estudantes tiveram a oportunidade de mobilidade internacional voltada para sua formação profissional e acadêmica, e sua dedicação proporcionou benefícios tanto para eles quanto para a instituição de origem, que

cada vez mais se fortaleceu e consolidou as políticas públicas de internacionalização na educação.

A educação absorvida na mobilidade o estudante volta com toda percepção de conhecimento interligado ao mundo e às tecnologias, podendo assim gerar grande retorno à Sociedade, pois todos estão se adaptando às novas condições do mundo, relacionada ao avanço tecnológico e da ciência. Com o mundo globalizado, todos devem entender o que está acontecendo com o cenário global, para cada vez mais utilizar seu potencial na construção do futuro.

Os aspectos educacionais adquiridos pelos estudantes foram bastante positivos para sua formação, porque estavam imersos em uma outra estrutura acadêmica, com laboratórios equipados de última geração, plataformas *online*, profissionais qualificados, enfim, com tecnologias e metodologia diferenciada. Além disto, os estudantes puderam aprofundar conteúdo na sua área bem como cursar disciplinas de outras áreas; realizar práticas acadêmicas e profissionais, alguns tendo sucesso em estágios supervisionados; outros estabeleceram relacionamentos para obter educação continuada após o Programa Ciência sem Fronteiras.

Outro legado importante foi a proficiência do idioma. No início da mobilidade alguns estudantes tiveram dificuldade para se adaptar e obter a fluência necessária para um bom desempenho acadêmico, mas todos conseguiram superar este desafio, porque está inserido em uma outra cultura não é tarefa fácil, as barreiras de estabelecer relacionamentos e parcerias é complicado em um país onde precisamos nos adaptar com o clima, comida, pessoas, cultura, transporte, diversas línguas dos nativos e outros estrangeiros. Porém, tudo isto pode ser mediado quando o comprometimento do estudante com a sua aprendizagem está relacionado aos objetivos que ele tem, pois, o seu futuro só depende dele.

Por isto que a Universidade Federal Rural de Pernambuco oferece aos estudantes cursos de idiomas em várias línguas: Francês, Espanhol, Italiano, Inglês, através do Programa Idiomas sem Fronteiras, que desde 2012 abre vagas para os cursos presenciais ao longo do ano, para fortalecer os idiomas estrangeiros, tornando a barreira do idioma viável e superada. Os estudantes saem para mobilidade preparados para obter um alto desempenho acadêmico e vivenciar um bom relacionamento interpessoal com os nativos. Além disto, para a maioria dos

pesquisados a questão da fluência do idioma estrangeiro está atrelada ao seu destaque no mercado de trabalho, pois os profissionais formados com esta experiência, no momento da seleção em uma entrevista de emprego, conseguem se sobrepor aos demais concorrentes, pela sua proficiência na língua interligada as experiências culturais, sociais e educacionais envolvidas pela mobilidade internacional.

Um ponto negativo abordado pelos estudantes foi o pouco aproveitamento das disciplinas cursadas nas Universidades estrangeiras, sendo a maioria delas indeferidas pelas Coordenações dos Cursos da UFRPE. Após o retorno da mobilidade, as disciplinas que eram aproveitadas foram apenas integradas ao currículo acadêmico como carga horária complementar. Porém, os estudantes tiveram que cursar as demais disciplinas pendentes na grade curricular para concluir o curso. Um lado bom neste aspecto, foi a questão de os estudantes adquirirem novos conhecimentos em sua formação.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco juntamente com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG) deveria criar uma resolução específica para as disciplinas cursadas fora do Brasil, levando em consideração as experiências socioculturais e educacionais adquiridas em outra Universidade, pois algumas características são diferentes das encontradas aqui, como: o método de avaliação, disciplinas interdisciplinares, aulas práticas, dinâmica em sala de aula, estrutura de laboratórios, plataformas educacionais, além dos conteúdos programáticos. Sem dúvida, um grande aprendizado com esta vivência.

Outro ponto, sugerido pelos estudantes à Universidade, seria a geração listas de disciplinas compatíveis antes da mobilidade para garantir o aproveitamento das disciplinas cursadas nas Universidades estrangeiras. Porém, uma prática que está sendo realizada é a checagem do Coordenador do Curso, com antecedência da viagem, as disciplinas que o estudante irá cursar na mobilidade, tornando para fácil após a mobilidade dispensá-las.

Em relação à experiência educacional adquirida, a realização de palestras ou eventos científicos, com os estudantes que estiveram em mobilidade, com o propósito de despertar outros estudantes a participar desta experiência que engloba características pessoais, acadêmica, cultural e social, seria de extrema importância.

A frequência de eventos como este, agregaria a disseminação de conhecimento entre outros alunos, fortalecendo cada vez mais a capacidade de relacionar os estudantes ao mercado internacional.

A mobilidade acadêmica, além de proporcionar ao estudante aprendizado na sua área de conhecimento, através das disciplinas cursadas; permite aprimorar a fluência em língua estrangeira; vivenciar práticas profissionais, usufruir de estrutura de qualidade da universidade; professores e coordenadores capacitados. A experiência também agrega aos aspectos socioculturais, com a possibilidade de o estudante interagir com a cultura local, e enfrentar as dificuldades provenientes deste momento.

A experiência sociocultural proporcionou aos estudantes desafios que foram superados em relação à língua estrangeira, porque para se relacionar com as pessoas e participar das aulas acadêmicas, era necessária certa fluência para melhor socialização.

Realmente as experiências socioculturais geram impacto direto sobre as relações culturais das nações uma vez que interrompe o fluxo linear de relações e comunicação onde as polaridades se desenvolvem, acarretando transformações significativas, conforme a teoria da modernidade reflexiva de Giddens (2012). Os estudantes vindos de uma nacionalidade diferente incumbidos de sua própria cultura tentam interagir com outras pessoas de costumes e hábitos diferenciados, para isto, eles se dispõem a se adaptar ao meio com intuito de gerar um relacionamento. E esta troca de vivência entre os estudantes e os nativos gerou uma quebra dos paradigmas, sendo possível compartilhar e socializar conhecimento e cultura.

Os estudantes aprenderam a resolver os conflitos, vencer as dificuldades pessoais, interagiram com outras pessoas, imergiram em outra cultura, adaptaram com as questões alimentares e climáticas, isto tudo, refletiu na sua independência pessoal, pois após sua formação estes desafios superados os impulsionaram ir em busca dos seus objetivos. E para o mercado de trabalho, é um grande diferencial absorver pessoas com alto grau de amadurecimento, iniciativa para resolver problemas e fácil capacidade de se relacionar.

Percebemos então, o grande benefício pessoal e profissional que Programa CsF proporcionou aos estudantes de graduação da UFRPE, pois a descontinuidade

deste projeto deixou de gerar para a Sociedade mais profissionais preparados para um contexto mundial, com alta expertise em sua área de conhecimento e um ótimo potencialmente de relacionamentos interpessoais.

E para as Universidades a finalização do Programa minimizou as oportunidades de cada vez mais interagir com outras Instituições em pesquisas científicas, parcerias institucionais, convênios e projetos acadêmicos, sendo assim, deixando de contribuir para Sociedade maior número de profissionais formados qualificados e com uma visão global para o mercado de trabalho, porque a experiência acadêmica e sociocultural gerou um diferencial a estes estudantes tanto no lado pessoal quanto profissional.

Enfim, o legado que o Programa nos deixou foi proporcionar aos estudantes, muitos deles sem condições financeiras nem mesmo para sair a outra cidade, vivenciar experiências socioculturais e educacionais de alto nível, enriquecendo e fortalecendo a vontade de crescer e sonhar, percebendo que tudo que eles viveram foi possível. E que o futuro deles só depende da vontade de querer ir em busca dos seus objetivos. Portanto, sua formação agregada a experiência do Programa CsF embasará suas decisões em desenvolver a Sociedade, em promover o avanço da ciência, agregando a importância dos relacionamentos, e com certeza, inserir no mercado de trabalho profissionais competentes com visão global.

Na análise geral do trabalho, como autora, aprendi que esta pesquisa é muito importante para despertar a UFRPE juntamente com a ACI que é necessário melhorar no atendimento aos estudantes; criar novas estratégias de parcerias para gerar possibilidade de mobilidade internacional, promover eventos para compartilhar saberes e/ou experiências; incentivar e promover a preparação linguística dos estudantes para novas oportunidades. Enfim, eles têm que ir em buscar dos seus objetivos e aproveitar as oportunidades para se qualificar e se desenvolver pessoalmente e profissionalmente, compartilhando tudo o que eles apreenderam, com o propósito da proliferação do conhecimento e da ciência.

Portanto, esperamos que nosso trabalho possa se tornar uma fonte de informação da importância e dos benefícios que a mobilidade acadêmica proporciona na vida de um estudante, no sentido de gerar o crescimento intelectual

agregado as experiências sociocultural e educacional, que após sua formação terá seu diferencial para ingresso no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, C. R.; NOHARA, J.J. **Monografia no Curso de Administração**: guia completo de conteúdo e forma. São Paulo: Atlas, 2006.

AFONSO, A. J. **Estado, Globalização e Políticas Educacionais**: elementos para uma agenda de investigação, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22_a05.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.

ANDIFES. **Pela Expansão da educação superior pela valorização da educação superior como bem público**. Reunião do Conselho Pleno. Brasília, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br>>. Acesso em 20 fev. 2018.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARUM, S.; VAN DE WATER, J. The Need for a Definition of International Education in US Universities. In: KLASEK, C. B. (Ed.) **Bridges to the Future**: Strategies for Internationalizing Higher Education. Carbonale: Association of International Education Administrators, 1992, p. 191-203.

ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, (2012). **Relatório de Gestão**. Recife: Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), 2012.

ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, (2015). **Relatório de Gestão**. Recife: Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), 2015.

ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, (2016). **Relatório de Gestão**. Recife: Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), 2016.

AZAMBUJA, D. **Introdução à Ciência Política**. 13 ed. São Paulo: Globo, 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70 - LDA, 2009.

BARROSO, J. O Estado, a educação e a regulação das políticas públicas. **Educação & Sociedade** 92. Campinas, v. 26, n. 92, p. 725-751, out. 2005

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a02.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BAUMAN, Z. **Modernity and ambivalence**. In: FEATHERSTONE, M. (org). *Global Culture*, Londres: Sage, 1990.

BRASIL. Decreto nº 14.343, de 07 de setembro de 1920. **Institui a Universidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-14343-7-setembro-1920-570508-publicacaooriginal-93654-pe.html>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Estatuto das Universidades Brasileiras**. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as diretrizes da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. **Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BRASIL. Constituição de República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 19 fev. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2014.

BRASIL. Presidente (2003: L.I. Lula da Silva) **Mensagem ao Congresso Nacional: abertura da 1ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura** / Luiz Inácio Lula da Silva. - Brasília: Presidência da República, Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica, 2003. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/mensagens-ao-congresso/2003/view>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BRASIL. Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. **Lei de Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação É FUNDEB**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11494.htm>. Acesso em: 04. Jul. 2017.

BRASIL. Edital CAPES nº 135/2010 . **Programa de Licenciaturas Internacionais**. 17 jun. 2010a. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/licenciaturas-internacionais/portugal>>. Acesso em: 05 mai. 2014.

BRASIL. Edital CAPES/DRI nº 46/2010 - **Programa CAPES/BRAFAGRI**, 2010b. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital_046_Brafagri_2010.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BRASIL. Edital CAPES/DRI nº 76/2010 - **Programa de Parcerias Universitárias de Graduação em língua espanhola e portuguesa no MERCOSUL**, 2010c. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital076_MERCOSUL_ParceriasUniversitarias.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2017.

BRASIL. Decreto 7.642, de 13 de dezembro de 2011. **Institui o Programa Ciência sem Fronteira**, 2011a. Disponível em <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/Decreto7642-CsF.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BRASIL. Edital CAPES nº 010/2011. **Programa de Consórcios em Educação Superior entre Brasil e Estados Unidos (CAPES/FIPSE)**, 2011b. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_010_FIPSE.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2017.

BRASIL. **Discurso da Presidenta Dilma Rousseff, na cerimônia de regulamentação do programa Ciência sem Fronteiras**, Brasília: Presidência da República. 13 dez. 2011, 2011c. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BRASIL. Portaria 1.466, de 19 de dezembro de 2012. **Institui o Programa Inglês sem Fronteiras**, 2012. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BRASIL. Resolução nº 44, de 17 de setembro de 2013. **Avaliação de Políticas Públicas**, 2013. Disponível em <file:///D:/Downloads/sf-sistema-sedol2-id-documento-composto-40860.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2017.

BRASIL. Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014. **Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras**, 2014. Disponível em <http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf> Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. **Relatório nº 21 - COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA (CCT) de 2015**. Brasília: Senado Federal, 2015. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/185018.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016.

DE WIT, H. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe: a historical, comparative, and conceptual analysis**. Westport: Greenwood Press, 2002.

DRI CAPES- Diretoria de Relações Internacionais. **Manual de Candidatura**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/c/document_library/get_file?Uuid=2786a5fd-93e2-4eff-a069-a2448fc5ed11&groupId=214072> Acesso em: 26 mai. 2017.

DIAS. R. **Ciência Política**. São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS SOBRINHO, J. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado: Sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ESPINOZA, O.; GONZALEZ, L. Universidad y bien publico nuevas tendencias em América Latina. In: Fuente, Juan Ramon de La; Didriksson, A. (Coords.). **Universidad, responsabilidade social y bien publico: el debate deste América Latina**. México: Universidad de Guadalajara, 2012, p.123-151.

FRANKENBERG, C. L. C. Internacionalização na formação pessoal e acadêmica do Engenheiro formado na PUCRS. In: AUDY, J. L. N.; MOROSINI, M. C. (Orgs.). **Inovação, universidade e internacionalização: boas práticas na PUCRS**. Porto

Alegre: EDIPUCRS, 2010. p.143-152.Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/edipucrs/internacionalizacao-boaspraticas.pdf>>. Acesso em: 20 dez.2017.

FOSSÁ, M. I. T. **A cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias- uma definição teórica e operacional**. 296f. 2003. Tese (Doutorado em Administração) . Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2232/000366156.pdf?sequence=1>
>. Acesso em: 26 mai. 2017.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, A. M. Políticas públicas, discurso e educação. In: Alfredo M. Gomes. (Org). **Políticas Públicas e Gestão da Educação**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, v. 1, p.19-33.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: SILVA, Tomaz Tadeu da; Louro, Guaciara Lopes. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KNIGHT, J. **Internationalization: Elements and checkpoints**. Ottawa, Canada: Canadian Bureau for International Education, 1994.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 2 ed. Rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação. In: LIBÂNEO, J. C (Org); SANTOS, A. (Org). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alínea, 2005. p.15-58.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, Manolita C.; AVRICHIR, Ilan; CONTEL, F. B. **Internacionalização da Educação Superior: Nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento.** São Paulo: Alameda, 2011.

LUDOVICO, N. **Como preparar uma empresa para o comércio exterior.** São Paulo: Saraiva, 2009.

MATTOS, P. L. Análise de entrevistas não estruturadas: da formalização à pragmática da linguagem. In: SILVA, A. B. (Org); GODOI, C. K; BANDEIRA-MELLO, R. (Org). **A pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos.** São Paulo: Saraiva, 2006. p. 823 -846.

MOROSINI, M. C. Do compromisso ao comprometimento: o estudante e a aprendizagem. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 2, p.23-44, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/er/nspe2/02.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.

MOROSINI, M. C. Qualidade da Educação Superior e Contextos emergentes. **Revista Avaliação**, Campinas, Sorocaba, SP, v.19, n.2, p.385-405, jul. 2014. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/aval/v19n2/a07v19n2.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil.** 31ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

RUSCHDIE, S. **Imaginary Homelands.** Londres: Granta Books, 1991.

SANTOS, F. S; ALMEIDA FILHO, N de. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

SANTOS. P. S. M. B. **Guia Prático da Política Educacional no Brasil: ações, planos, programas e impactos.** São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SAVIANI, D. **Histórias das Ideias Pedagógicas no Brasil.** 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

SENNETT, R. **The ideas of disorder**. Harmondsworth: Penguin, 1971.

SILVA, S. K; FERRONATO, F.; BARUFFI, M.M. **Políticas Educacionais**. Londrina: Editora e Distribuição S.A., 2014.

TRINDADE. H. **Estudos Avançados: Saber e poder - os dilemas da universidade brasileira**, 2000.

UFRPE. **Resolução nº 442/2006 de 16 de outubro de 2006**. Dispõe sobre dispensa de disciplinas já cursadas pelos alunos matriculados nos diferentes cursos de graduação das Unidades Acadêmicas da UFRPE. Recife, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), 2006. Disponível em: <<http://seg.ufrpe.br/resolucoes>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

UFRPE. **Relatório de Gestão exercício 2012**. Recife: Pró-Reitoria de Planejamento (ACI), 2012.

UFRPE. **Plano de Desenvolvimento Institucional: UFRPE 2013-2020**. Recife: Pró-Reitoria de Planejamento (ACI), 2013.

UNESCO. **Educación Superior en una sociedad mundializada**. Sector de educación de la UNESCO. Documento de posición. 2003. Disponível em: <www.iesalc.unesco.org.ve>. Acesso em: 26 nov. 2017.

UNESCO. **Tendências da Educação Superior no século XXI: Anais da conferência Mundial do Ensino Superior**. Paris, UNESCO, 1998.

VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado Aluno

Você está convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada **“VALIAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO”**. Meu nome é Geyza Lustosa, trabalho na Assessoria de Cooperação Internacional da UFRPE e sou a pesquisadora responsável.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, marque **“aceito”** ao final do termo. Caso não deseje participar, marque **“não aceito”** e será direcionado para próxima página. Se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail: gllustosa@hotmail.com ou pelo telefone (81) 994572562.

A pesquisa faz parte da dissertação do Programa do Mestrado Profissional em Gestão de Políticas para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco, tendo como objetivo geral da pesquisa: analisar a relevância do programa de mobilidade internacional **Ciência sem Fronteiras** na formação dos estudantes de graduação da UFRPE, considerando os contextos socioculturais e educacionais envolvidos.

A metodologia utilizada será de caráter descritivo e exploratório. Os procedimentos metodológicos a serem utilizados no projeto são coleta de dados e questionário aplicado aos estudantes que fizeram mobilidade acadêmica, através do Programa CsF. O questionário será anônimo e é garantido o sigilo que assegura a privacidade dos participantes.

O resultado da pesquisa terá relevância, porque será embasado com o arcabouço teórico para propor indicações de melhorias para fortalecer as políticas educacionais e implementação da Internacionalização na UFRPE, fomentando à formação dos estudantes.

Você concorda com o TCLE e aceita participar a pesquisa, respondendo a este questionário preferencialmente até o dia XXXXXX? Tempo estimado para responder: 3 a 4 min.

() Sim, aceito participar da pesquisa.

() Não aceito participar da pesquisa.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM (TCUI)

Neste ato, eu AUTORIZO o uso da minha imagem e nome, para ser utilizado na pesquisa intitulada **AVALIAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**, da autora e pesquisadora Geyza Lustosa.

A pesquisa faz parte da dissertação do Programa do Mestrado Profissional em Gestão de Políticas para o Desenvolvimento do Nordeste da Universidade Federal de Pernambuco, tendo como objetivo geral da pesquisa: analisar a relevância do programa de mobilidade internacional Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes de graduação da UFRPE, considerando os contextos socioculturais e educacionais envolvidos.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Mobilidade Internacional do Programa Ciência sem Fronteiras - Estudantes

- 1) A mobilidade internacional realizada através do Programa Ciência sem Fronteiras teve relevância na sua vida pessoal e acadêmica?

() sim () não

Caso sim, na sua opinião na escala de 1 a 5, em que 1 é fraco e 5 é forte.

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- 2) Em seus relacionamentos no exterior o que você buscou para sua educação continuada?

() Pós-Graduação em Universidades no exterior

() Estágio internacional

() ESO em Universidade Internacional

() Nenhum

- 3) Após a mobilidade internacional, que aspectos refletiram como diferencial para inserção no mercado de trabalho?

() Fluência no idioma

() Expertise acadêmica diferenciada

() Amadurecimento pessoal

() Experiência prática

- 4) Quais os benefícios mais relevantes que a participação do Csf tiveram na sua formação profissional. Escala de 1 a 5. Em que, 1 é fraco e 5 é forte:

	1	2	3	4	5
Crescimento pessoal					
Aperfeiçoamento acadêmicos					
Práticas e estágio realizados					
Proficiência no idioma					
Contatos promissores					
Experiências culturais					
Relacionamento interpessoais					

- 5) Quais os aspectos culturais e pessoais na mobilidade acadêmica que mais impactaram na sua formação profissional? Escala de 1 a 5. Em que, 1 é fraco e 5 é forte:

	1	2	3	4	5
Diferenças culturais					
Desafios pessoais					
Aperfeiçoamento da língua					
Relacionamento com os nativos					

- 6) Quais os aspectos educacionais na mobilidade acadêmica que mais impactaram na sua formação profissional? Escala de 1 a 5. Em que, 1 é fraco e 5 é forte:

	1	2	3	4	5
Método Acadêmico diferenciados nas Instituições estrangeiras					
Qualidade de Ensino					
Experiências práticas					
Estágio realizado					
Disciplinas cursadas					

- 7) Você julga que as disciplinas que você cursou fora do Brasil foram satisfatórias para sua formação acadêmica? Em nível de escala de 1 a 5. Em que, 1 é fraco e 5 é forte.

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- 8) As disciplinas cursadas foram aproveitadas no seu histórico escolar? Em nível de escala de 1 a 5. Em que, 1 é fraco e 5 é forte.

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

- 9) Como você avalia a recepção da Universidade em relação ao seu retorno? Em nível de escala de 1 a 5. Em que, 1 é fraco e 5 é forte.

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

10) Na sua opinião, o que a Universidade deveria ter feito e não realizou para sua formação após o seu retorno do Programa Ciência sem Fronteiras?

- () Curso de Aperfeiçoamento no idioma
 - () Aproveitamento das disciplinas cursadas
 - () Outros: _____
-

Fonte: A autora (2017).

ANEXO A - FORMULÁRIO DE DEPOIMENTOS DOS ESTUDANTES QUE VOLTARAM DA MOBILIDADE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
ASSESSORIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

EXPERIÊNCIA EM MOBILIDADE

1. Dados Pessoais:

Nome: _____

Curso: _____ E-MAIL: _____

Telefone fixo: () _____ Telefone Celular: () _____

Programa: _____

Período: _____

Universidade: _____ País: _____

2. Relate suas experiências acadêmicas (fatores positivos e negativos):

3. Relate suas experiências pessoais (fatores positivos e negativos):

4. Sugestões:

Data: __/__/__

Fonte: Assessoria de Cooperação Internacional, (2012).